

PMCDFF plano municipal de defesa da floresta contra incêndios

INFORMAÇÃO DE BASE

Caderno I

Dezembro de 2014

Comissão Municipal de Defesa da Floresta
contra Incêndios de Seia



ÍNDICE

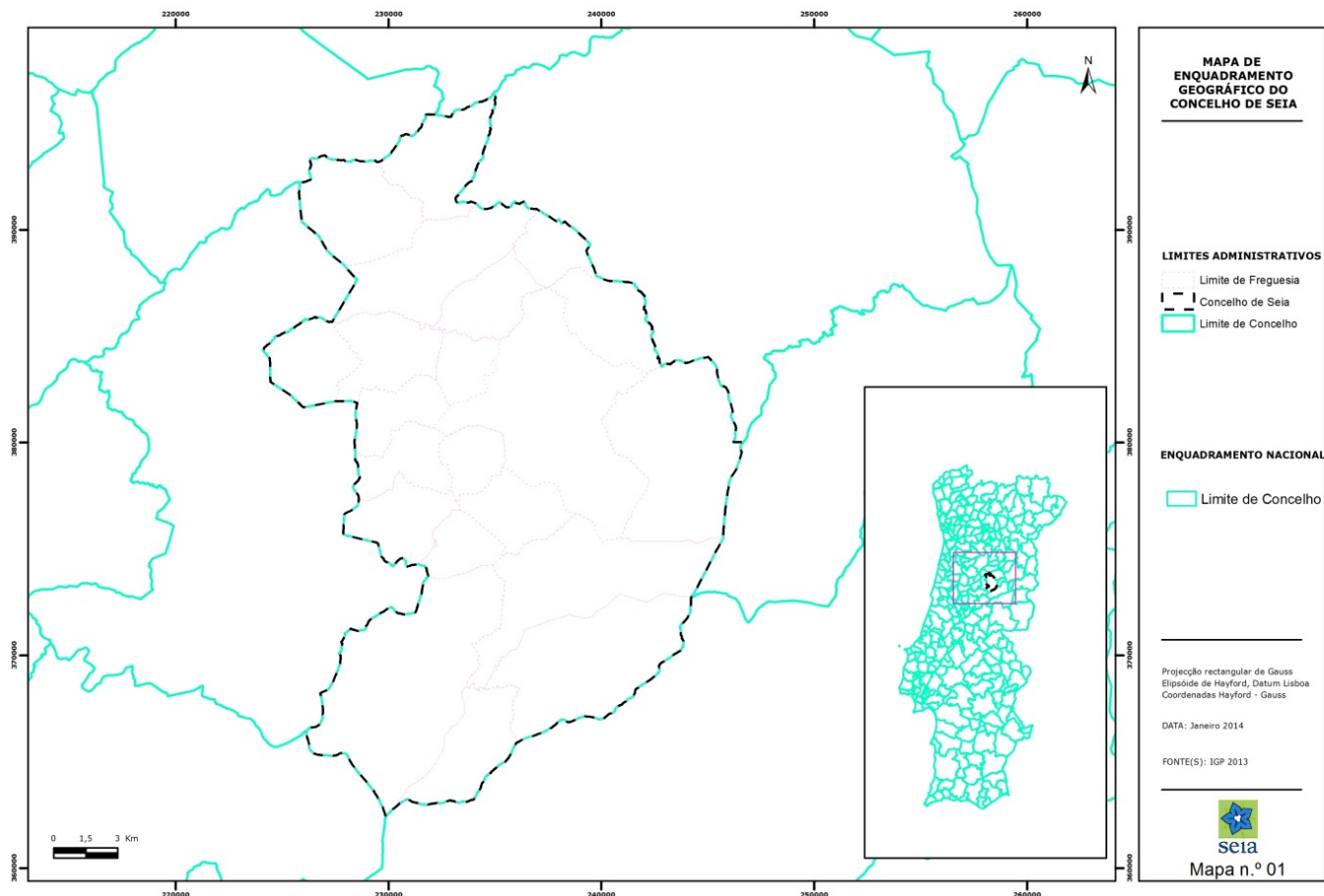
1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA	4
1.1 – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE SEIA	5
1.2 – HIPSOMETRIA	6
1.3 – DECLIVE	8
1.4 – EXPOSIÇÃO	10
1.5 – HIDROGRAFIA	11
2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA	15
2.1 – TEMPERATURA DO AR.....	16
2.2 – HUMIDADE RELATIVA DO AR	17
2.3 – PRECIPITAÇÃO	19
2.4 – VENTOS.....	20
3. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	23
3.1 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (1991/2001/2011) E DENSIDADE POPULACIONAL (2011).....	24
3.2 – ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011) E SUA EVOLUÇÃO (2001 - 2011)	28
3.3 – POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE (%) - 2011	33
3.4 – TAXA DE ANALFABETISMO (2011).....	37
3.5 – ROMARIAS E FESTAS.....	40
.....	52
4. PARÂMETROS CONSIDERADOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DO USO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS	53
4.1 – OCUPAÇÃO DO SOLO	54
4.2 – POVOAMENTOS FLORESTAIS.....	57
4.3 – ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 (ZPE, ZEC) E REGIME FLORESTAL.....	63
4.4 – INSTRUMENTOS DE GESTÃO FLORESTAL	67
4.5 – ZONAS DE RECREIO FLORESTAL, CAÇA E PESCA.....	69
5 – ANÁLISE DO HISTÓRICO E DA CASUALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS	72
5.1 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO ANUAL	73
5.2 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO MENSAL.....	80
5.3 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL	82
5.4 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA	84
5.5 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA	85
5.6 – ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS.....	86

5.7 – ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO	87
5.8– PONTOS DE INÍCIO E CAUSAS.....	88
5.9 – FONTES DE ALERTA.....	92
5.10 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO ANUAL.....	93
5.11 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO MENSAL	97
5.12 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL	98
5.13 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA	99
6 – ANEXO – CARTOGRAFIA DE ENQUADRAMENTO	100

1.CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

1.1 – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE SEIA

O concelho de Seia integra o distrito da Guarda e situa-se na região Centro, mais especificamente na sub-região da serra da Estrela. Com 24.702 habitantes (Censos 2011) e com uma área de 43.571 hectares (435,71km²), é um concelho que atualmente e de acordo com a Lei n.º 11-A/2013 de 28 de Janeiro referente à reorganização administrativa do território das freguesias compreende 21 freguesias, 12 das quais parcial ou totalmente inseridas na área do Parque Natural da Serra da Estrela.



A maior é a união de freguesias de Vide e Cabeça, com 5.647,46 hectares a menor é a freguesia de Santiago, com 743,49 hectares. A área média das freguesias é 2.074,81 hectares.

O concelho de Seia está compreendido aproximadamente entre as coordenadas (234906,037; 396379,045) norte, (224089,694; 384344,724) este,

(229848,371; 362421,834) sul e (246599,456; 379524,682) oeste e confronta com outros sete concelhos, sendo limitado a oeste por Oliveira do Hospital, a sudoeste por Arganil, a sudeste pela Covilhã, a oeste por Manteigas, a nordeste por Gouveia, a norte por Mangualde e a noroeste por Nelas. A área do concelho está representada nas cartas militares n.º 200, 201, 211, 212, 222, 223, 233 e 234.

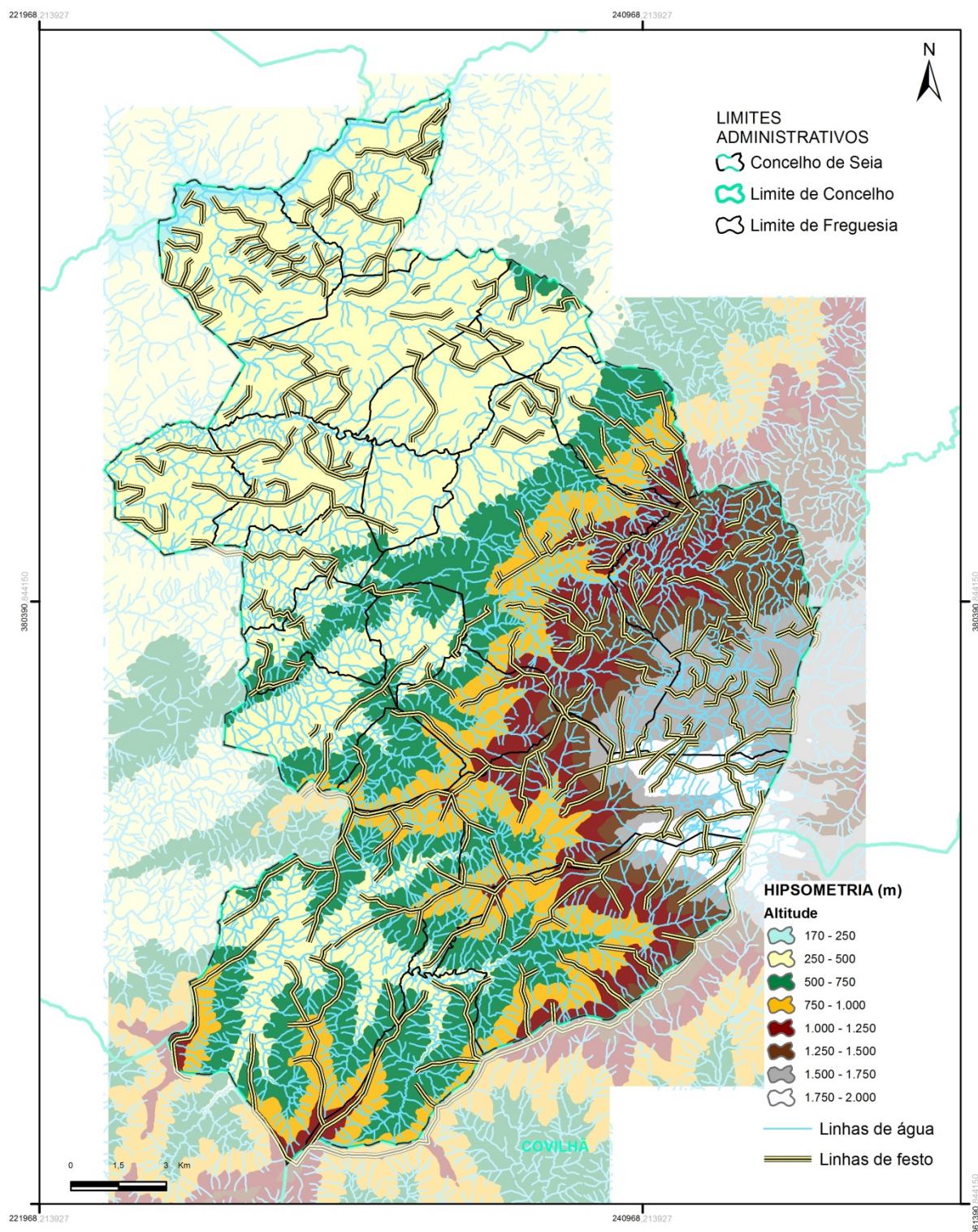
Relativamente ao enquadramento regional, o concelho de Seia insere-se na CCDR Centro, enquadrando-se, segundo o Decreto-Lei n.º 244/2002, de 5 de Novembro, na unidade Continente da NUT nível I, na unidade Centro da NUT nível II e na unidade Serra da Estrela, da NUT nível III, sendo parte integrante da área de intervenção da Direção Regional de Agricultura da Beira Interior (DRABI). No que respeita à estrutura orgânica do ICNF (Portaria 574/2004 de 28 de Maio), o concelho de Seia enquadra-se na área de atuação da Circunscrição Florestal do Centro, mais precisamente na área do Núcleo Florestal da Beira Interior Norte, sendo a intervenção regulada pelo respetivo Plano Regional de Ordenamento Florestal.

1.2 – HIPSOMETRIA

Com uma altitude média de 755 metros, o concelho de Seia tem a sua cota máxima nos 1993 metros, a Sudeste, na zona da Torre da serra da Estrela e a sua cota mínima nos 170 metros, a Norte, junto ao rio Mondego.

Esta vasta gama de altitudes permite a existência de habitats diversos, com diferentes espécies e comunidades vegetais, adaptadas às diferentes altitudes.

Enquanto nas freguesias mais a Norte do concelho, a altitude varia de forma muito progressiva, nas freguesias mais a Sul, a variação de altitude é muitas vezes abrupta, levando a que os incêndios subam rapidamente as encostas declivosas, auxiliados frequentemente pelo efeito chaminé que se faz sentir junto às linhas de água, situadas em vales encaixados, providos de uma rede viária florestal muitas vezes inexistente ou insuficiente e com pouca manutenção, fatores que muito contribuem para dificultar o combate e originar incêndios de grandes proporções.



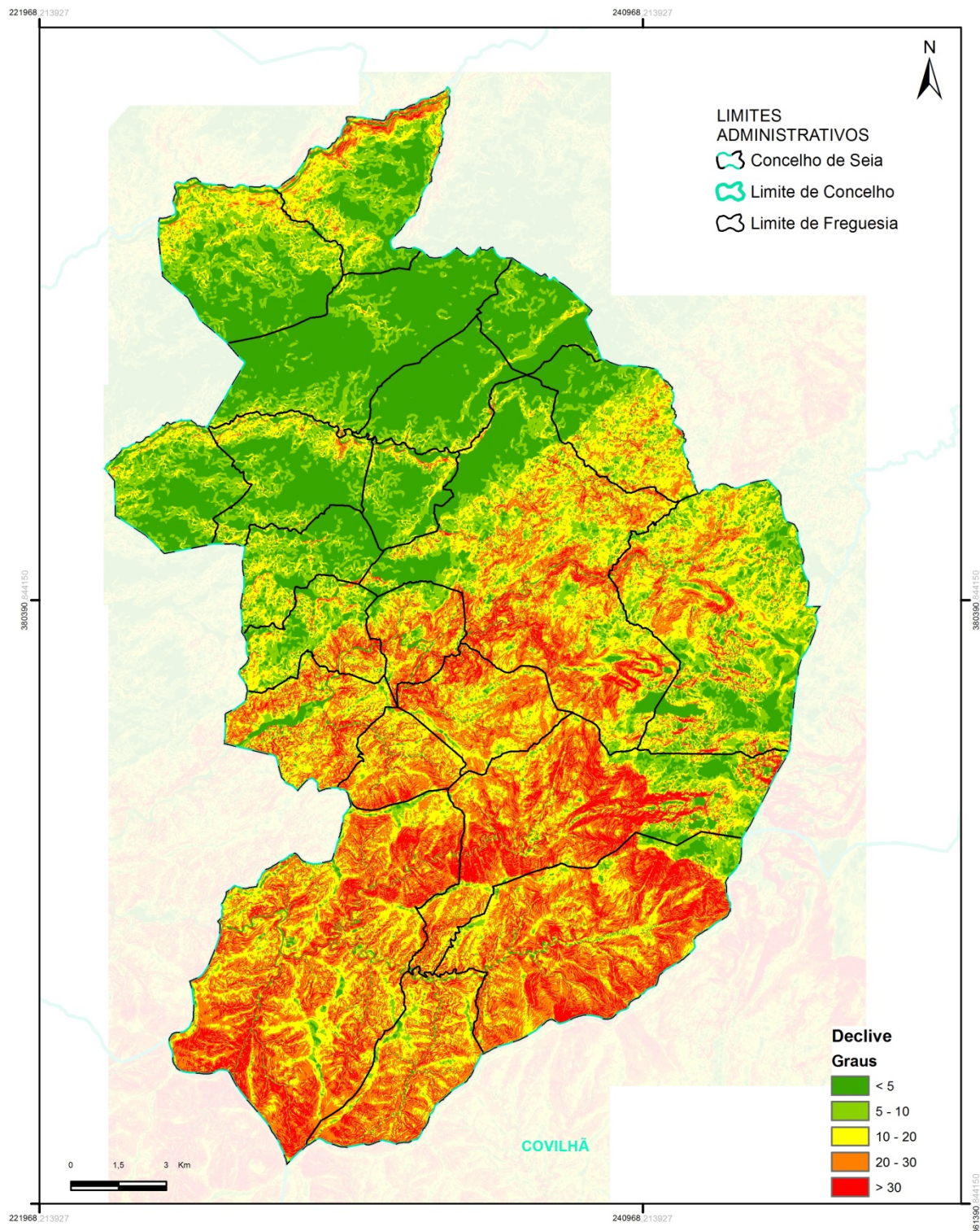
 seia	MAPA HIPSOMÉTRICO DO CONCELHO DE SEIA		
	Projectão rectangular de Gauss Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa Coordenadas Hayford - Gauss	Elaboração: Fevereiro de 2014 MAPA N.º 2	Fonte(s): IGP (2013), DGRF (2007)

1.3 – DECLIVE

A nível da totalidade do concelho de Seia, o declive médio ronda os 15 graus, contudo, na porção mais a Sul, os declives são maioritariamente superiores a 20 graus e em muitas zonas superiores a 30-40 graus, como se observa pelo mapa de declives.

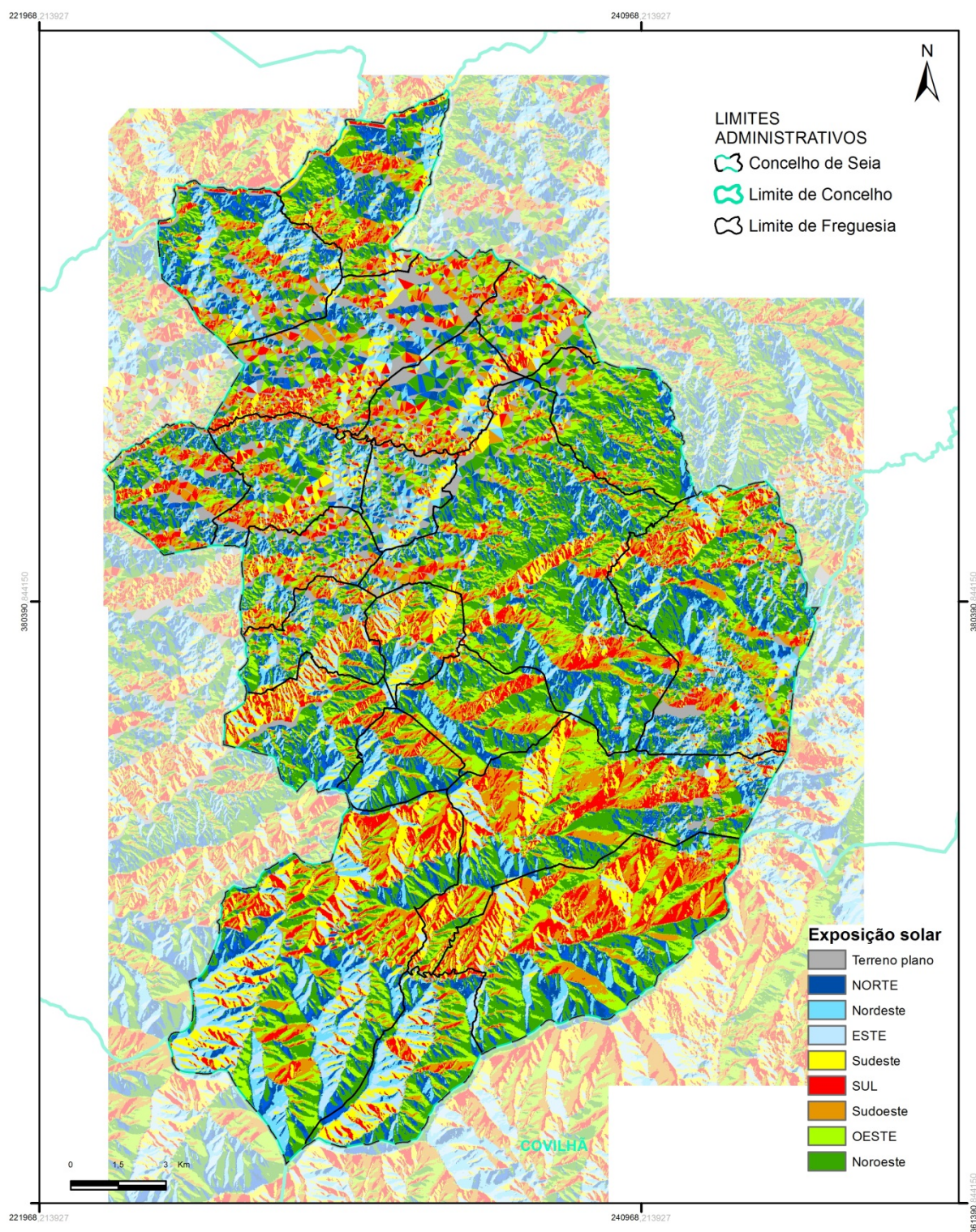
O fato da porção do concelho mais declivosa ser a que apresenta uma maior ocupação florestal, menos compartimentada pelos espaços agrícolas e sociais, constituindo um quase contínuo de povoamentos praticamente sem gestão, zonas incultas, pastagens, etc., leva a que os incêndios florestais que ocorrem na zona Sul do concelho sejam mais difíceis de combater, mais ainda porque, na maioria dos casos, as linhas de cumeada não se encontram desprovidas de vegetação. Assim, os incêndios nesta zona percorrem usualmente grandes extensões antes de serem extintos, sendo necessário recorrer a procedimentos de combate indireto para travar as chamas.

Por outro lado, o facto do Sul do concelho de Seia ser muito declivoso e com grandes extensões de espaços florestais contínuos, leva a que as operações de silvicultura preventiva que aí têm de ser realizadas em grande número, em vastas áreas, e com maior frequência, sejam mais onerosas, pois a sua execução é muito dificultada pelo declive e pela grande densidade das espécies arbóreas e arbustivas.



	CARTA DE DECLIVES DO CONCELHO DE SEIA		
Projeção rectangular de Gauss Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa Coordenadas Hayford - Gauss		Elaboração: Fevereiro de 2014 MAPA N.º 3	Fonte(s): IGP (2013), DGRF (2007)

1.4 – EXPOSIÇÃO



CARTA DE DECLIVES DO CONCELHO DE SEIA

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Fevereiro de 2014
MAPA N.º 3

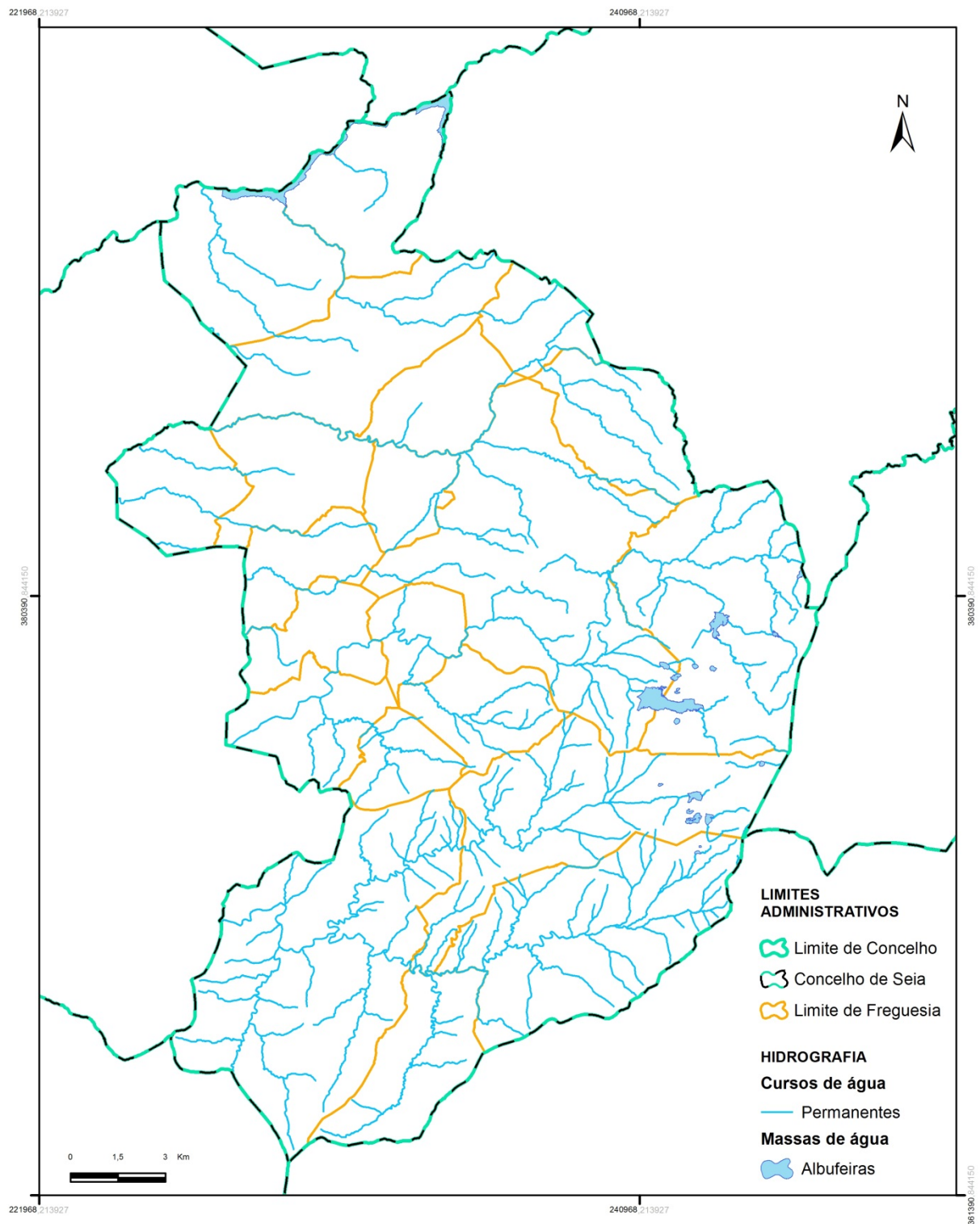
Fonte(s): IGP (2013), DGRF (2007)

Pela observação do mapa de exposições, é fácil constatar que as áreas sem qualquer exposição são quase exclusivas do Norte do concelho, onde a orografia do terreno é mais regular. A Sul, onde o relevo é mais acidentado, com zonas de montanha muito declivosas e vales encaixados, verifica-se uma grande variabilidade das exposições, sendo possível encontrar diversas encostas viradas a norte, com solos mais profundos e logo, com maior ocupação vegetal. São igualmente frequentes as encostas viradas a sul, com solos mais esqueléticos e menor volume de combustíveis, mas com espécies de grande inflamabilidade, como a carqueja e a urze, que apresentam níveis de humidade muito baixos logo desde o início da manhã, fruto da maior insolação, o que propicia a ocorrência de deflagrações, facilitando igualmente a propagação dos incêndios.

1.5 – HIDROGRAFIA

O concelho de Seia possui uma rede hidrográfica extensa, fruto de estar integrado na serra da Estrela, onde têm origem os dois maiores rios exclusivamente portugueses, o Mondego e o Zêzere, além de importantes cursos de água, como o rio Alva, a ribeira de Alvoco e o rio Seia.

Esta extensa rede hidrográfica representa uma maior disponibilidade hídrica para as várias espécies vegetais, originando grandes crescimentos da vegetação espontânea junto dos cursos de água, que tornam mais difícil o combate aos incêndios florestais, uma vez que estes tiram partido destes corredores de combustível para progredirem rapidamente no terreno. Isto pode originar situações perigosas no combate, principalmente em zonas declivosas, pois nestas faixas de combustível junto às linhas de água é comum fazer-se sentir o efeito chaminé, responsável por avanços súbitos na cabeça do fogo, que por vezes contornam e circundam os meios de combate, com graves consequências. Assim, é de extrema importância ser feita uma gestão regular dos combustíveis nestas faixas junto às linhas de água.



	MAPA HIDROGRÁFICO DO CONCELHO DE SEIA		
	Projeção rectangular de Gauss Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa Coordenadas Hayford - Gauss	Elaboração: Janeiro de 2008 MAPA N.º 5	Fonte(s): IGP (2006), CMS 2006, IGEOE 2004

O concelho pode ser dividido nas seguintes bacias de drenagem: ribeira de Alvoco, rio Alva, rio Mondego, rio Seia e rio Zêzere.

Tendo em conta o facto da área mais declivosa do concelho de Seia se situar precisamente nas bacias hidrográficas do rio Alva e da ribeira de Alvoco, é justamente nesta zona que são mais comuns os escorrimentos do tipo torrencial, especialmente em zonas ardidas, levando a situações graves de proteção civil, uma vez que são arrastados com as águas não apenas as cinzas e a porção mais fina do solo, mas também a mais grosseira, incluindo rochas de grande calibre e troncos de árvores ardidas, que vão danificar, ou mesmo destruir por completo, pontes e açudes e entupir aquedutos, levando ao corte de estradas e a aluimentos de terras. Foi o que sucedeu em Outubro de 2006 e novamente em Março de 2007 um pouco por toda a área ardida em Julho de 2005, especialmente nas freguesias de Alvoco da Serra, Teixeira e Vide, tendo sido destruídos inúmeros pontões e açudes ao longo da ribeira de Alvoco e da ribeira do Piódão, como podemos observar nas fotografias abaixo.



Açude caneiro parcialmente destruído (Vide).



Material arrastado pelas águas que se acumulou debaixo de uma ponte na EN 231 (Alvoco).



A estrada municipal Vide – Gondufo foi muito afetada, em especial no cruzamento do Piódão.



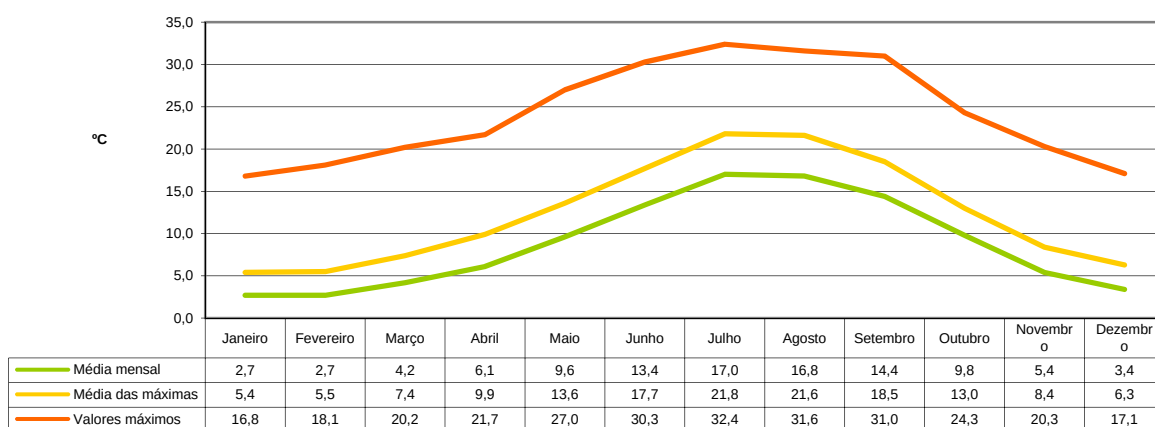
Ponte destruída em Vasco Esteves, Alvoco da Serra.

2.CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

No concelho de Seia, apesar de existir uma estação climatológica, situada na Lagoa Comprida, freguesia de Sabugueiro, e dois postos udométricos, um na freguesia de Seia e outro na freguesia de Paranhos da Beira, não foi possível obter dados senão os registados pela estação climatológica das Penhas Douradas, localizada num local próximo do limite entre o concelho de Gouveia e de Seia, e a partir dos quais foram elaboradas as normais climatológicas para a região da Beira Interior, utilizadas na elaboração dos gráficos seguintes.

2.1 – TEMPERATURA DO AR

Valores mensais da temperatura média, média das máximas e valores máximos no concelho de Seia (1951-1980)



A temperatura do ar, a humidade relativa e a velocidade do vento são os parâmetros climatéricos que mais influenciam a ocorrência e a intensidade dos incêndios, pois interagem entre si, criando condições mais favoráveis à ignição dos combustíveis e à propagação de incêndios. Assim, no que se refere ao parâmetro temperatura, a sua influência sobre a dessecação dos combustíveis, e consequentemente sobre a ocorrência e a propagação de incêndios, varia de acordo com o período do dia e a estação do ano.

A sua influência sobre o teor em humidade dos combustíveis depende igualmente da precipitação, mais frequente no período de Inverno e início da Primavera, e da intensidade do vento, pois se a temperatura do ar for elevada, mesmo que ocorra alguma precipitação, os ventos rapidamente promovem a

evaporação da água nos combustíveis florestais, que é tão mais rápida quanto mais finos forem esses combustíveis.

Como podemos verificar pelo gráfico das temperaturas médias mensais, é no período de Abril a Outubro que o seu efeito mais se faz sentir sobre o teor em humidade dos combustíveis, já que nesse período, e como iremos ver, a humidade relativa do ar e a precipitação são mais baixas.

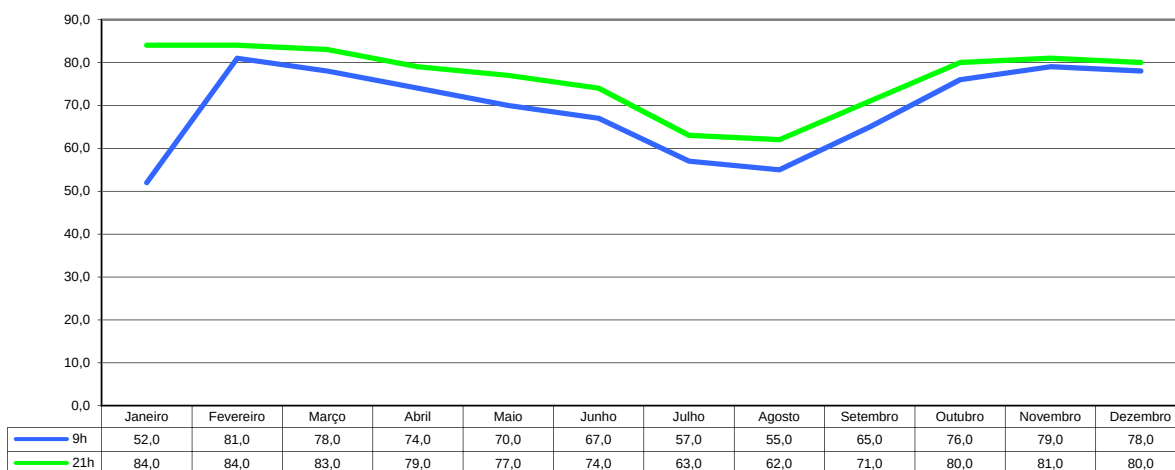
2.2 – HUMIDADE RELATIVA DO AR

A humidade relativa do ar expressa a proporção de vapor de água por metro cúbico de volume de ar (humidade absoluta), relativamente à quantidade máxima de vapor de água que esse volume de ar pode conter (ponto de saturação). Tem origem fundamentalmente na água evaporada das diversas massas de água, da água evaporada a partir do solo, proveniente da precipitação, e da água transpirada pelas plantas e animais e apresenta um papel preponderante sobre a probabilidade de ocorrência de incêndios, já que condiciona a humidade dos combustíveis florestais, e consequentemente a sua inflamabilidade e combustibilidade. No entanto, a influência que exerce depende em larga escala da intensidade dos ventos, que dessecam os materiais, e da exposição solar dos combustíveis, já que os combustíveis situados em encostas com exposição norte mantêm o teor de humidade nos combustíveis mais tempo durante o dia, relativamente às encostas com outras exposições, especialmente as com exposição sul.

A diminuição da humidade do ar, como referimos, implica uma diminuição proporcional da humidade dos combustíveis, afetando em primeiro lugar os combustíveis mais finos, do estrato herbáceo, com maior inflamabilidade, e em segundo os combustíveis mais grossos, dos estratos arbustivo e arbóreo, alguns deles com grande combustibilidade e com grande volume de material combustível.

Assim, ao diminuir a humidade relativa do ar, logo diminui a dos combustíveis, em particular se existirem temperaturas elevadas e algum vento, havendo uma diminuição rápida do teor em humidade dos combustíveis mais finos, que facilmente entram em ignição, mas que não contribuem com grande carga combustível. No entanto, com a progressão do fogo ou com a contínua diminuição do teor em humidade do ar, o teor em humidade dos combustíveis mais grossos vai diminuindo, tornando cada vez mais fácil a sua ignição e a sua combustão. Este processo é o que normalmente decorre nos incêndios florestais.

Humidade relativa mensal no concelho de seia às 9h e 21 (1951-1980)



Como podemos verificar no gráfico da humidade relativa da estação das Penhas Douradas, é nos meses de Abril a Outubro que a humidade relativa do ar é mais baixa, precisamente quando as temperaturas do ar são mais elevadas, o que leva a que neste período, e em particular nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro, o risco de incêndio seja mais elevado, por norma, que em qualquer outro período do ano. No Ano de 2005, o período estival foi exceccionalmente quente e seco, tendo-se verificado humidades relativas médias de 46% em Junho e de 36% em Agosto. Este facto muito terá contribuído para o grande número de ocorrências e a muito grande área ardida nesse ano, em particular no incêndio de 19 de Julho de 2005, no qual arderam mais de 17.500hectares, dos quais 7.100hectares apenas no concelho de Seia.

2.3 – PRECIPITAÇÃO

A precipitação é igualmente um dos fatores climáticos mais importantes do ponto de vista da Defesa da Floresta Contra Incêndios, já que a sua intensidade e frequência condiciona o teor em humidade dos combustíveis e pode, por vezes, auxiliar ou mesmo ser o principal responsável pela supressão e extinção de incêndios.

Como facilmente se constata pela observação do gráfico relativo ao comportamento da precipitação no concelho de Seia nos últimos 30 anos, os meses de Maio a Setembro são os que apresentam os valores mais baixos de precipitação, o que, juntamente com a baixa humidade relativa e as elevadas temperaturas que se fazem sentir neste período, cria as conhecidas condições ideais para a deflagração e propagação de incêndios neste período, e especialmente nos meses de Junho a Setembro. Este facto leva a que os dispositivos de pré-supressão e supressão, aos vários níveis, apresentem um maior grau de preparação e prontidão neste período.

Precipitação mensal no concelho de Seia (1951-1980)



2.4 – VENTOS

Este parâmetro é um dos mais importantes no que se refere à DFCI, em parte, porque é responsável pela dessecação dos combustíveis, levando a que, ainda que as temperaturas não sejam elevadas e os níveis de humidade relativa do ar sejam moderados, os combustíveis possam apresentar baixos teores em humidade, visto que o ar em movimento junto à parte aérea das plantas promove a evaporação da água nos tecidos das mesmas.

Médias mensais da frequência e velocidade do vento no concelho de Seia (1951-1980)*

	N		NE		E		SE		S		SW		W		NW		C
	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f
Janeiro	2,4	14,4	2,4	10,9	7,2	13,7	20,4	15,3	12,4	18,5	9,7	22,3	28,8	33,6	14,6	34,9	2,1
Fevereiro	2,2	13,6	2,1	11,0	8,2	15,2	22,4	15,9	10,1	19,0	9,8	22,1	31,2	34,4	11,8	30,3	2,2
Março	2,1	18,8	3,0	12,3	9,7	14,5	21,1	17,1	9,9	20,6	8,2	19,3	30,6	32,4	14,4	32,1	1,0
Abril	4,3	13,8	5,8	13,2	13,8	13,9	18,5	14,4	7,0	16,0	5,5	21,0	27,1	29,5	16,5	27,3	1,6
Maio	4,5	14,5	4,7	11,6	9,8	13,1	19,1	13,2	7,2	14,4	6,3	23,3	29,6	28,5	17,0	24,7	1,8
Junho	3,9	12,5	3,9	11,1	10,8	11,6	18,7	11,9	6,6	13,0	4,3	18,9	30,0	25,9	19,0	22,6	2,8
Julho	5,0	13,8	3,8	10,5	8,6	10,4	18,4	11,3	5,5	11,6	3,7	18,8	30,7	26,1	21,7	23,9	2,6
Agosto	4,4	12,0	3,3	11,4	9,4	11,8	16,3	11,0	4,4	14,4	4,5	18,0	34,4	26,2	21,9	23,1	1,5
Setembro	3,4	13,0	3,2	10,1	8,7	12,2	21,9	12,4	8,2	13,7	6,9	16,8	29,8	25,5	15,8	22,2	2,0
Outubro	2,6	13,1	4,0	11,6	12,7	14,1	29,2	14,7	10,0	15,3	6,6	17,2	20,4	28,4	12,4	27,9	2,0
Novembro	3,1	15,7	2,5	11,4	9,9	14,7	21,6	17,2	13,4	18,1	8,0	20,2	25,0	32,4	12,9	28,1	3,6
Dezembro	2,8	18,5	3,1	11,2	8,1	14,2	18,9	15,7	9,1	17,7	8,8	20,0	30,3	34,7	16,2	31,9	2,7

f = frequência média (%) e v = velocidade média do vento (km/h)

c = situação em que não há movimento apreciável do ar, a velocidade não ultrapassa 1 km/h

* - Estação meteorológica de Penhas Douradas

Como se constata, a velocidade média do vento não varia muito ao longo do ano, mas é por norma inferior nos meses mais quentes, tendo o seu pico nos meses de Janeiro e Dezembro. Esta realidade é vantajosa em termos DFCI, pois existem em média ventos mais fracos no período em que se verifica uma maior probabilidade de ocorrência de incêndios, pelo que diminuem de modo menos intenso a humidade dos combustíveis e contribuem menos para a propagação das chamas, muito embora, como se sabe, nos grandes incêndios, sejam geradas correntes de vento locais, geralmente ascendentes, que alteram o padrão normal dos ventos e afetam a progressão das chamas.

Relativamente à orientação dos ventos, recorrendo aos dados da tabela anterior, foi possível elaborar um gráfico para o período de 1951 a 1980, em que se representa a frequência dos ventos de acordo com o seu rumo:



O rumo mais frequente em termos médios anuais é assim o rumo Oeste, seguido do Sudeste e do Noroeste.

No entanto, as estações do Inverno e do Verão apresentam fortes disparidades, a nível de velocidade e rumo dos ventos dominantes. Assim, no Inverno, verifica-se uma predominância de ventos Oeste e Noroeste, uma vez que estes resultam da ação dos ventos alísios e da cintura de depressões, condicionantes mais frequentes no período invernal, quando a cintura de depressões desce até à nossa latitude, originando ventos fortes, predominantemente com rumo Noroeste.

No Verão, pelo contrário, verifica-se uma predominância de ventos dos quadrantes Norte, Oeste e Sudeste, a qual se deve principalmente à influência de dois anticiclones, o dos Açores e o do Norte de África, mas também à ação dos ventos alísios e das depressões formadas em Espanha.

É também no período estival que são mais frequentes os ventos com rumo Oeste, resultantes da ação dos ventos alísios e do aquecimento das massas de ar e respetiva ascensão, originando baixas pressões. São também habitualmente registados no Verão ventos com rumo Noroeste, criados pela ação do anticiclone do Sahara que se forma nesta altura do ano e que projeta ar extremamente quente e seco rumo à península Ibérica, originando as vagas de calor que assolam o país no Verão.

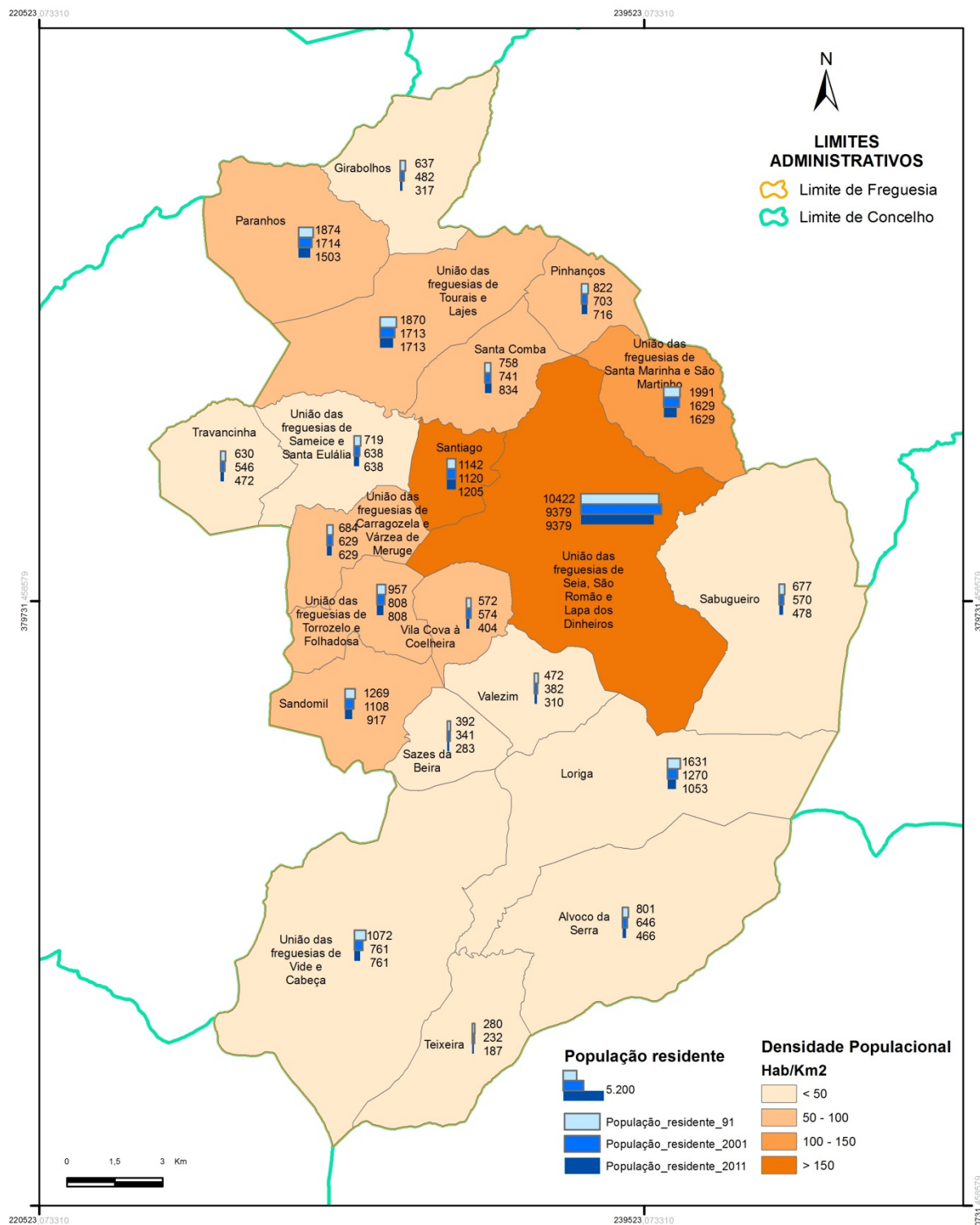
Nas zonas de montanha, frequentes no Sul do concelho, ocorrem ventos locais de baixa intensidade, designados brisas, originados pelo aquecimento e arrefecimento desigual das superfícies adjacentes dos vales e dos cumes, pela radiação solar durante o dia e pela radiação terrestre durante a noite, que criam um gradiente de pressão entre o cume e o vale, à semelhança do que sucede com as brisas marítimas, nas zonas costeiras.

Assim, durante a manhã, a radiação solar aquece em primeiro lugar os cumes e só depois os vales, criando-se uma baixa pressão nos cumes, que origina uma brisa do vale, que sopra do vale para a montanha. À noite, com o arrefecimento mais rápido dos cumes, criam-se aí altas pressões, ao passo que nos vales, que arrefecem mais lentamente, mantêm uma pressão mais baixa, pelo que surgem as brisas de montanha, que sopram dos cumes das montanhas em direção aos vales.

O conhecimento destas brisas é importante uma vez que afetam o comportamento dos incêndios, sendo comum estas brisas retardarem ou ajudarem a progressão da cabeça dos fogos, dependendo se se trata de uma brisa de montanha ou de vale e de um fogo que progride no sentido do cume ou no sentido do vale. Se os sentidos forem opostos, a brisa ajuda a retardar a progressão do fogo.

3.CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

3.1 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (1991/2001/2011) E DENSIDADE POPULACIONAL (2011)





seia

CARTA DA POPULAÇÃO RESIDENTE (1991/2001/2011) E DA DENSIDADE POPULACIONAL DO CONCELHO DE SEIA (2011)

Fonte(s):
IGP (2013), INE (2011)

Projectão rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Janeiro de 2014
MAPA N.º 6

Freguesias (Fonte: INE, 2011)	População Residente 1991	Densidade Populacional 1991 (hab/km ²)	População Residente 2001	Densidade Populacional 2001 (hab/km ²)	População Residente 2011	Densidade populacional 2001 (hab/km ²)	Varição Populacional (1991-2011)
Alvoco da Serra	801	21,32	646	17,20	466	12,40	-335
Girabolhos	637	35,91	482	27,18	317	17,87	-320
Loriga	1631	44,99	1270	35,03	1053	29,05	-578
Paranhos da Beira	1874	88,28	1714	80,74	1503	70,80	-371
Pinhanços	822	98,73	703	84,44	716	86,00	-106
Sabugueiro	677	16,90	570	14,23	478	11,93	-199
Sandomil	1269	95,97	1108	83,79	917	69,35	-352
Santa Comba	758	64,10	741	62,66	834	70,53	76
Santiago	1142	153,60	1120	150,64	1205	162,07	63
Sazes da Beira	392	50,31	341	43,76	283	36,32	-109
Teixeira	280	17,59	232	14,57	187	11,75	-93
Travancinha	630	50,52	546	43,78	472	37,85	-158
Valezim	472	39,06	382	31,61	310	25,65	-162
Vila Cova à Coelheira	572	74,52	574	74,78	404	52,63	-168
União das freguesias de Carragozela e Várzea de Meruge	728	72,23	684	67,87	629	62,41	-99
União das freguesias de Sameice e Santa Eulália	856	59,99	719	50,39	638	44,71	-218
União das freguesias de Santa Marinha e São Martinho	2108	139,78	1991	132,02	1629	108,02	-479
União das freguesias de Seia, São Romão e Lapa dos Dinheiros	10077	187,32	10422	193,73	9379	174,35	-698
União das freguesias de Torrozelo e Folhadosa	1092	107,01	957	93,78	808	79,18	-284
União das freguesias de Tourais e Lajes	2094	79,99	1870	71,44	1713	65,44	-381
União das freguesias de Vide e Cabeça	1450	25,68	1072	18,98	761	13,48	-689
TOTAL	30362	69,69	28144	64,60	24702	56,70	-5660

O concelho de Seia, com uma área de cerca de 435,7 quilómetros quadrados, apresentava em 1991 30.362 habitantes, correspondente a uma densidade populacional de aproximadamente 69,69 habitantes por quilómetro quadrado. Em 2001, o número de habitantes era já 28.144, correspondendo a uma densidade populacional de 64,60 habitantes por quilómetro quadrado. No último censo, em 2011, a população do concelho de Seia havia já diminuído para

24.702 habitantes, perdendo cerca de 3.442 habitantes numa década. A densidade populacional era, assim, em 2011, já de 56,70 habitantes por quilómetro quadrado.

Concelho de Seia (Fonte: INE, 2011)	População Residente HM	População Residente H	População Residente M	Densidade Populacional
1991	30 362	14 637	15 725	69,69
2001	28 144	13 500	14 644	64,60
2011	24 702	11 756	12 946	56,70

A análise destes valores revela, em primeiro lugar, uma concentração da população na União de Freguesias de Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros, onde, em 2011, residia 38% da população.

Um dado importante que se extrai pela análise da carta da população residente e da densidade populacional no concelho de Seia em 2011, é o facto das maiores densidades populacionais se verificarem, por um lado, nas freguesias do Norte do concelho, mais próximas da sede do concelho e por outro, e especialmente nas freguesias que são atravessadas ou se localizam próximo dos dois principais eixos rodoviários do concelho, a EN 17 e a EN 231, o que atesta bem a importância das acessibilidades na fixação das populações e do tecido empresarial, o qual contribui igualmente para a fixação das populações, ao disponibilizar oportunidades de emprego.

Pela análise dos dados presentes, é notória a concentração das populações na sede do concelho, que ganha uma representatividade cada vez maior no concelho nos sucessivos censos da população, ao inverso da realidade das freguesias do Sul, que viram a sua população diminuir drasticamente desde 1991. Destas, destacam-se Loriga e a União de Freguesias de Vide e Cabeça que assistiu à maior diminuição de população de 1991 a 2011 no concelho, sobretudo população jovem e em vida ativa, que foi à procura de uma maior diversidade de ofertas de emprego e melhores postos de trabalho, que não nos sectores tradicionais da região, caso das indústrias transformadoras, e,

particularmente, da indústria do Têxtil, Confeções e Lanifícios, associadas a salários baixos, laboração contínua, modos de produção obsoletos e evolução conturbada. Com efeito, a recessão que se verificou nesta indústria neste período, levou a que tivessem sido encerradas diversas empresas do sector, o qual empregava a larga maioria da mão-de-obra local.

Toda esta realidade demográfica tem de ser considerada quando pretendemos defender a floresta contra incêndios, já que a diminuição populacional das freguesias do Sul do concelho, que são simultaneamente as que apresentam uma maior ocupação florestal e que apresentavam já em 1991 pouca compartimentação pelos espaços agrícolas. Estes localizavam-se sobretudo junto aos aglomerados populacionais, frequentemente em socalcos, servindo de barreira à progressão do fogo.

Atualmente esses espaços são cada vez menores, sendo substituídos por incultos com uma carga combustível elevada, resultado da disponibilidade em água e da fertilidade dos seus solos, colocando muitas vezes em perigo as edificações, em caso de incêndio florestal.

Por outro lado, a diminuição da população nestas freguesias com extensos espaços de floresta e de áreas incultas, leva a uma diminuição das fontes de alerta, fazendo com que uma qualquer deflagração seja detetada numa fase já avançada, em que o fogo, muitas vezes, já passou do estrato herbáceo e arbustivo para o arbóreo e afeta já uma área muito maior, levando a uma maior dificuldade no combate e a uma maior área ardida.

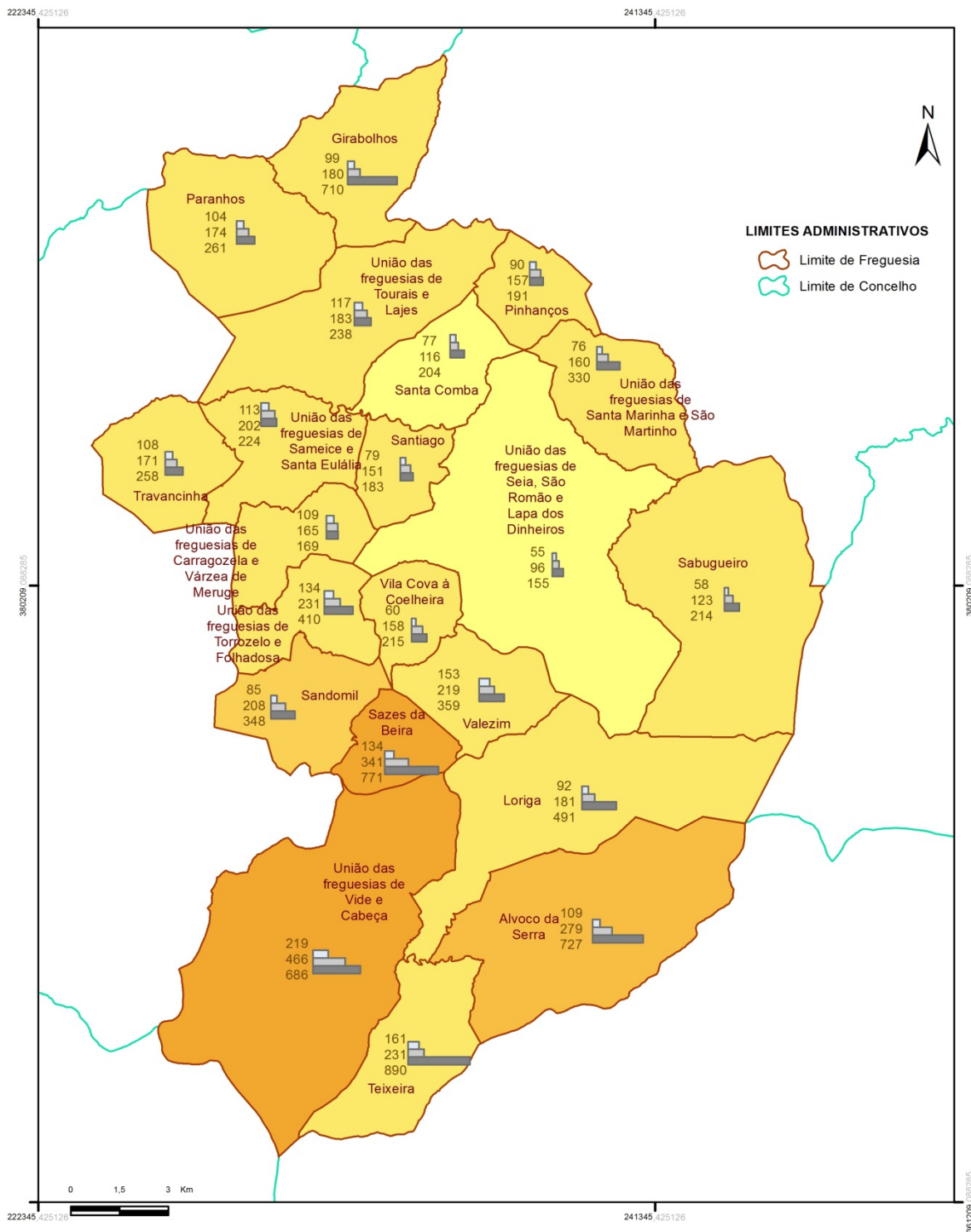
Local de Residência (Fonte: INE, 2011)	Densidade populacional (N.º/Km2)	População residente (N.º) por Local de residência
Fornos de Algodres	38,00	4989
Gouveia	46,70	14046
Seia	56,70	24702

Estes valores de população de Seia, quando comparados com os outros concelhos pertencentes à mesma NUT III Serra da Estrela (Fornos de Algodres e Gouveia), verificamos que possui quase o dobro da população,

comparativamente com o segundo concelho mais volumoso na NUT III. Comparando com o concelho de Fornos de Algodres, o concelho de Seia apresenta uma população cinco vezes superior. Ainda assim, com uma densidade populacional superior aos concelhos da NUT Serra da Estrela (56,7), estes dados poderão ser eventualmente falaciosos, uma vez que existe uma forte discrepância entre as freguesias do Norte e do Sul do concelho.

3.2 – ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011) E SUA EVOLUÇÃO (2001 - 2011)

O índice de envelhecimento é a proporção de habitantes com mais de 65 anos relativamente ao número de habitantes até aos 14 anos. Pela análise da sua carta é evidente a evolução muito acentuada verificada nas freguesias mais distantes da sede do concelho, em particular algumas das freguesias que verificaram um maior decréscimo populacional nos últimos anos, caso da união de freguesias de Vide e Cabeça, que registou a maior evolução do índice de envelhecimento, mas também as de Alvoco da Serra e Sazes da Beira, todas freguesias do Sul do concelho e que registaram acentuados decréscimos da densidade populacional nos últimos anos, sinal da perda da população ativa, mais jovem, em busca de melhores condições de trabalho na sede de concelho, noutros concelhos ou no estrangeiro.





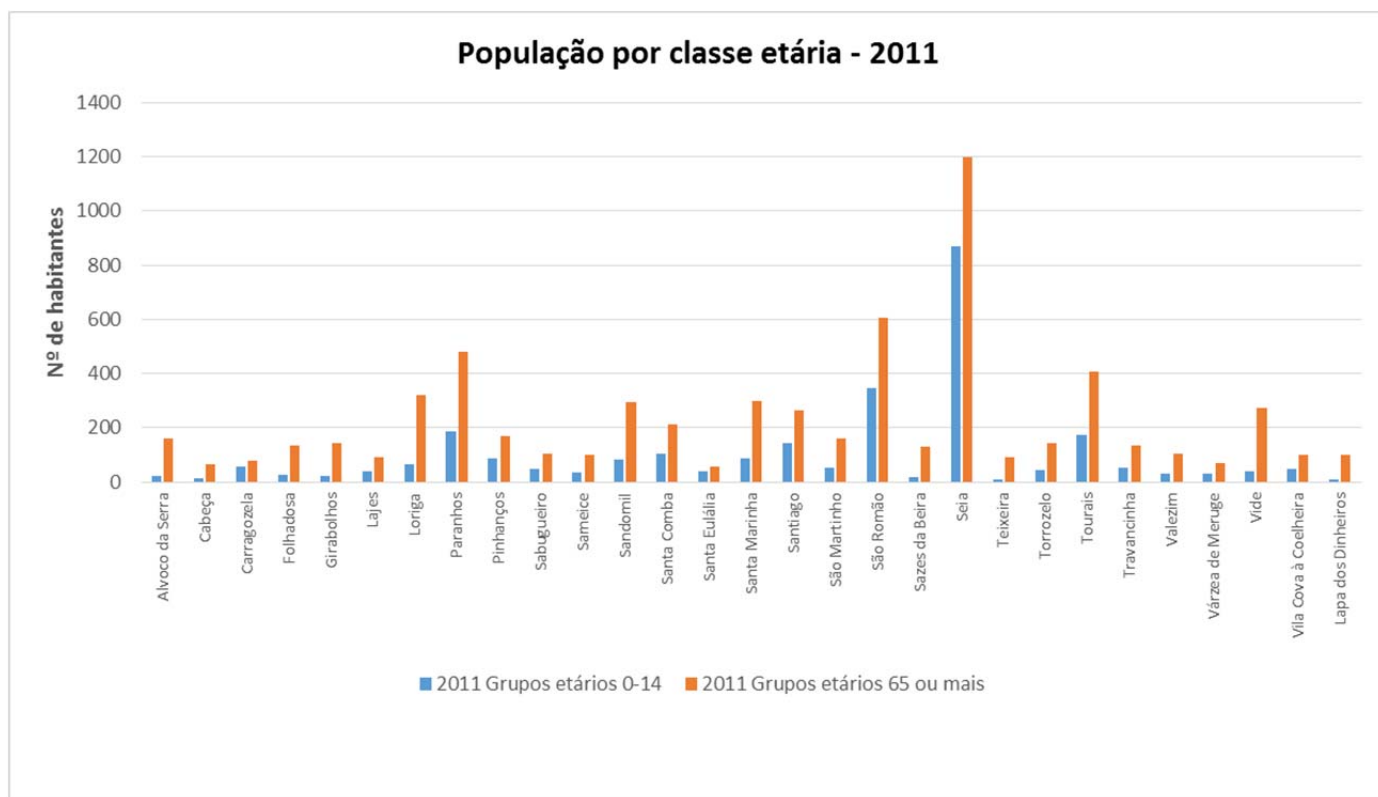
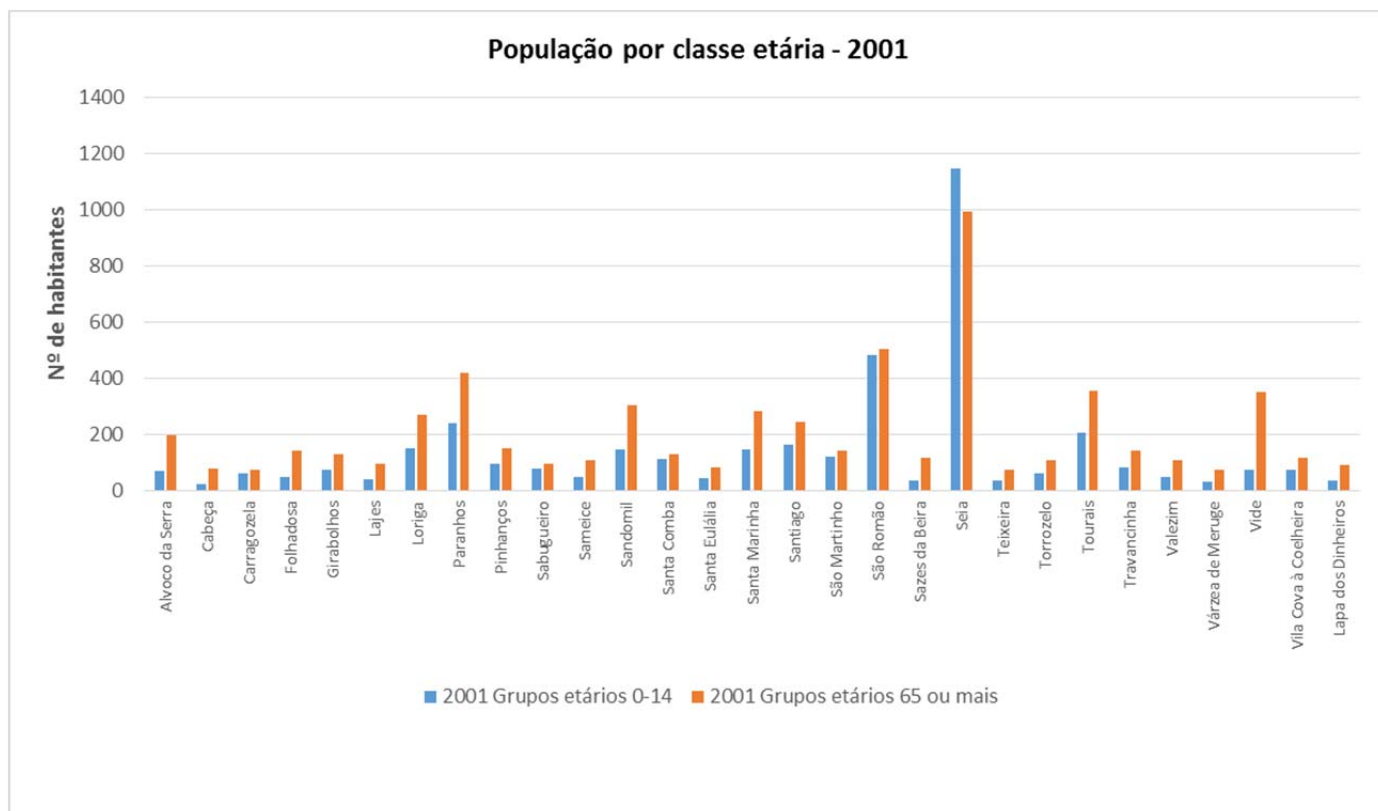
seia

**MAPA DO ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1991/2001/2011) E
SUA EVOLUÇÃO (1991-2011) DO CONCELHO DE SEIA**

Fonte(s):
IGP (2013), INE (2011)

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Janeiro de 2014
MAPA N.º 7



N.º habitantes Freguesias Fonte: INE	0 – 14 Anos (2001)	> 65 Anos (2001)	0 – 14 Anos (2011)	> 65 Anos (2011)
Alvoco da Serra	70	195	22	160
Girabolhos	71	128	20	142
Loriga	148	268	65	319
Paranhos da Beira	239	416	184	480
Pinhanços	94	148	88	168
Sabugueiro	77	95	49	105
Sandomil	146	303	84	292
Santa Comba	109	126	104	212
Santiago	161	243	144	263
Sazes da Beira	34	116	17	131
Teixeira	32	74	10	89
Travancinha	82	140	52	134
Valezim	48	105	29	104
Vila Cova à Coelheira	73	115	46	99
União das freguesias de Carragozela e Várzea de Meruge	89	147	87	147
União das freguesias de Sameice e Santa Eulália	92	186	71	159
União das freguesias de Santa Marinha e São Martinho	264	422	139	459
União das freguesias de Seia, São Romão e Lapa dos Dinheiros	1659	1587	1224	1903
União das freguesias de Torrozeiro e Folhadosa	108	249	68	279
União das freguesias de Tourais e Lajes	242	444	209	497
União das freguesias de Vide e Cabeça	92	429	49	336
TOTAL	6476	9400	4608	10258

Os gráficos e o quadro acima evidenciam de forma bastante clara que a perda de população se fez sentir em larga medida nas faixas etárias mais jovens, sendo a população que permanece a mais idosa, em particular nos aglomerados populacionais de menor dimensão e mais distantes da sede do concelho.

Este facto conduz a diversas consequências do ponto de vista da DFCl. Por um lado, a população mais idosa, que predomina nos aglomerados mais distantes da sede do concelho e mesmo de freguesia (e logo dos meios de

supressão), em muitos casos residindo em áreas isoladas rodeadas de espaços florestais, com grande ligação à agricultura, exercendo-a até uma idade muito avançada, acarreta riscos acrescidos, pois utilizam o fogo para a queima de sobrantes da agricultura, frequentemente em locais sem acesso a água, o que é agravado pelas dificuldades que estes idosos possam ter em dar resposta rápida a uma destas fogueiras que fuja do seu controlo.

Por outro lado, o facto dos proprietários destas freguesias serem de uma classe etária avançada, leva a que mais dificilmente encarem a possibilidade de investirem nas suas propriedades para as defenderem do fogo e daí obterem em simultâneo maior produção, pois a recorrência de incêndios, a burocracia e morosidade ligada à elaboração e execução de projetos subsidiados e o desinteresse dos descendentes e restantes herdeiros leva a que essa hipótese não seja considerada de interesse. Optam antes por não investir para não perder dinheiro e esperar que não arda, cortando quando o povoamento atingiu o seu termo de explorabilidade ou quando o mercado madeireiro apresenta uma maior procura, pagando um valor mais apetecível.

O êxodo verificado nestas freguesias agravou ainda o problema da identificação dos proprietários, já que propriedades antes exploradas e agora ao abandono pertencem a um leque de herdeiros que chegam a desconhecer a sua localização, apresentando normalmente total desinteresse pela sua gestão, nomeadamente a nível dos combustíveis, pelo dispêndio financeiro que tal representa.

Período de referência dos dados 2012	Local de residência	Índice de envelhecimento (N.º) por Local de residência
	Fornos de Algodres	264,8
	Gouveia	304,3
	Seia	238,8

Através da análise do quadro, referente à NUT III Serra da Estrela, podemos depreender que embora o concelho de Seia aponte e possua uma população bastante envelhecida, quando comparado com os restantes dois concelhos ainda assim consegue superá-los, uma vez que apresenta um índice de envelhecimento um terço inferior aos outros dois.

3.3 – POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE (%) - 2011

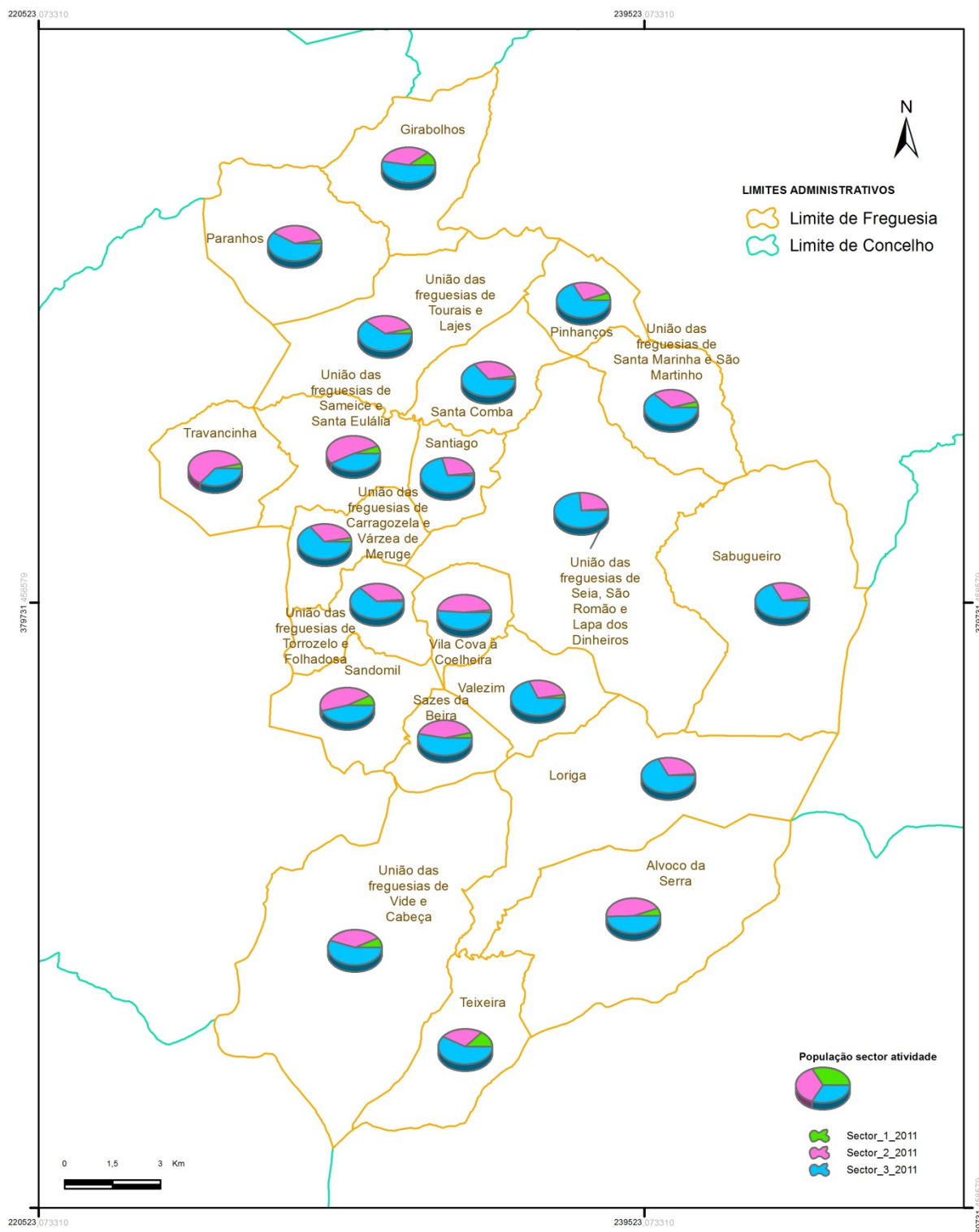
A distribuição da população de um concelho pelo sector de atividade dá-nos a noção de como está a evoluir o concelho no referente à produção de bens e à sua transformação e venda.

O sector primário inclui todas as atividades em que são aproveitados os recursos naturais para a obtenção de alimentos ou matérias-primas, caso da agricultura, da silvicultura, da pesca e da pecuária.

O sector secundário caracteriza-se pelo uso predominante de maquinarias e processos cada vez mais automatizados para a transformação das matérias-primas obtidas pelo sector primário. Incluem toda a indústria transformadora, a construção, a indústria extrativa e outras.

No sector terciário da economia não são produzidos bens, são usados os bens provenientes do sector primário e secundário para a sua venda. Inclui todo o comércio e serviços, incluindo as comunicações e os transportes.

No caso do concelho de Seia, é notória a pequena representatividade do sector primário, empregando apenas cerca de 5% da população ativa. Os restantes 95% da população têm a sua atividade nos sectores secundário (45%) e terciário (50%), o que está também relacionado com a maior concentração da população na proximidade da sede do concelho e das maiores oportunidades de emprego no comércio e serviços.

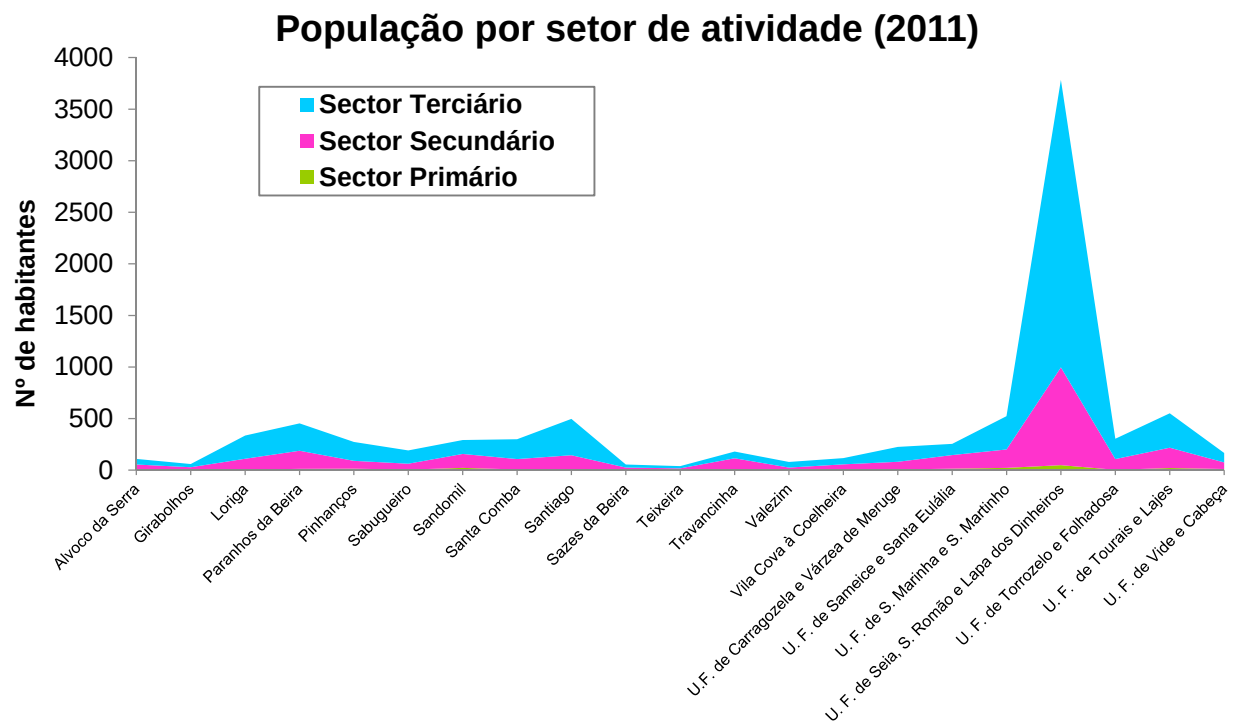


MAPA DA POPULAÇÃO POR SECTOR DE ACTIVIDADE DO CONCELHO DE SEIA (2011)

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Janeiro de 2014
MAPA N.º 8

Fonte(s):
IGP (2013), INE (2011)



Freguesias Fonte INE 2011	Sector Primário (%)	Sector Secundário (%)	Sector Terciário (%)
Alvoco da Serra	6	45	50
Girabolhos	10	37	53
Loriga	1	32	67
Paranhos da Beira	3	39	59
Pinhanços	5	27	67
Sabugueiro	3	30	67
Sandomil	8	46	46
Santa Comba	2	34	64
Santiago	2	28	71
Sazes da Beira	4	44	53
Teixeira	13	30	58
Travancinha	3	60	36
Valezim	3	29	68
Vila Cova à Coelheira	2	47	51
U.F. de Carragozela e Várzea de Meruge	3	33	64
U. F. de Sameice e Santa Eulália	5	52	42
U. F. de S. Marinha e S. Martinho	4	34	62
U. F. de Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	1	25	74
U. F. de Torrozelo e Folhadosa	1	34	65
U. F. de Tourais e Lajes	4	36	61
U. F. de Vide e Cabeça	7	38	55

Na desagregação da população por sectores de atividade e freguesias, é nas freguesias com menor densidade populacional e mais distantes da sede do concelho que a percentagem de trabalhadores ligada ao sector primário é maior, especialmente a ligada à agricultura, em particular à vinha, mas também à silvicultura e pecuária, embora em número substancialmente inferior.

Nas freguesias mais urbanas, caso de Seia e São Romão, é onde o sector terciário tem uma representatividade maior, como seria de esperar.

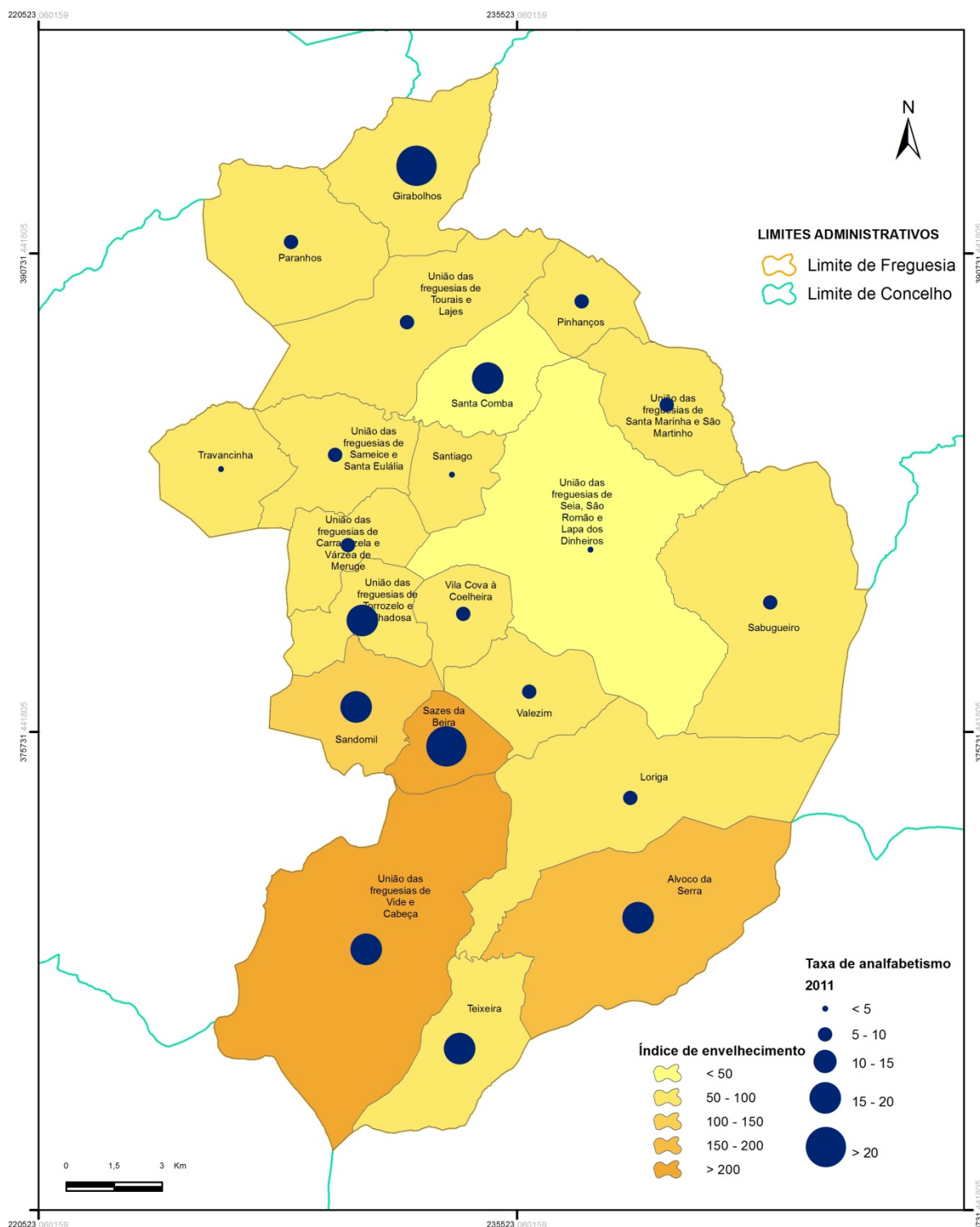
População ativa por sector de atividade			
	Sector Primário	Sector Secundário	Sector Terciário
	N.º		
Fornos de Algodres	92	416	1121
Gouveia	343	1014	3114
Seia	229	2781	5757

Comparando os dados relativos ao concelho de Seia, com os restantes da NUT III Serra da estrela denota-se uma maior predominância, no que concerne à distribuição da população ativa pelo sector terciário.

A nível percentual, ambos os concelhos se apresentam com uma taxa superior de população ativa no sector terciário.

No sector primário, a agricultura, e pastorícia são as atividades que mais população absorvem neste sector. No sector secundário, embora em grande declínio, é a indústria dos lanifícios aquela que maior população ativa possui. Os serviços, relacionados com a banca, turismo e restauração, são aqueles que absorvem maior percentagem de população ativa neste sector.

3.4 – TAXA DE ANALFABETISMO (2011)



MAPA DA TAXA DE ANALFABETISMO DO CONCELHO DE SEIA (2011)

Projecção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Janeiro de 2014

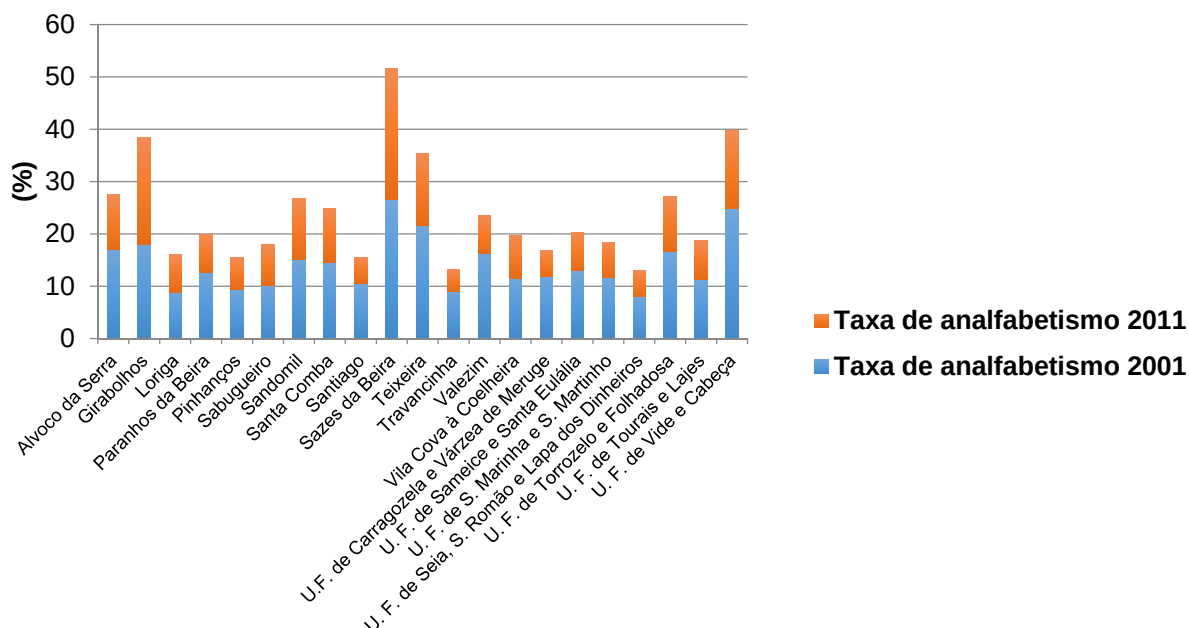
Fonte(s):
IGP (2013), INE (2011)

Não foi possível obter os valores para a taxa de analfabetismo nos anos de 1981 e 1991, pelo que apenas se apresentam os dados deste parâmetro relativos aos anos de 2001 e 2011.

Verifica-se uma maior incidência do analfabetismo nas freguesias mais rurais, caso de Sazes da Beira, que apresenta a maior taxa, mas também de Girabolhos e União de Freguesias de Vide e Cabeça, mais distantes da sede do concelho.

A distribuição da taxa de analfabetismo pelas freguesias é coincidente com a do índice de envelhecimento, já que, com a escolaridade mínima obrigatória e devido ao declínio da agricultura de montanha e da necessidade em mão-de-obra familiar para a mesma, todos os jovens tiveram acesso ao ensino.

Freguesias (Fonte INE)	Taxa de analfabetismo 2001	Taxa de analfabetismo 2011
Alvoco da Serra	17,0	10,60
Girabolhos	17,9	20,45
Loriga	8,8	7,30
Paranhos da Beira	12,6	7,27
Pinhanços	9,3	6,22
Sabugueiro	10,1	7,81
Sandomil	15,2	11,60
Santa Comba	14,6	10,38
Santiago	10,6	4,94
Sazes da Beira	26,6	25,09
Teixeira	21,7	13,74
Travancinha	9,1	4,09
Valezim	16,2	7,41
Vila Cova à Coelheira	11,5	8,27
U.F. de Carragozela e Várzea de Meruge	11,8	5,12
U. F. de Sameice e Santa Eulália	13,1	7,24
U. F. de S. Marinha e S. Martinho	11,6	6,85
U. F. de Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	8,1	4,91
U. F. de Torrozelo e Folhadosa	16,6	10,62
U. F. de Tourais e Lajes	11,4	7,27
U. F. de Vide e Cabeça	24,9	14,87

Taxa de Analfabetismo entre 2001-2011

A existência de taxas de analfabetismo nas freguesias do Sul do concelho, com maior ocupação florestal, tem de ser ponderado no delineamento das estratégias e políticas de sensibilização DFCEI e de gestão florestal, adequando-as a este público-alvo com características específicas.

	Taxa de Analfabetismo (%)	
	2001	2011
Fornos de Algodres	16,9	10,71
Gouveia	13,6	9,18
Seia	11,6	7,26

Comparando os dados relativos ao concelho de Seia, com os restantes da NUT III Serra da estrela a nível percentual, verifica-se que Fornos de Algodres e Gouveia apresentam uma taxa de analfabetismo superior à de Seia.

Em toda a NUT III Serra da estrela, podemos verificar uma correlação muito forte entre a população residente, população ativa por sector de atividade e taxa de analfabetismo. No sector primário, temos uma população muito envelhecida, com um baixo nível de instrução, cuja atividade se desenvolve

basicamente na agricultura. O sector secundário é caracterizado por possuir uma população com idades compreendidas entre os 35 e os 60 anos, com uma escolaridade a não ultrapassar o ensino básico. Por último temos o sector terciário, onde se encontra a grande maioria da população com idades até aos 35 anos e com uma escolaridade mais alta, comparativamente aos outros dois sectores de atividade.

Zona Geográfica	Taxa de analfabetismo 2001	Taxa de analfabetismo 2011	Variação entre 2001 e 2011
Norte	8,3	5,01	-3,29
Centro	10,9	6,39	-4,51
Lisboa	5,7	3,23	-2,47
Alentejo	15,9	9,57	-6,33
Algarve	10,4	5,36	-5,04

Entre 2001 e 2011, o analfabetismo reduziu-se a nível regional, principalmente no Alentejo e no Algarve. No entanto, o Alentejo continua a ser a região onde existe a maior taxa de analfabetismo. Lisboa continua, em 2011, com a menor taxa, muito abaixo do valor das restantes regiões, e regista a menor diminuição entre os dois últimos censos.

3.5 – ROMARIAS E FESTAS

É muito extensa a lista anual de festas no concelho, a maioria das quais ligadas a tradições religiosas, tendo todas elas características semelhantes: a concentração de um número de pessoas frequentemente elevado em espaços inseridos ou contíguos a espaços florestais, onde geralmente se recorre ao fogo em grelhadores improvisados ou em fogueiras diretamente no solo, para a

confeção de alimentos. Dois outros dados importantes são o facto da larga maioria destas festas se realizarem no período de Maio a Setembro, quando as temperaturas são mais elevadas e a humidade relativa do ar mais baixa, e o facto de muitas destas festas recorrerem à queima de fogo-de-artifício. Este, utilizado no período crítico, que é definido anualmente por Portaria do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, deixou de ser do tipo foguete, a partir da entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 124/2006, de 28 de Junho, que o proibiu.

Assim, deve ser dada especial atenção nos períodos que antecedem estas festividades, promovendo a sensibilização dos responsáveis pela organização para o cuidado no uso do fogo, para a confeção de alimentos e para o uso de fogo-de-artifício, ou a sua proibição, e durante a realização dos eventos, junto dos participantes.

Mês	Dia de início/fim	Freguesia	Lugar	Designação	Localização	Uso de Fogo	Uso de Foguetes	Elevado nº de pessoas em espaço rural
Janeiro	1	Sandomil	Sandomil	Festa do Stº Nome de Jesus	Igreja Matriz	não	não	não
Janeiro	1	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Festa de S. Silvestre	Rua Dr. Couto Jardim	não	sim	não
Janeiro	8	Loriga	Loriga	Festa do Cambeiro (S. Sebastião)	Peditório-Ruas da Vila, Leilão - Largo da Igreja	não	sim	sim
Janeiro	20 ou no Domingo mais próximo	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Festa de S. Sebastião	Bairro do Comendador Manuel Carvalho	não	sim	não
Janeiro	20	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Várzea de Meruge	Festa de S. Sebastião	Igreja Paroquial	não	não	não
Janeiro	Fim de Semana + próximo do dia 15	Santiago	Santiago	Festa de Sto. Amaro	Rua e largo de Santo Amaro	sim	sim	não
Fevereiro	1º Domingo de Fevereiro	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Várzea de Meruge	Festa N.ª Sr.ª da Graça	Capela N.ª S.ª Graça em Arcozelo de Várzea	não	não	não

Fevereiro	9	Alvoco da Serra	Outeiro da Vinha	Festa das Chouriças	Largo da Barroca	não	não	não
Fevereiro	Sexta-feira antes do Carnaval	Loriga	Loriga	Festa do Carnaval	Ruas da Vila	não	não	não
Fevereiro	Fim de Semana de Carnaval	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Feira do Queijo	Junto ao Mercado Municipal	não	não	sim
Fevereiro	Sábado de Carnaval	Alvoco da Serra	Vasco Esteves de Baixo	Festa de N.ª. Sr.ª das Preces	Capela Nossa Senhora das Preces	não	não	não
Fevereiro	2ª Feira de Carnaval	Alvoco da Serra	Aguincho	Festa das Chouriças	Rua da Capela	não	não	não
Fevereiro	23	Alvoco da Serra	Vasco Esteves de Cima	Festa das Chouriças	Perto da Rua da Fonte	não	não	não
Fevereiro	24	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Santa Marinha	Festa de S. Brás	Igreja Matriz	não	sim	sim
Março	19	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Eirô	Festa Religiosa de S. José	Largo da Capela	não	sim	não
Abril	4	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Lapa dos Dinheiros	Festa do Santíssimo Sacramento	Largo da Igreja Matriz	não	sim	não
Abril	13	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Procissão do Enterro do Senhor	Ruas da Vila	não	não	não
Abril	Sexta-feira Santa	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Procissão do Enterro do Senhor	Ruas da Cidade	não	não	não
Abril	Sexta-feira Santa	Loriga	Loriga	Enterro do Senhor	Ruas da Vila	não	não	não
Abril	Domingo de Páscoa	Loriga	Loriga	Procissão da Ressurreição do Senhor	Ruas da Vila	não	não	não
Abril	2ª Feira de Páscoa	U.F. Torroselo e Folhadosa	Torroselo	Festa de S. Bento	Capela de S. Bento		Sim	

Abril	2ª Feira a seguir à Páscoa	Paranhos da Beira	Paranhos da Beira	Romaria de Santa Eufêmia	Santuário de Santa Eufêmia	não	não	sim
Abril	2ª Feira a Seguir à Páscoa	U.F. Santa Marinha e São Martinho	São Martinho	Segunda Feira de Páscoa	Santuário Santa Eufêmia	não	não	não
Abril	17	Sandomil	Corgas	Romaria ao São Cosme	Rua de São Cosme	não	não	não
Abril	Domingo de Pascoela	Travancinha	Casal de Travancinha	Festa de Nª. Sª da Saúde	Capela Nª Sª da Saúde	não	sim	sim
Abril	25	Paranhos da Beira	Carvalho da Louça	Festa de S. Marcos	Junto ao Pelourinho	não	sim	não
Abril	15 dias após o Domingo de Páscoa	U.F. Vide e Cabeça	Cabeça	Festa da Divina Pastora	Largo da Igreja Nova	não	não	sim
Abril	25	Santiago	Folgosa do Salvador	Festa de S. Marcos	Largo de S. Marcos	não	sim	sim
Maio	1º Domingo	U.F. de Tourais e Lajes	Pereiro	Festa de S. Salvador	Rua Manuel de Freitas	não	sim	não
Maio	3	U.F. Sameice e Santa Eulália	Sameice	Procissão da Sª das Cruzes	Começa e acaba no adro da Igreja	sim	não	não
Maio	2º Domingo	U.F. de Tourais e Lajes	Lapa de Tourais	Festa de Nª. Sª da Tosse	Capela Nª Sª da Tosse	não	não	não
Maio	2º Domingo	U.F. Torrocelo e Folhadosa	Torrocelo	Festa das Pápas	Largo de S. João		Sim	
Maio	2º Domingo	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Várzea de Meruge	Festa da N. Sª de Fátima	Capela de Várzea de Baixo	não	não	não
Maio	9	Santa Comba	Vila Chã	Romaria de N. Sª de Fátima		não	não	não
Maio	13	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Santa Marinha	Festa de Nª. Sª de Fátima	Igreja Matriz	não	não	sim
Maio	13	Sabugueiro	Sabugueiro	Festa de Nª. Sª de Fátima	Junto à Igreja Matriz	não	não	não
Maio	13	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Vodra	Festa de Nª. Sª de Fátima	Capela Nª Sª de Fátima			
Maio	3ª Semana	Paranhos da Beira	Chaveiral	Festa de Nª. Sª de Fátima	Largo da Capela	não	sim	não
Maio	Domingo a seguir ao dia 13	Travancinha	Travancinha	Festa de Nª. Sr.ª. de Fátima	Rua de S. Gião	não	não	não

Maio	16	Pinhanços	Pinhanços	Feira do Espírito Santo	Largo da Igreja	não		não
Maio	26	Loriga	Loriga	Festa e Procissão do Corpo de Deus	Ruas da Vila	não	não	não
Maio	40 dias após da pascoa	Girabolhos	Girabolhos	Festa de N ^a S ^a da Cabeça	Capela S ^a da Cabeça	não	sim	sim
Maio	27	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Eirô	Festa de N ^a S ^a de Fátima	Largo da Capela	não	não	sim
Maio	27	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Festa do Corpo de Deus		não	não	não
Maio	8º Domingo depois da Páscoa	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Vales	Festa de N ^a Senhora das Necessidades	Capela da N ^a S ^a das Necessidades			
Maio	Último Domingo	Alvoco da Serra	Vasco Esteves de Baixo	Festa de S. José	Capela de S. José	não	não	não
Maio	Último Domingo	U.F. Sameice e Santa Eulália	Santa Eulália	Festa de Nossa Senhora de Fátima	Capela N ^a S ^a de Fátima	não	não	não
Maio	Último Domingo	U.F. de Tourais e Lajes	Lajes	Festa N ^a S ^a da Boa Viagem	Largo de S. Domingos	não	não	não
Maio	Último Domingo	Paranhos da Beira	Paranhos da Beira	Festa da N. S ^a Da Boa Viagem	Capela da N ^a S ^a da Boa Viagem	não	sim	sim
Maio	Último Domingo	Loriga	Loriga	Procissão de encerrament o do Mês de Maria	Ruas da Vila	sim	não	não
Junho	3	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Santa Marinha	Festejos do Corpo de Deus	Ruas da aldeia	não	não	não
Junho	8/9/10	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Arraial de St. António	Rua Nova de Stº António			
Junho	2º Domingo	U.F. Tourais e Lajes	Vila Verde	Festa de N ^a . Sr ^a . das Febres	Largo da Capela	não	não	não
Junho	2º Domingo	Pinhanços	Pinhanços	Festa de Stº António	Largo da Igreja	não		sim

Junho	Domingo+ próximo ao dia de St.º António	U.F. Torroselo e Folhadosa	Torroselo	Festas Populares de Stº António	Largo da Fonte dos Mouros		Sim	
Junho	10	Sandomil	Furtado	Festa de Stº António	Largo da Capela	não	não	não
Junho	Fim de Semana a seguir St. António	Teixeira	Teixeira de Baixo	Festa de Stº António	Largo da Igreja	não	não	não
Junho	10/11/12	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Festa Stº António				
Junho	12	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Póvoa Nova	Festa Stº António	Igreja Matriz da Póvoa Nova	não	sim	sim
Junho	14	U.F. Santa Marinha e São Martinho	São Martinho	Festa do Corpo de Deus	Igreja Matriz	não	não	não
Junho	60 dias após a Páscoa	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Festa do Corpo de Deus	Ruas da Cidade	não	não	
Junho	14	Alvoco da Serra	Alvoco da Serra	Caminhada do Lampião	Perto da Casa Museu	não	não	sim
Junho	13,14,15	Loriga	Loriga	Festa de St.º António	Largo da Carreira	não	sim	sim
Junho	15	U.F. Santa Marinha e São Martinho	São Martinho	Festa do Santíssimo Sacramento	Igreja Matriz	não	não	não
Junho	15	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Senhora do Desterro	Festa do Divino Espírito Santo				
Junho	1	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Carragosela	Festa de S. João	Próximo da Junta de Freguesia	não	não	não
Junho	Domingo a seguir ao dia 13	Girabolhos	Girabolhos	Festa Santo António	Igreja Matriz	não	sim	sim
Junho	23	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Desfile das Marchas Populares	Anfiteatro Municipal			sim
Junho	23	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Festa de S. João	Bairro de S. João			
Junho	23	Santiago	Folgosa da Madalena	Festa de S. João	Largo de S. João	não	sim	sim

Junho	25	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Várzea de Meruge	Festa em Honra de São Tiago	Igreja Paroquial	não	não	não
Junho	25/26	Sandomil	Sandomil	Festa de S. João	Junto ao campo de futebol	não	não	não
Junho	Domingo + próximo do dia 29	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	S. Romão	Festa de S. Pedro		não	sim	não
Julho	Ultimo Sábado de Junho ou 1ª de Julho	Paranhos da Beira	Paranhos da Beira	Festa da Vila de Paranhos da Beira	Largo da Capela do Sr. do Calvário	não	não	sim
Julho	2º Domingo	Alvoco da Serra	Vasco Esteves de Cima	Festa de Nossa Senhora do Bom Parto	Capela da Nossa Senhora do Bom Parto	não	não	não
Julho	2º Domingo	U.F. Torrocelo e Folhadosa	Folhadosa	Festa Nª Sra. do Calvário	Capela do Senhor do Calvário	não	não	não
Julho	14	Vila Cova à Coelheira	Vila Cova à Coelheira	Festa de Folclore do Rancho Folclórico Estrela-d'alva	Largo Anjo da Guarda	não	não	sim
Julho	Domingo + próximo do dia 17/18	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Vodra	Festa de St. Aleixo	Largo da Travessa da Capela	não	sim	não
Julho	1	U.F. Vide e Cabeça	Balocas	Festa de Nª. Sª do Carmo	Associação	não	não	sim
Julho	17	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Santa Marinha	Festa de Sta. Marinha	Igreja Matriz	não	sim	não
Julho	21	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Festival de Folclore	Campo de futebol	não	não	sim
Julho	23/24/25	Loriga	Loriga	Festa de S. Sebastião	Largo da carreira	não	sim	não
Julho	27/28/29	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Feira Medieval		não	não	sim
Julho	29	Vila Cova à Coelheira	Vila Cova à Coelheira	Festa do Mártir S. Sebastião	Largo Anjo da Guarda	não	não	não
Julho	29/30/31	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Santa Marinha	Festa do Povo	Junto à Fundação ou no Bairro da Feira	não	sim	sim
Agosto	1º Fim de Semana	Sabugueiro	Sabugueiro	Festa do Santíssimo Sacramento	Junto à Igreja Matriz	não	sim	sim

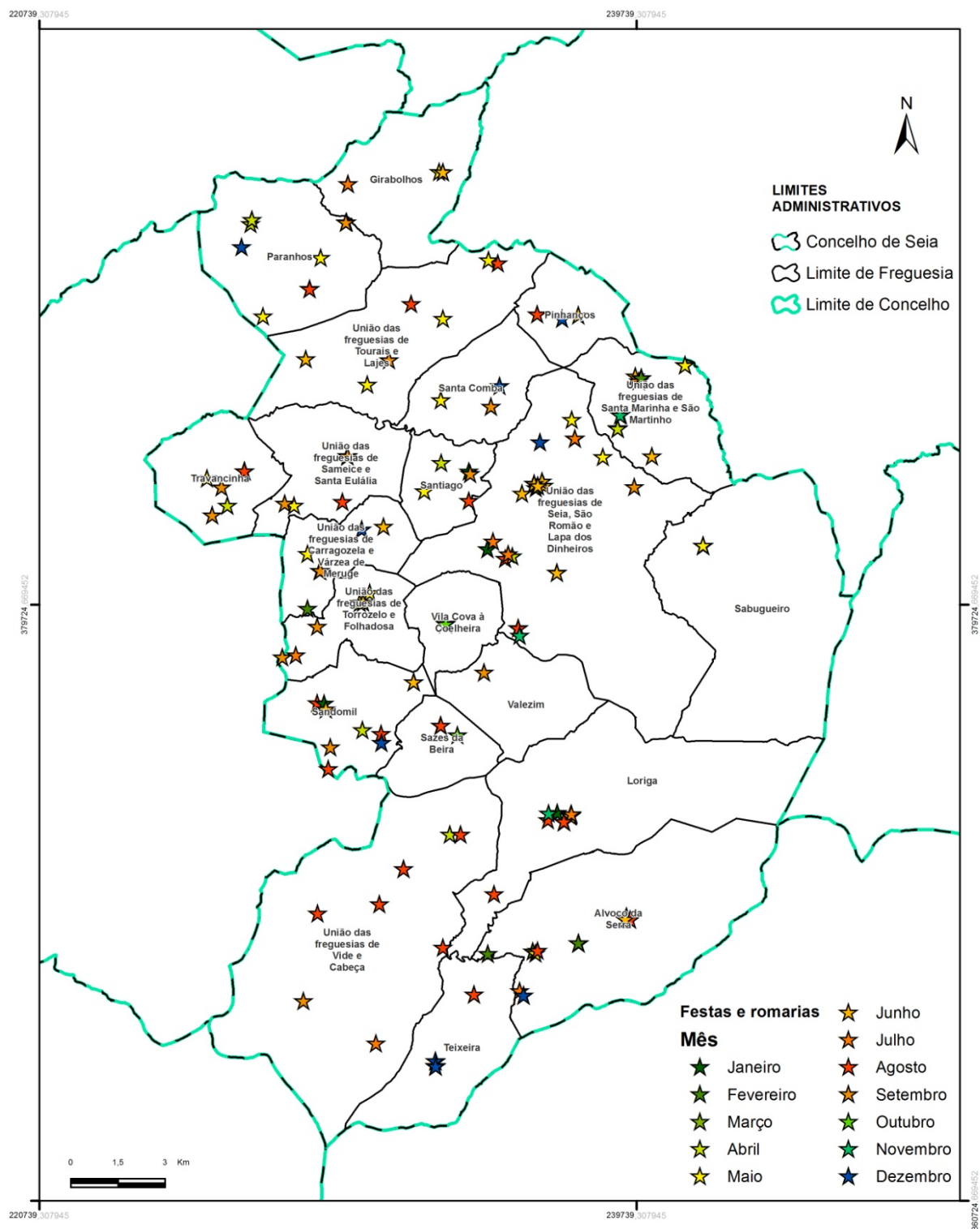
Agosto	4/5	Loriga	Loriga	Festa da Nossa Senhora da Guia	Largo da carreira/Santuário da N ^a S ^a da Guia	não	sim	sim
Agosto	4/5/6	Santiago	Maceira	Festa de N ^a . S ^a . das Neves	Largo do Solar dos Abranches de Magalhães	não	não	não
Agosto	5/6 Agosto	Sandomil	Aldeia Nova	Nossa Senhora da Boa Sorte	Capela da Aldeia Nova	não	não	não
Agosto	9 e 10	U.F. Vide e Cabeça	Casal do Rei	Festa de S. José	Capela de S. José	não	não	não
Agosto	9 e 10	U.F. Vide e Cabeça	Muro	Festa de N ^a . S ^a . da Paz	Capela da N ^a S ^a da Paz	não	não	não
Agosto	1º Fim de semana	Sandomil	Sandomil	Festa de S. Sebastião	Parque da Corredoura	não	sim	sim
Agosto	1º Fim de Semana	Teixeira	Teixeira de Cima	Festa do Santíssimo Sacramento	Adro Igreja/Associação	não	não	sim
Agosto	Dia 8 ou no Domingo mais próximo	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	São Romão	Festa de S. Romão		não	sim	não
Agosto	2º Domingo	Alvoco da Serra	Alvoco da Serra	Festa do Sagrado Coração de Jesus	Junto à Igreja Matriz da N ^a S ^a do Rosário	não	não	não
Agosto	2º Domingo	Alvoco da Serra	Vasco Esteves de Baixo	Festa civil da LAVEB (festa dos porcos)	Rua da Mimosa	não	não	não
Agosto	2º Domingo	Pinhanços	Pinhanços	Festa da Sr. ^a da Lomba	Santuário da Nossa S ^a da Lomba	não		não
Agosto	12/13 Agosto	Sandomil	Corgas	Festa da N ^a S ^a da Piedade	Largo da Igreja da N ^a S ^a da Piedade	não	sim	não
Agosto	2º Domingo	Travancinha	Travancinha	Festa de N ^a S ^a das Virtudes	Capela N ^a S ^a das Virtudes	não	não	não
Agosto	13/14	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Lapa dos Dinheiros	Festa de S. Sebastião	Largo da Igreja Matriz	não	sim	não
Agosto	2º Fim de Semana	Teixeira	Teixeira de Baixo	Festa de N ^a . S ^a dos Aflitos	Adro da Igreja	não	não	sim
Agosto	13	Loriga	Fontão	Festa de N ^a . Senhora da Ajuda	Largo da igreja	não	sim	não
Agosto	2º Domingo	U.F. de Tourais e Lajes	Tourais	Festa de S. Matias	Rua de S. Matias	não	sim	não

Agosto	14/15	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Seia	Festa da Padroeira - Nª Srª da Assunção	Largo Dr. José Quelhas Bigotte			
Agosto	15	Alvoco da Serra	Alvoco da Serra	Festa da Sociedade Recreativa	Perto da Casa Museu	não	não	não
Agosto	15	Alvoco da Serra	Outeiro da Vinha	Festa de Nossa Senhora de Fátima	Largo da Barroca	não	não	sim
Agosto	15	U.F. Vide e Cabeça	Cabeça	Festa à Senhora de Nazaré	Largo da Nossa Senhora da Nazaré	não	não	sim
Agosto	15	U.F. de Tourais e Lajes	Lajes	Festa do Senhor dos Milagres	Rua Principal	não	sim	não
Agosto	15	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Senhora do Desterro	Festa da Sagrada Família	Capela da Sª do Desterro	não	sim	não
Agosto	15	U.F. Vide e Cabeça	Vide	Festa de Nª Sª da Assunção	Largo da Feira	não	não	sim
Agosto	18/19/20	Paranhos da Beira	Paranhos da Beira	Festa do Senhor do Calvário	Largo da Capela do S. do Calvário	não	sim	não
Agosto	3º Domingo	Alvoco da Serra	Alvoco da Serra	Festa do Santíssimo Sacramento	Junto à Igreja Matriz da Nª Sª do Rosário	não	não	sim
Agosto	3º Domingo	U.F. Sameice e Santa Eulália	Maceirinha	Festa da Nossa Senhora da Esperança	Capela Nª Sª Esperança	não	não	não
Agosto	3º Fim de Semana	Alvoco da Serra	Alvoco da Serra	Alvoco Dance Festival (Eira)	Eira	não	não	sim
Agosto	Antepenúltimo Domingo	Sazes da Beira	Sazes da Beira	Festa de Nª. Sª do Mon'Alto	Santuário de S. Eufêmia	não	não	não
Agosto	20/21	Teixeira	Teixeira de Cima	Festa do Sagrado Coração de Jesus	Adro da Igreja	não	não	não
Agosto	Último Domingo	Sazes da Beira	Sazes da Beira	Festa da Mártir Santa Eufêmia	Santuário de S. Eufêmia	não	não	sim
Agosto	23 e 24	U.F. Vide e Cabeça	Frádigas	Festa de Nª. Sª da Boa Sorte	Associação	não	não	sim
Agosto	16 e 17	U.F. Vide e Cabeça	Gondufo	Festa de Santo Evaristo	Capela de Santo Evaristo	não	não	não

Setembro	1/2/3/4	Valezim	Valezim	Festa de N ^a S ^a da Saúde	Santuário da N ^a S ^a da Saúde	não	Sim	sim
Setembro	1º Domingo	Alvoco da Serra	Aguincho	Festa da N ^a S ^a da Agonia	Rua da Capela	não	não	não
Setembro	1º Domingo	U.F. Sameice e Santa Eulália	Santa Eulália	Festa do Santíssimo Sacramento	Igreja Matriz	não	não	não
Setembro	2	Santa Comba	Aldeia de S. Miguel	Festas de S. Miguel	Capela de S. Miguel	sim	sim	não
Setembro	1º Domingo	U.F. Torroselo e Folhadosa	Folhadosa	Festa de N ^a S ^a da Ribeira	Capela da Sra. Da Ribeira	não	não	não
Setembro	1ª Terça-feira a seguir ao 1º Domingo	U.F. Torroselo e Folhadosa	Folhadosa	Festa da Sardinha	Largo António Vieira	sim	não	não
Setembro	2º Domingo	U.F. de Tourais e Lajes	Figueiredo	Festa de N ^a Sr. ^a do Castelo	Rua do Castelo	não	sim	não
Setembro	Último Domingo	Travancinha	Casal de Travancinha	Festa das Vindimas	Associação de Melhoramentos	não	sim	não
Setembro	8	U.F. Sameice e Santa Eulália	Sameice	Festa de N ^a . S ^a da Ajuda	Adro da Igreja	não	sim	sim
Setembro	6 e 7	U.F. Vide e Cabeça	Malhada	Festa de N ^a . S ^a da Ajuda	Junto à capela	não	não	não
Setembro	2º Fim de Semana	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Várzea de Meruge	Festa do Santíssimo Sacramento	Igreja Paroquial	não	não	sim
Setembro	9	Santiago	Santiago	Festa do Santíssimo Sacramento	Jardim das Oliveiras	não	sim	não
Setembro	2º Domingo	Travancinha	Travancinha	Festa do Sagrado Coração de Jesus	Igreja Paroquial	não	sim	não
Setembro	2º Domingo e dia 16	U.F. Santa Marinha e São Martinho	São Martinho	Festa de Santa Eufêmia	Santuário de Santa Eufêmia	não	não	sim
Setembro	9	Santa Comba	Aldeia de S. Miguel	Festa da Sardinha	Capela de S. Miguel	sim	não	não
Setembro	15/16	Paranhos da Beira	Paranhos da Beira	Festa da Santa Eufêmia	Santuário de Santa Eufêmia	não	não	sim
Setembro	3º Fim de Semana	Sabugueiro	Sabugueiro	Festa de N ^a S ^a da Graça	Junto à Igreja Matriz	não	sim	sim
Setembro	13 e 14	U.F. Vide e Cabeça	Cide	Festa do Bom Jesus	Associação a entrada de quem da vide	não	sim	não

Setembro	24	Travancinha	Travancinha	Feira de São Miguel	S ^a das Virtudes	não	não	não
Setembro	Penúltimo fim de semana	Sandomil	Cabeça de Eiras	Festa de N. ^a Sr. ^a do Perpétuo Socorro	Largo da Igreja	não	não	não
Setembro	30	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Póvoa Velha	Festa Anual de S. Miguel	Capela de S. Miguel		sim	
Outubro	Domingo + próximo do dia 7	Sazes da Beira	Sazes da Beira	Festa N ^a S ^a do Rosário	Igreja Matriz	não	sim	não
Outubro	21	Santa Comba	Vila Chã	Festa do Anjo da Guarda	Capela do Anjo da Guarda	sim	sim	sim
Outubro	Último Domingo	Girabolhos	Ortigueira	Festa de S. Simão	Capela/ Largo de São Simão	não	sim	não
Outubro	30	Vila Cova à Coelheira	Vila Cova à Coelheira	Festa de S. Mamede	Largo Anjo da Guarda	não	não	não
Novembro	1	Loriga	Loriga	Romaria - Dia de Todos os Santos	Romagem ao Cemitério	não	não	não
Novembro	1	Teixeira	Teixeira de Cima	Festa do Magusto	Associação	não	não	não
Novembro	1	Travancinha	Travancinha	Feira de Todos os Santos	S ^a das Virtudes	sim	não	sim
Novembro	Domingo + próximo do dia 11	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Lapa dos Dinheiros	Festa da Castanha	Largo D. Dinis	sim	não	sim
Novembro	11	U.F. Santa Marinha e São Martinho	São Martinho	Festa de São Martinho	Igreja Matriz	não	não	não
Dezembro	Domingo+ próximo do dia 4	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Arrifana	Festa de Santa Bárbara	Rua da Capela	não	sim	não
Dezembro	8	Alvoco da Serra	Vasco Esteves de Cima	Festa de Nossa Senhora da Conceição	Perto da Rua da Fonte	não	não	não
Dezembro	8	Paranhos da Beira	Vale de Igreja	Festa N ^a S ^a da Conceição	Capela da N ^a S ^a da Conceição	não	sim	não
Dezembro	8	U.F. Santa Marinha e São Martinho	Santa Marinha	Festa de N ^a S ^a da Conceição	Igreja Matriz	não	não	não
Dezembro	8	U.F. Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Vodra	Festa N ^a S ^a da Conceição	Largo da Travessa da Capela	não	não	não
Dezembro	8	Teixeira	Teixeira de Cima	Festa N ^a S ^a da Conceição	Adro Igreja	não	não	não

Dezembro	9	Sandomil	Furtado	Festa de Santa Luzia	Largo da Capela	não	não	não
Dezembro	2º Domingo	Pinhanços	Pinhanços	Feira de Santa Luzia	Terreno junto ao campo jogos	sim	não	sim
Dezembro	16	Sandomil	Corgas	Festa da Nª Sª da Espertação	Capela da Nª Sª da Espertação	não	não	não
Dezembro	24/25	Loriga	Loriga	Fogueira Tradicional de Natal	Largo da Igreja	sim	não	não
Dezembro	24/25	Teixeira	Teixeira de Cima	Fogueira Tradicional de Natal	Associação	sim	não	não
Dezembro	30	U.F. Carragosela e Várzea de Meruge	Carragosela	Festa de S. Silvestre	Rua de S. Silvestre	não	não	não
Dezembro	31	Santa Comba	Santa Comba	Festa de S. Silvestre	Capela de S. Silvestre	sim	sim	não





seia

MAPA DAS FESTAS E ROMARIAS DO CONCELHO DE SEIA

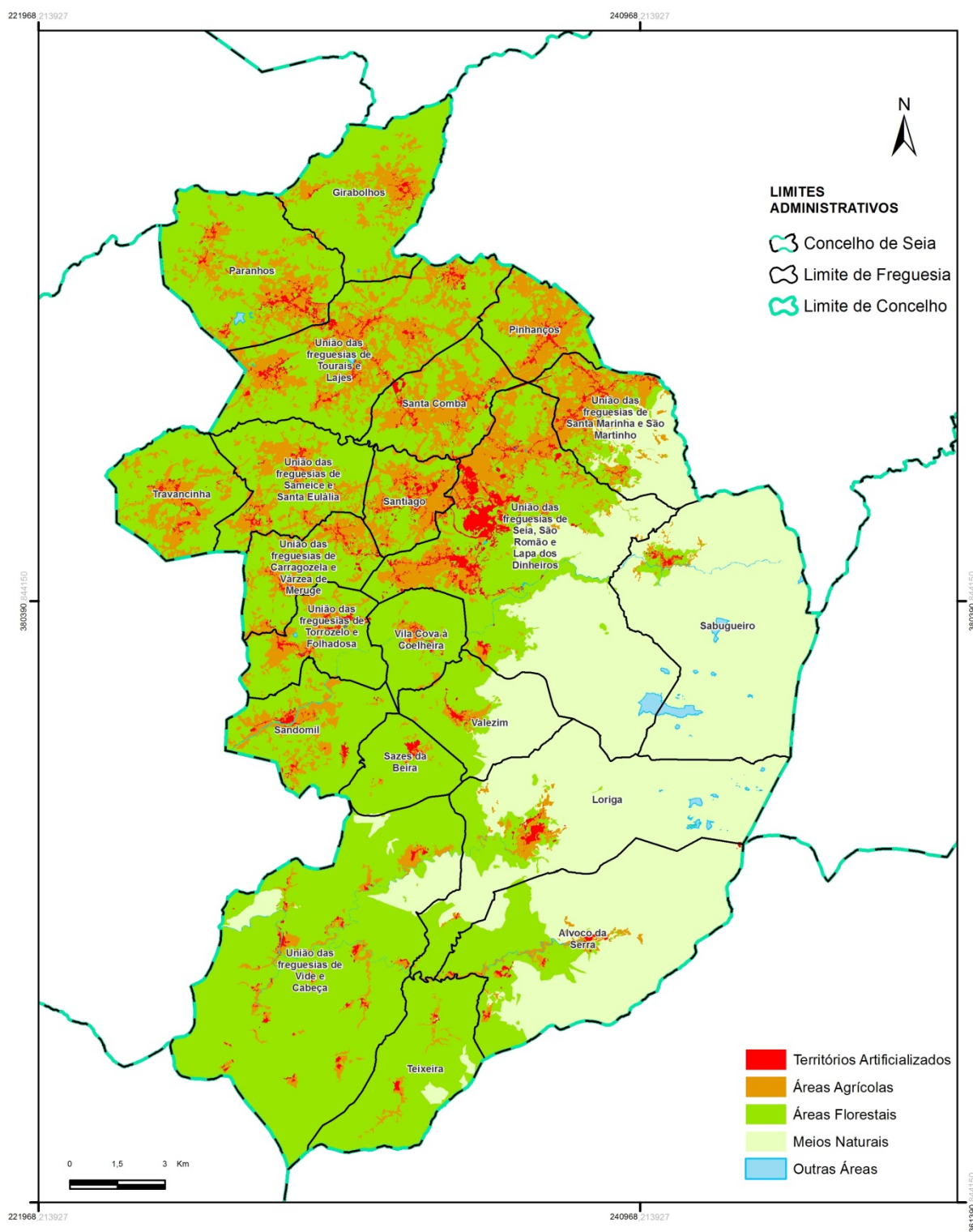
Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Março de 2014
MAPA N.º 10

Fonte(s):
IGP (2013), CMS 2014,

4. PARÂMETROS CONSIDERADOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DO USO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS

4.1 – OCUPAÇÃO DO SOLO



MAPA DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DO CONCELHO DE SEIA

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Janeiro de 2013
MAPA N.º 10

Fonte(s):
IGP (2013), CMS 2014, IGEOE 2004

Os dados relativos à ocupação do solo no concelho de Seia resultaram de um trabalho de cadastro da ocupação do solo realizado pelo Município de Seia executado por fotointerpretação sobre ortofotomapa com pixel de 50 centímetros de resolução, com verificação em campo, nas situações de dúvida.

O concelho de Seia possui, como se referiu, cerca de 43.592 hectares. Desta área, cerca de 82,4%, ou seja, cerca de 35.906 hectares são espaços florestais, os quais compreendem as áreas com povoamentos florestais, as áreas incultas e as áreas ardidadas com povoamentos em regeneração após os sucessivos incêndios que nos últimos anos têm assolado o concelho e a região. Estes espaços florestais estão maioritariamente situados nas freguesias do Sul do concelho, ao contrário dos espaços agrícolas, que constituem aproximadamente 15,1% do concelho (6.575 hectares) e que se concentram nas freguesias situadas mais a Norte do concelho, especialmente a norte de uma linha imaginária Este-Oeste que passa pelas freguesias de Santa Marinha, São Martinho, Seia, Norte de São Romão, Torrozel e Sandomil. A sul desta linha, os espaços agrícolas são de pequena dimensão e mais fragmentados, localizando-se em muitos casos na proximidade imediata dos aglomerados populacionais. Mesmo os espaços ocupados por áreas sociais que totalizam 2,1% da área do concelho (935 hectares), estão concentrados a norte dessa linha. Os aglomerados populacionais do Sul do concelho são de menor dimensão e estão muito mais dispersos, sendo comuns as casas isoladas ou pequenos conjuntos de duas a dez casas dispersos pelo espaço florestal e na proximidade imediata ou não de terrenos agrícolas.

Desta realidade, aliada à da demografia, resulta que, como iremos ver mais à frente, o número de deflagrações é anualmente muito superior nas freguesias do Norte do concelho, onde está concentrada a maior parte da população do concelho e onde o uso agrícola do solo é também mais comum, assim como o uso do fogo para gestão dos sobrantes que esta origina. No entanto, uma vez que existe uma maior continuidade entre os espaços agrícolas nesta zona, o seu efeito de compartimentação dos espaços florestais é maior, pelo que os incêndios não atingem, por norma, grandes proporções. Além disso, o alerta é, geralmente, dado numa fase mais inicial do incêndio, estando os meios de supressão mais próximos e com melhores acessos aos locais em que se dão as deflagrações.

No Sul do concelho, que podemos definir pela linha imaginária referida atrás, o número anual de deflagrações é em média substancialmente mais baixo que o verificado no Norte do concelho. Contudo, a área ardida por incêndio é, normalmente, bastante mais elevada, fruto da ausência de espaços agrícolas que compartimentem os espaços florestais, os quais assumem grandes contínuos sem quaisquer faixas de gestão ou interrupção de combustíveis. À maior área ardida por incêndio no Sul do concelho não é alheia igualmente a distribuição dos declives no concelho, já que é precisamente nesta zona que se concentram as áreas com declives mais acentuados, o que dificulta o combate e promove o rápido alastramento dos incêndios, colocando em perigo os meios humanos e materiais no combate às chamas, assim como as áreas edificadas nas zonas afetadas pelos incêndios.

Ocupação do Solo (ha) Freguesias	Áreas Agrícolas	Áreas Florestais	Meios Naturais	Outras Áreas	Territórios Artificializados
Alvoco da Serra	104,70	667,45	2768,79	9,64	24,95
Girabolhos	321,62	1425,77	-	8,43	17,14
Loriga	111,41	523,70	2851,38	33,31	33,25
Paranhos da Beira	485,88	1545,64	-	18,04	62,02
Pinhanços	400,76	395,98	-	0,27	32,51
Sabugueiro	37,65	74,58	3798,41	79,54	13,03
Sandomil	221,41	302,28	-	8,54	23,46
Santa Comba	514,25	566,00	-	2,62	49,99
Santiago	334,72	285,72	-	2,06	62,47
Sazes da Beira	21,94	231,87	3,68	-	15,19
Teixeira	50,18	1457,18	62,71	2,59	7,74
Travancinha	340,12	715,84		-	25,20
Valezim	48,91	223,54	576,52	0,31	11,91
Vila Cova à Coelheira	51,68	231,00	-	2,25	14,07
U.F. de Carragosela e Várzea de Meruge	301,95	475,73	-	-	29,71
U. F. de Sameice e Santa Eulália	424,28	824,48	-	4,40	32,34
U. F. de Santa Marinha e São Martinho	467,84	318,49	643,70	0,10	54,27
U. F. de Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	819,14	1488,34	2457,27	57,72	297,63
U. F. de Torroselo e Folhadosa	180,43	221,39	-	2,61	33,35
U. F. de Tourais e Lajes	929,91	1477,03	-	7,81	96,69
U. F. de Vide e Cabeça	249,91	4722,69	426,22	22,29	52,20

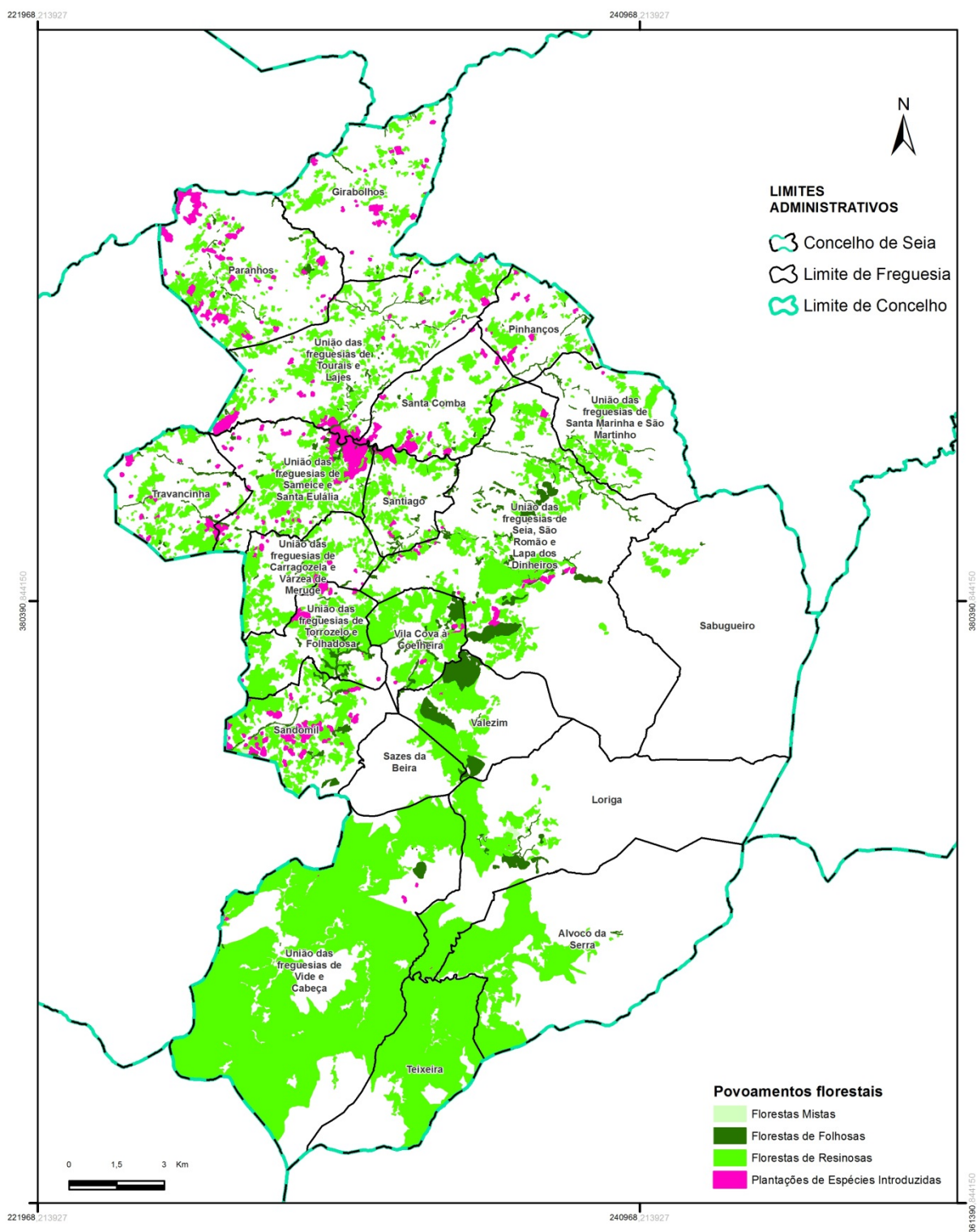
Ocupação do Solo (ha) Freguesias	Áreas Agrícolas	Áreas Florestais	Meios Naturais	Outras Áreas	Territórios Artificializados
TOTAL	6418,70	18174,71	13588,67	262,53	989,09

Relativamente à área improdutiva, esta soma cerca de 187,5 hectares, ou seja, aproximadamente 0,5% da área total do concelho, e inclui as áreas ocupadas pela indústria extrativa, pelo único aterro sanitário do concelho (selado), e pelas superfícies ocupadas pelas lagoas e albufeiras, situadas maioritariamente a uma cota mais elevada e pertencentes fundamentalmente às freguesias de Loriga, São Romão e Sabugueiro.

4.2 – POVOAMENTOS FLORESTAIS

Os povoamentos florestais do concelho de Seia são, como se observa no mapa dos povoamentos florestais, bastante fragmentados na porção Norte do concelho, também devido aos incêndios, mas principalmente devido à maior concentração do uso agrícola nesta porção do concelho, como se referiu para o mapa de ocupação do solo. Assim, na porção Norte do concelho, predominam os solos agrícolas ainda cultivados, apenas mantidos lavrados, recentemente abandonados ou abandonados há alguns anos e que ainda não desenvolveram vegetação arbórea. Os povoamentos florestais são compostos especialmente pelo pinheiro bravo e, mais recentemente, pela mimosa (*Acacia dealbata*), invasora lenhosa exótica bem adaptada ao fogo e de grande resiliência.

Na zona Norte do concelho, os povoamentos acabam por existir apenas no rendilhado das áreas marginais para a agricultura, nas galerias ripícolas e nos terrenos agrícolas abandonados, que vão sendo colonizados pelas espécies pioneiras, em primeiro lugar as arbustivas e logo depois pelas arbóreas referidas. Mais recentemente têm sido executados algumas iniciativas de arborização, fazendo recurso aos apoios oriundos dos quadros comunitários. Contudo, devido ao minifúndio que predomina na região, essas iniciativas são, por norma, muito localizadas e de reduzidas dimensões, pelo que não têm mostrado qualquer resultado na prevenção de incêndios ou no dificultar da progressão no fogo.

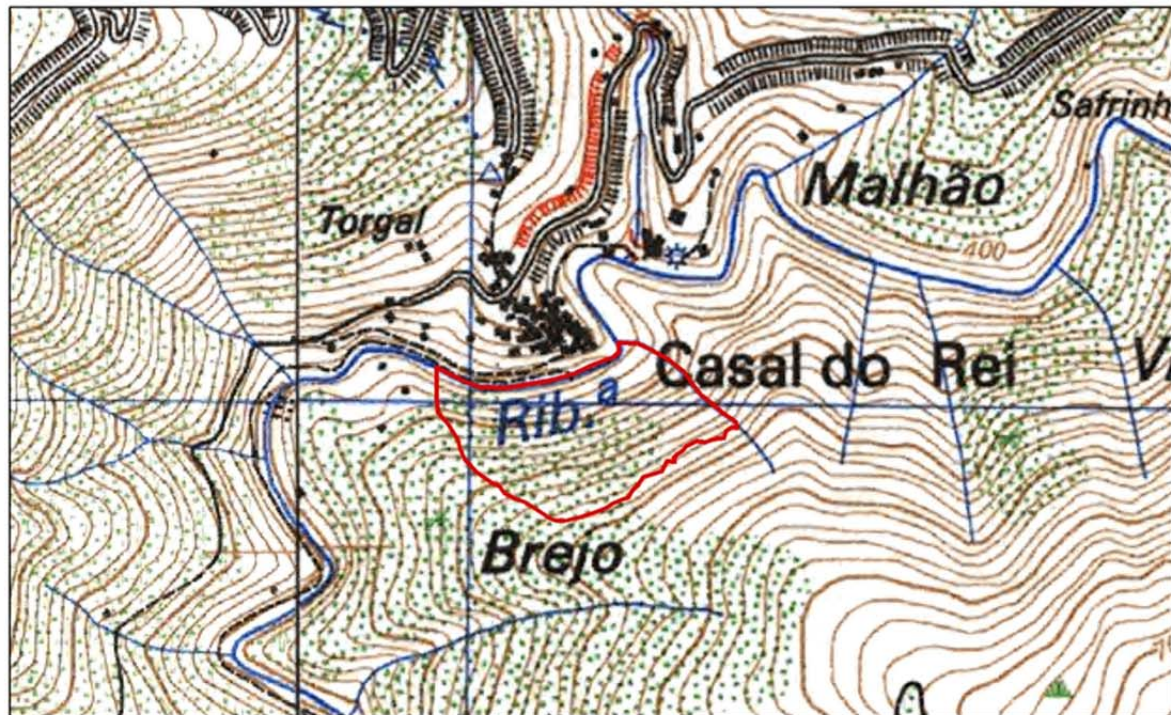


	MAPA DOS POVOAMENTOS FLORESTAIS DO CONCELHO DE SEIA		
	Projectão rectangular de Gauss Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa Coordenadas Hayford - Gauss	Elaboração: Janeiro de 2013 MAPA N.º 11	Fonte(s): IGP (2013), CMS 2014, IGEOE 2004

Existe um povoamento que se destaca, trata-se de um povoamento de pinheiro bravo com manchas de choupo junto das linhas de água e outras folhosas que se localiza nas margens do rio Seia, integrando as freguesias de Santa Comba, Santiago, Sameice e Tourais, e que pertence a um agrupamento de proprietários florestais destas freguesias.

Este é um povoamento de grande importância, por um lado pela sua dimensão, por outro devido à sua localização. É importante também do ponto de vista ecológico, pois está todo ele no interior de um dos corredores ecológicos definidos pelo Plano de Ordenamento Florestal da Beira Interior Norte (PROF-BIN), e importante para a defesa das pessoas e bens, uma vez que confina com diversos aglomerados populacionais.

No Sul do concelho, a realidade é a contrária, as áreas agrícolas são dispersas e as áreas com povoamentos e matos são extensas. É nesta porção do concelho que se encontram os maiores povoamentos florestais, como se constata no mapa dos povoamentos florestais, ocupando uma área ainda maior até Junho de 2005, altura em que um grande incêndio que deflagrou em Coucedeira, freguesia de Vide, consumiu em cinco dias mais de 7.100 hectares de espaços florestais e agrícolas do concelho, destruindo a maior mancha de povoamentos de pinheiro bravo e medronheiro do concelho, que se localizava nas freguesias de Vide, Alvoco da Serra, Teixeira, Loriga e Cabeça. Foi consumido também neste incêndio uma área de proteção especial do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), o Bosque de Casal do Rei, situado no extremo Nordeste da freguesia de Vide e que apresentava uma das últimas manchas de vegetação espontânea, pouco alterada pela ação do homem, com grande complexidade e diversidade florística, e que constituía uma mancha residual da vegetação potencial natural da região Centro do país. Esta mancha, que ardeu por completo, encontra-se atualmente em regeneração e apresenta como principais espécies arbóreas a azinheira (*Quercus rotundifolia*), o castanheiro (*Castanea sativa*), o azereiro (*Prunus lusitanica*), o folhado (*Viburnum tinus*) e o medronheiro (*Arbutus unedo*). De acordo com um inventário realizado por Duarte & Alves em 1985, o elenco florístico do local apresentava mais de 200 espécies de plantas vasculares, o que representa cerca de um quarto do total de espécies identificadas na serra da Estrela, isto numa área de apenas cerca de 20 hectares.



Assim, após este incêndio de 2005 no Sul do concelho e conforme se pode observar no mapa dos povoamentos florestais, apenas restaram os povoamentos situados no extremo Norte da freguesia de Vide, no Silvadal, no extremo Sudoeste de Alvoco da Serra, entre Vasco Esteves de Baixo e Vasco Esteves de Cima, e nas zonas a norte de Casal do Rei e a norte e este de Cabeça. Já em 2007, verificaram-se alguns incêndios nestes locais, tendo a maioria sido extintos com uma área ardida reduzida.

A área ocupada por povoamentos florestais no concelho de Seia por freguesia, é constante na lista abaixo, sendo que a rubrica “Outras Folhosas” inclui as folhosas das galerias ripícolas.

Povoamentos Florestais (ha) Freguesias	Florestas de Resinosas	Florestas de Folhosas	Florestas Mistas	Plantação de Espécies Introduzidas	Matos
Alvoco da Serra	802,29	1,28	-	-	2766,85
Girabolhos	174,56	28,65	-	20,96	1201,63
Loriga	516,48	44,73	7,82	1,02	2580,10
Paranhos da Beira	273,91	27,21	-	95,62	1160,14
Pinhanços	116,21	7,55	-	14,15	260,65
Sabugueiro	48,07	0,42	-	-	3571,67
Sandomil	395,49	39,48	3,73	64,23	516,25
Santa Comba	182,26	13,29	-	34,37	385,77
Santiago	160,78	21,53	-	18,27	143,68
Sazes da Beira	84,31	3,66	-	-	644,72
Teixeira	1056,78	-	-	-	474,71
Travancinha	239,05	25,09	-	24,76	592,77
Valezim	269,27	107,71	-	0,44	706,03
Vila Cova à Coelheira	362,46	50,49	-	4,84	269,08
U.F. de Carragosela e Várzea de Meruge	242,33	11,17	-	12,06	408,96
U. F. de Sameice e Santa Eulália	355,32	33,13	-	95,50	482,01
U. F. de Santa Marinha e São Martinho	181,00	10,99	-	0,21	775,70
U. F. de Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	657,21	204,04	-	24,80	3292,43
U. F. de Torroselo e Folhadosa	363,01	35,17	-	26,45	348,63
U. F. de Tourais e Lajes	511,07	29,09	-	72,91	970,12
U. F. de Vide e Cabeça	3996,07	16,87	-	4,27	1305,70
TOTAL	10987,93	711,55	11,55	514,86	22857,59

A conclusão que resulta da análise do coberto vegetal do concelho a nível dos povoamentos florestais é a grande predominância do pinheiro bravo face às folhosas (medronheiro, castanheiro, carvalhos alvarinho e negral, sobreiro, azinheira e eucalipto).

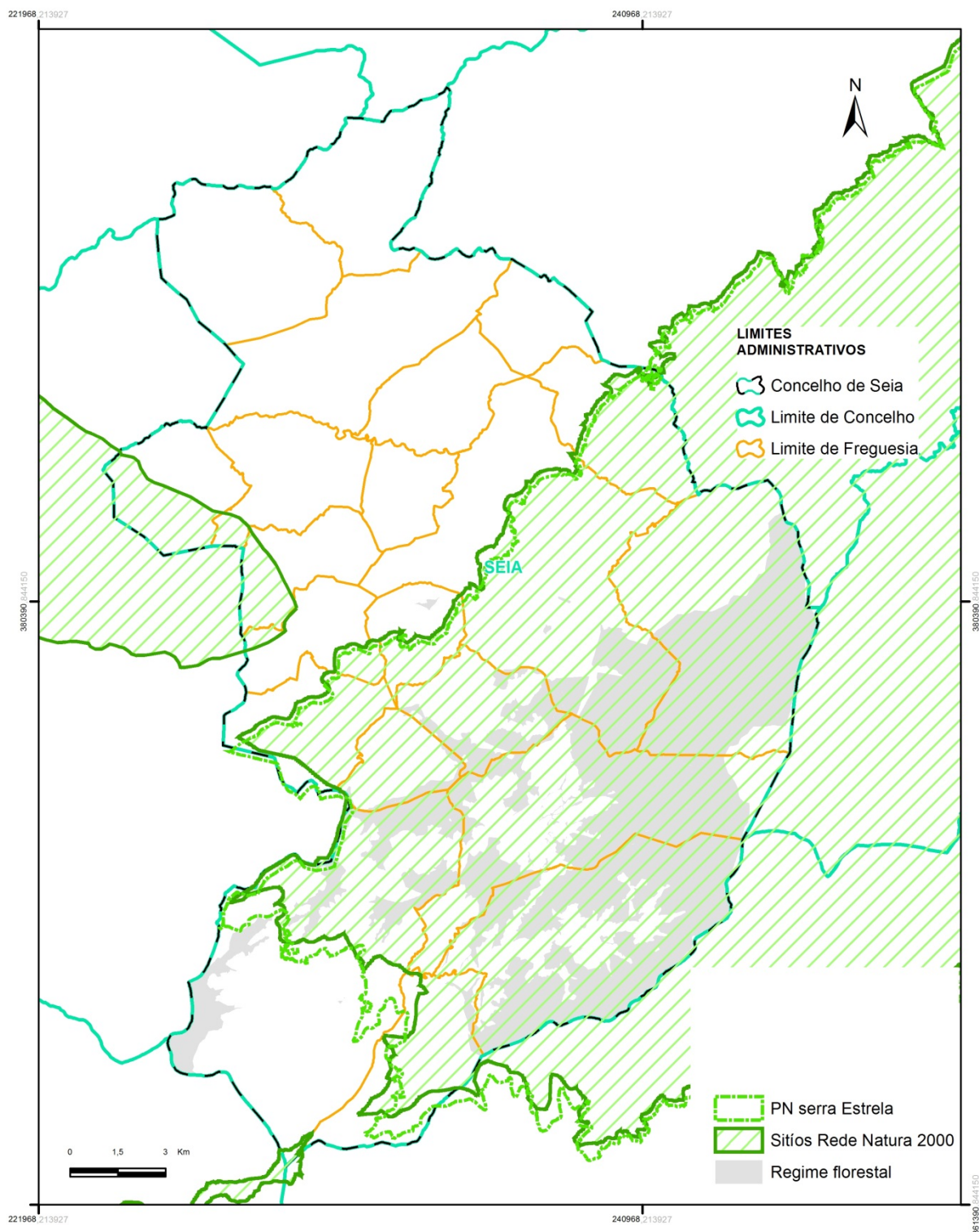
Relativamente ao eucalipto, depois da sua expansão ter entrado em declínio no final dos anos 90, quando a estabilização dos preços da rolaria de eucalipto ditou o fim de alguns projetos de empresas de celulose para a plantação desta espécie nas freguesias de Tourais, Sameice e Paranhos da Beira, a mesma mostrou um aumento nos últimos anos no concelho, resultante da plantação, muitas vezes ilegal, sem licença nem parecer do ICNF, plantação essa motivada pelo desânimo que o fenómeno recorrente dos incêndios florestais provocou nos proprietários, que assim esperam obter rendimentos em rotações curtas de eucalipto para rolaria de celulose, que as revoluções do pinheiro bravo não permitem, por arderem antes de ser atingido o termo de explorabilidade.

A área coberta por eucalipto tem de sofrer especial atenção nas estratégias DFCI para o concelho, dado o comportamento desta espécie em relação ao fogo, sendo uma das mais infamáveis e combustíveis, quando adulta, pois os seus tecidos, em particular os foliares, são ricos em óleos essenciais altamente inflamáveis. Um dado importante para a defesa da floresta e para o combate aos incêndios é o facto dos povoamentos jovens serem pouco inflamáveis e pouco combustíveis, uma vez que as folhas juvenis do eucalipto apresentam elevado teor em água e baixa quantidade dos referidos óleos essenciais, sendo habitual que grandes incêndios sejam detidos em povoamentos jovens desta espécie.

O planeamento DFCI baseado nos povoamento juvenis de eucalipto tem de ser realizado com grande precaução e com acompanhamento da evolução dos mesmos, pois a transição da maioria das folhas juvenis para adultas de um povoamento equíenio pode acontecer numa única época de crescimento, fazendo com que um povoamento considerado pouco combustível passe a altamente combustível em poucos meses.

Um outro dado alarmante é a área já ocupada pelas invasoras do género acácia, sendo urgente atuar na sua gestão, impedindo a expansão.

4.3 – ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 (ZPE, ZEC) E REGIME FLORESTAL



MAPA DAS ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 E REGIME FLORESTAL DO CONCELHO DE SEIA

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Janeiro de 2014
MAPA N.º 13

Fonte(s):
IGP (2013), CMS (2014),
ICNF (2007)

Da área total do concelho de Seia, cerca de 61,89% (26.966 hectares) está incluída na área protegida do Parque Natural da Serra das Estrela.

A classificação de Parque Natural, que se refere a uma área que se caracteriza por conter paisagens naturais, seminaturais e humanizadas de interesse nacional, sendo exemplo de integração harmoniosa da atividade humana e da natureza e que apresenta amostras de um bioma ou região natural, foi criada para o maciço da Estrela pelo Decreto-Lei n.º 557/76 de 16 de Julho, o qual refere tratar-se de "uma região de característica economia de montanha" onde subsistem "refúgios de vida selvagem e formações vegetais endémicas de importância nacional".

Os limites do Parque Natural da Serra da Estrela foram depois redefinidos pelo Decreto Regulamentar n.º 50/97, de 20 de Novembro, que manteve o seu estatuto, mas reclassificou-o como Área Protegida.

No que se refere à Rede Natura 2000, o concelho de Seia integra três Sítios da Lista Nacional de Sítios:

Sítios da Rede Natura 2000	Código
Serra da Estrela	PTCON0014
Carregal do Sal	PTCON0027
Complexo do Açor	PTCON0051

O Sítio “Serra da Estrela” foi criado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000, de 5 de Julho, tendo sido proposto igualmente para Sítio de Importância Comunitária (SIC).

A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica para o espaço Comunitário que resulta da aplicação das Diretivas n.º 79/400/CEE (Diretiva Aves) e n.º 92/43/CEE (Diretiva Habitats), tendo como objetivo “contribuir para assegurar a biodiversidade através da conservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens no território europeu dos Estados-membros, em que o Tratado é aplicável”.

Esta rede é formada por Zonas Especiais de Conservação (ZEC) e por Zonas de Proteção Especial (ZPE). As primeiras foram criadas ao abrigo da Diretiva Habitats, com o objetivo de assegurar a biodiversidade através da conservação de habitats naturais e de espécies selvagens ameaçadas. As ZPE foram estabelecidas ao abrigo da Diretiva Aves e destinam-se, essencialmente, a garantir a conservação das espécies de aves selvagens e seus habitats.

No caso das áreas designadas ao abrigo da Diretiva Habitats, os Estados-Membros são responsáveis pela elaboração de uma proposta nacional de Sítios de Importância Comunitária (SIC), sob a forma de uma lista Nacional de Sítios. A partir das várias propostas nacionais são selecionados os Sítios de Importância Comunitária (SIC), que posteriormente cada Estado-Membro tem de designar como ZEC. Relativamente às áreas designadas ao abrigo da Diretiva Aves, os Estados-Membros selecionam os sítios importantes para a conservação das aves, que posteriormente são designados como ZPE. As ZEC e as ZPE, depois de declaradas, passam de imediato a integrar a Rede Natura.

Em termos gerais, a Rede Natura 2000 é composta por áreas de importância comunitária para a conservação de determinados habitats e espécies, nas quais as atividades humanas deverão ser compatíveis com a preservação destes valores, visando uma gestão sustentável do ponto de vista ecológico, económico e social.

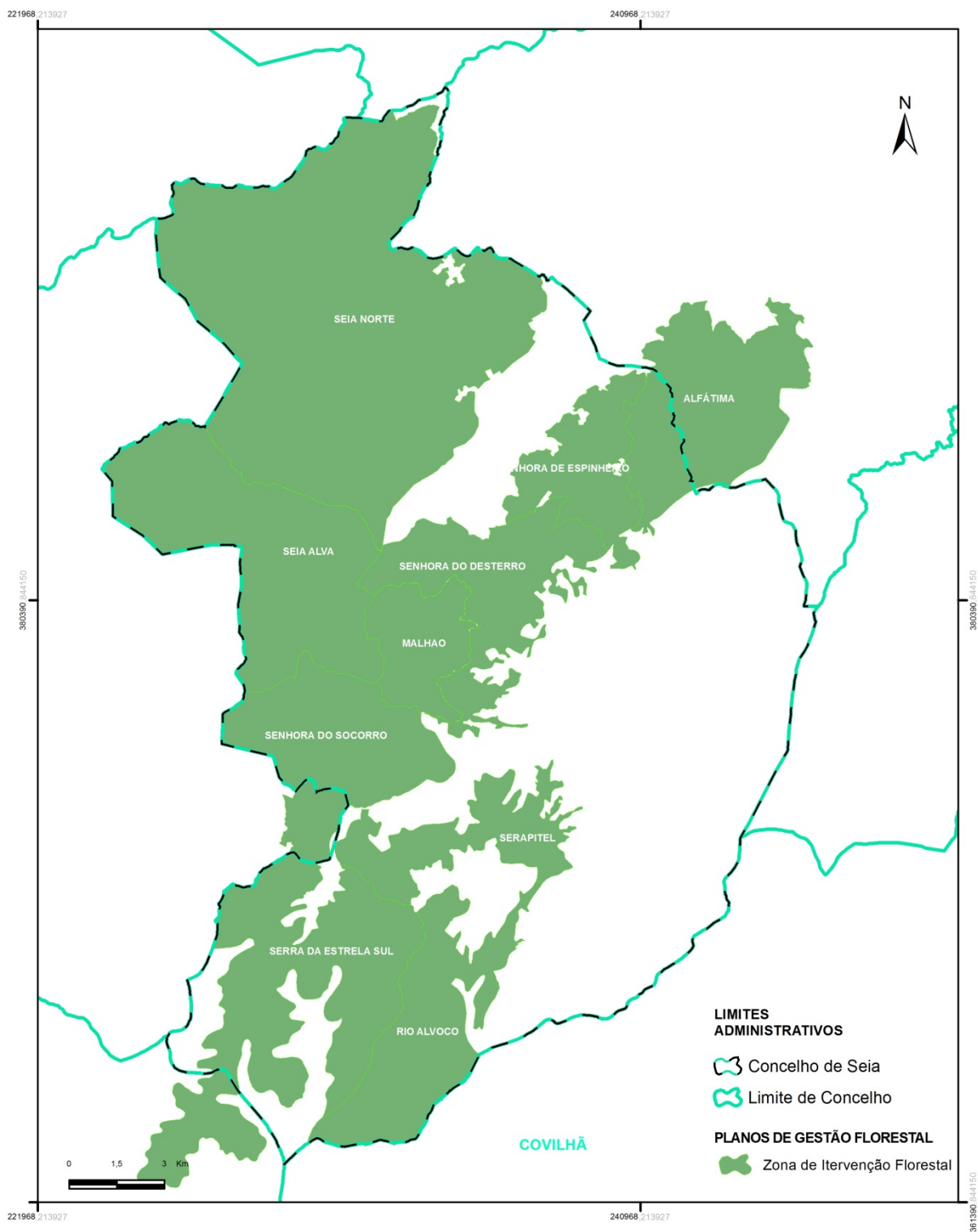
No concelho de Seia não existe nenhuma ZPE nem nenhum dos Sítios se encontra até agora classificado como SIC.

Relativamente aos habitats naturais que ocorrem nos Sítios referidos, temos:

Sítios da Rede Natura 2000	Habitats	Código
Serra da Estrela	Charnechas alpinas e boreais	4060
Serra da Estrela	Formações montanas de <i>Cytisus purgans</i>	5120
Serra da Estrela	Charnechas húmidas atlânticas setentrionais de <i>Erica tetralix</i>	4010
Serra da Estrela	Florestas mediterrânicas de <i>Taxus baccata</i>	9580
Serra da Estrela	Charnechas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas	4090

Serra da Estrela	Formações herbáceas de <i>Nardus</i> , ricas em espécies, em substratos siliciosos de zonas montanas	6230
Serra da Estrela	Cursos de água de margens vasosas com vegetação de <i>Chenopodion rubri</i> p.p e da <i>Bidenton</i> p.p.	3270
Serra da Estrela	Turfeiras de transição e turfeiras ondulantes	7140
Serra da Estrela	Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos	8130
Serra da Estrela	Águas estagnadas, oligotróficas a mesotróficas, com vegetação de <i>Littorelletea unifloreae</i> e ou da <i>Isoeto-Nanojuncetea</i>	3130
Serra da Estrela	Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i>	6160
Serra da Estrela	Prados de feno pobres de baixa altitude	6510
Serra da Estrela Complexo do Açor	Florestas de <i>Castanea sativa</i>	9260
Serra da Estrela	Grutas não exploradas pelo turismo	8310
Serra da Estrela Carregal do Sal	Matagais arborescentes de <i>Laurus nobilis</i>	5230
Serra da Estrela Carregal do Sal	Rochas siliciosas com vegetação pioneira de <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>	8230
Serra da Estrela	Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos	6410
Serra da Estrela Carregal do Sal	Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano a alpino	6430
Serra da Estrela	Charnechas húmidas atlânticas temperadas de <i>Erica ciliaris</i> e <i>Erica tetralix</i>	4020
Serra da Estrela Carregal do Sal Complexo do Açor	Carvalhais galaico-portugueses de <i>Quercus robur</i> e <i>Quercus pyrenaica</i>	9230
Serra da Estrela	Florestas de <i>Quercus Ilex</i> e <i>Quercus rotundifolia</i>	9340
Serra da Estrela Carregal do Sal Complexo do Açor	Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica	8220
Serra da Estrela Carregal do Sal Complexo do Açor	Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitriche-Batrachion</i>	3260
Serra da Estrela Carregal do Sal	Matos termomediterrânicos pré-desérticos	5330
Serra da Estrela Carregal do Sal	Subestepes de gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>	6220
Serra da Estrela Carregal do Sal Complexo do Açor	Florestas de <i>Quercus suber</i>	9330
Serra da Estrela	Florestas aluviais de <i>Alnus glutinosa</i> e <i>Fraxinus excelsior</i>	91E0
Serra da Estrela Carregal do Sal Complexo do Açor	Florestas-galerias de <i>Populus alba</i> e <i>Salix alba</i>	92A0
Serra da Estrela Carregal do Sal Complexo do Açor	Charnecas secas europeias	4030
Complexo do Açor	Florestas de <i>Ilex aquifolium</i>	9380

4.4 – INSTRUMENTOS DE GESTÃO FLORESTAL



MAPA DOS INSTRUMENTOS DE GESTÃO FLORESTAL DO CONCEHO DE SEIA

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Março de 2014
MAPA N.º 14

Fonte(s): IGP (2006), DGRF (2007)

As zonas de intervenção florestal (ZIF) assumem particular relevância como instrumento de política florestal, pois visam garantir a gestão eficaz dos espaços florestais através da dinamização da gestão florestal privada e na sua associação para uma gestão comum.

As áreas no concelho sob gestão com base num plano de gestão florestal reconhecido pelo ICNF são:

Designação	Diploma Constituição	Entidade Gestora
ZIF 008/06 - Alfátima	Portaria n.º 1381/2007, de 23 de Outubro	URZE
ZIF 77/07 - Malhão	Despacho n.º 22229/2009 de 7 de Outubro	URZE
ZIF 090/07 - Seia-Alva	Despacho N.º 3308/2010 de 23 de Fevereiro	CAULE
ZIF 091/07 - Senhora do Socorro	Despacho n.º 22303/2009 de 8 de Outubro	URZE
ZIF 108/07 - Serapitel	Portaria n.º 81/2009 de 22 de Janeiro	URZE
ZIF 117/07 - Rio Alvoco	Despacho n.º 26309/2009, de 3 de Dezembro	Cooperativa Agro - Pecuária da Beira Central
ZIF 133/09 - Sr. ^a Desterro	Despacho n.º 16533/2009 de 21 de Julho	URZE
ZIF 163/07 - Serra da Estrela Sul	Despacho n.º 11134/2009, de 5 de Maio	CAULE
ZIF 186/08 – S ^a do Espinheiro	Despacho n.º 18318/2009 de 7 de Agosto	URZE
ZIF 220/09 - Seia Norte	Despacho N.º 4974/2010 de 19 de Março	URZE

4.5 – ZONAS DE RECREIO FLORESTAL, CAÇA E PESCA

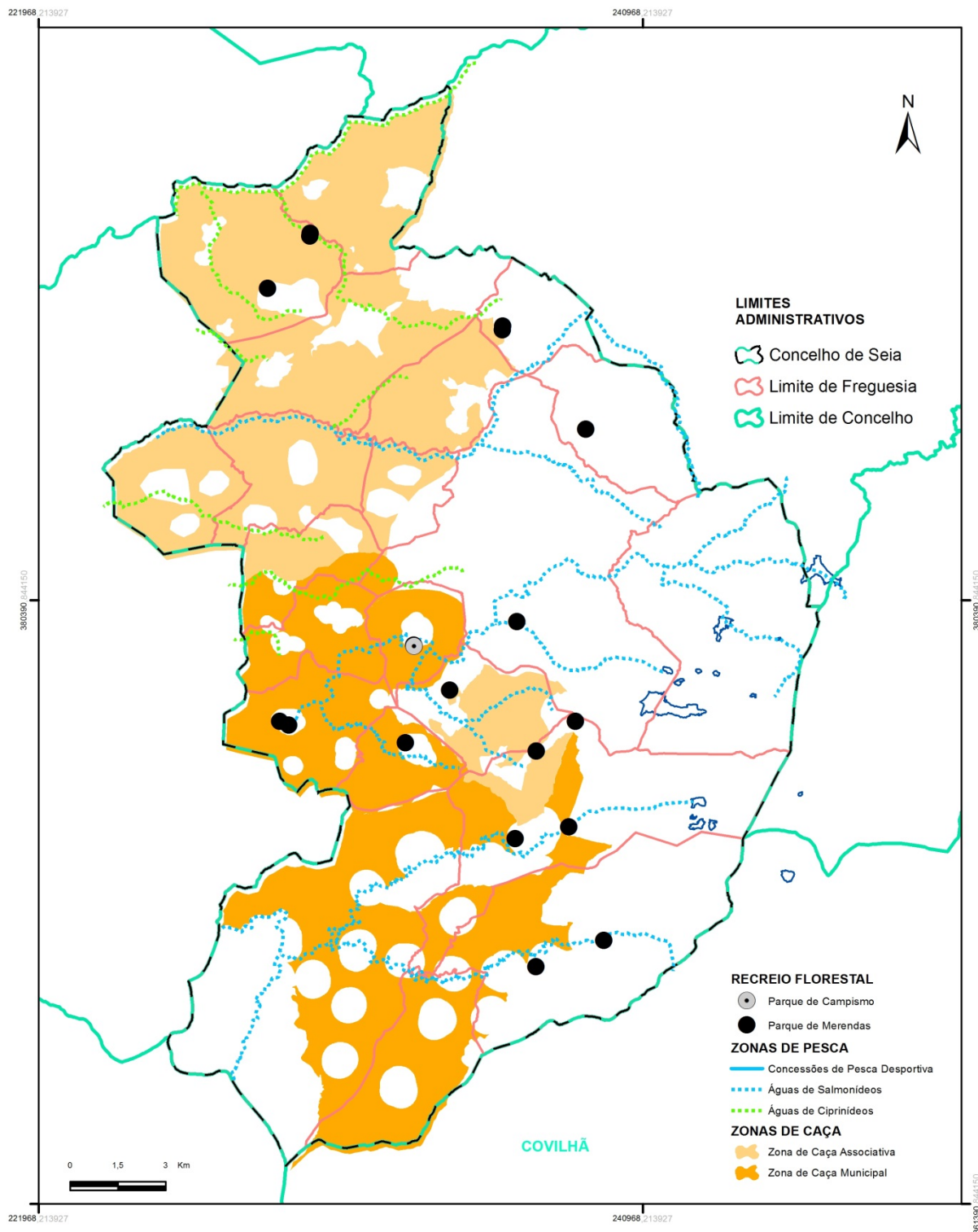
O concelho de Seia, com uma ocupação em espaços florestais que, ronda os 82,4% e que partilha com os concelhos vizinhos de Manteigas, Gouveia e Covilhã a maior montanha de Portugal Continental, apresenta enormes valências para o turismo de montanha, o turismo de natureza, o turismo ambiental e o ecoturismo. Com efeito, por toda a serra da Estrela são comuns os vestígios da última glaciação, com blocos erráticos, covões, moreias, lagoas e vales glaciários, como o do Zêzere, em Manteigas. É também de grande interesse a transição que se verifica ao longo dos “andares” da serra, a nível das comunidades vegetais, sendo o andar basal aquele onde se verifica uma maior ocupação pelo pinheiro bravo e pelo carvalho alvarinho, ao passo que o andar intermédio é do domínio do carvalho negral. No andar superior, devido à intensidade dos ventos, ao regime térmico e à queda de neve, a vegetação é rasteira, prevalecendo o zimbro e o piorno, os cervunais e arrelvados, bem como comunidades vegetais rupícolas e lacustres. Na fauna, destaca-se a lagartixa-de-montanha, cujo único habitat em Portugal Continental é a serra da Estrela.

Na Estrela existem as únicas pistas de esqui do país, localizadas no extremo NE da freguesia de Loriga.

O turismo de natureza no concelho de Seia apresenta um grande potencial de expansão num futuro próximo, existindo já diversas iniciativas em curso, em vertentes de turismo fotográfico, ornitológico, percursos pedestres e mesmo o ligado à atividade cinegética e desportiva. Com efeito, e dada a realidade da ocupação do concelho, a cinegética apresenta um grande potencial, o que motivou a constituição de zonas de caça que ocupam já 19.242 hectares, cerca de 44% da área do concelho. Destas zonas de caça, cerca de 10.313 hectares referem-se a zonas de caça associativa e os restantes 8.929 hectares a zonas de caça municipal.

A paisagem, que deslumbra em muitos locais do concelho, levou a que fossem criados diversos parques de merendas, normalmente em locais isolados, ou então junto a igrejas e capelas onde as populações se concentram durante as festas, religiosas ou não, fazendo muitas vezes uso do fogo para a confeção dos

alimentos, o que já deu origem a incêndios florestais em diversas ocasiões. Apesar das características para o lazer em espaço florestal, existe apenas um espaço utilizado para campismo no concelho, situado na freguesia de Vila Cova à Coelheira, na margem esquerda do rio Alva.



ZONAS DE RECREIO FLORESTAL, CAÇA E PESCA DO CONCELHO DE SEIA

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Março de 2014
MAPA N.º 15

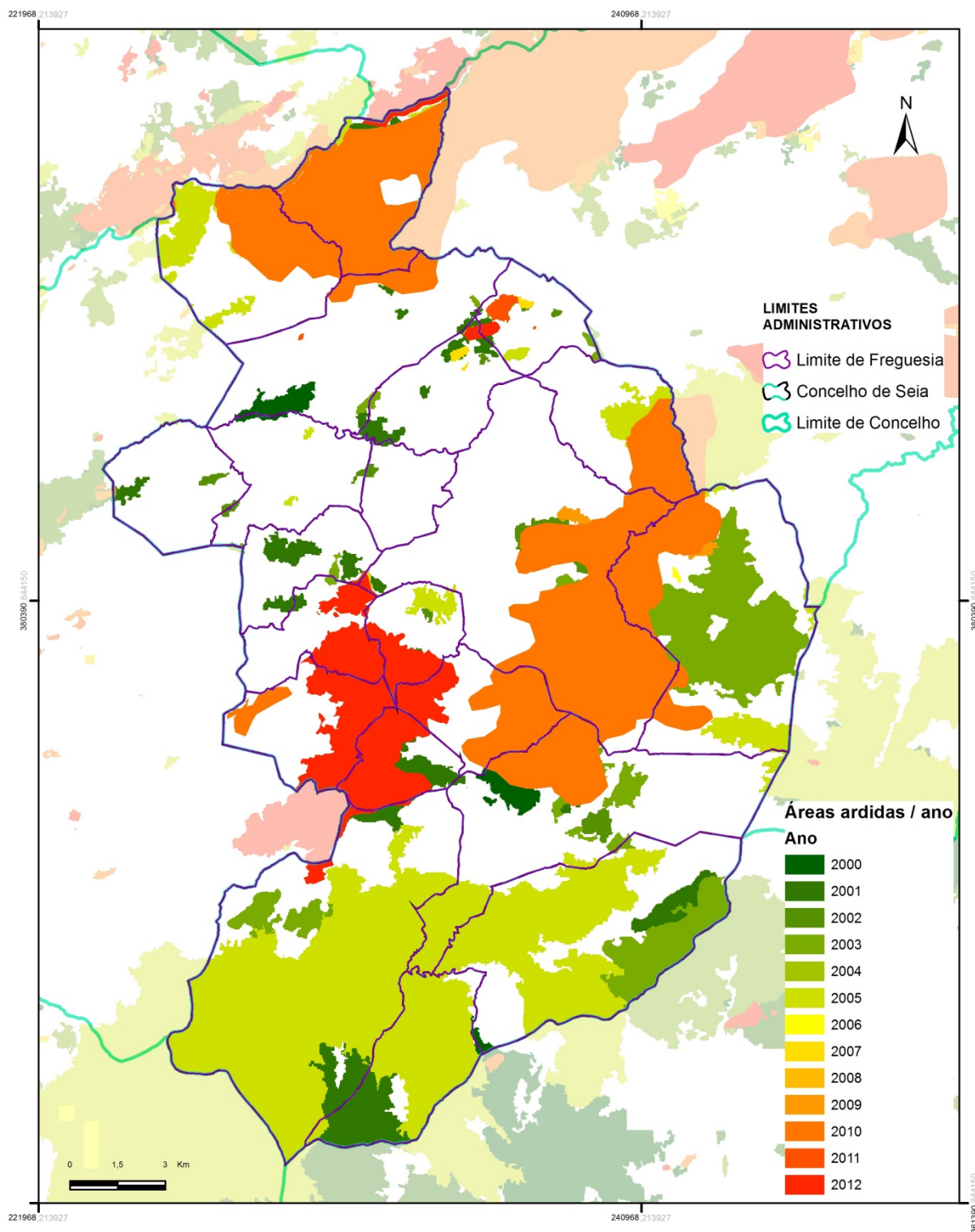
Fonte(s): IGP (2013), ICNF (2007),
CMS(2014)

Este encontra-se, por norma, gerido, sendo o fogo usado para a confeção de alimentos apenas em grelhadores fixos de cimento preparados para o efeito.

A extensão de cursos de água no concelho com aptidão para a pesca de salmonídeos, principalmente a truta, e de ciprinídeos, como o barbo e a boga, é grande. No entanto, apenas existe uma zona concessionada, da responsabilidade da Associação de Pesca de Cabeça, existindo diversas áreas que carecem de licença especial, por serem de pesca reservada.

5 – ANÁLISE DO HISTÓRICO E DA CASUALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

5.1 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO ANUAL



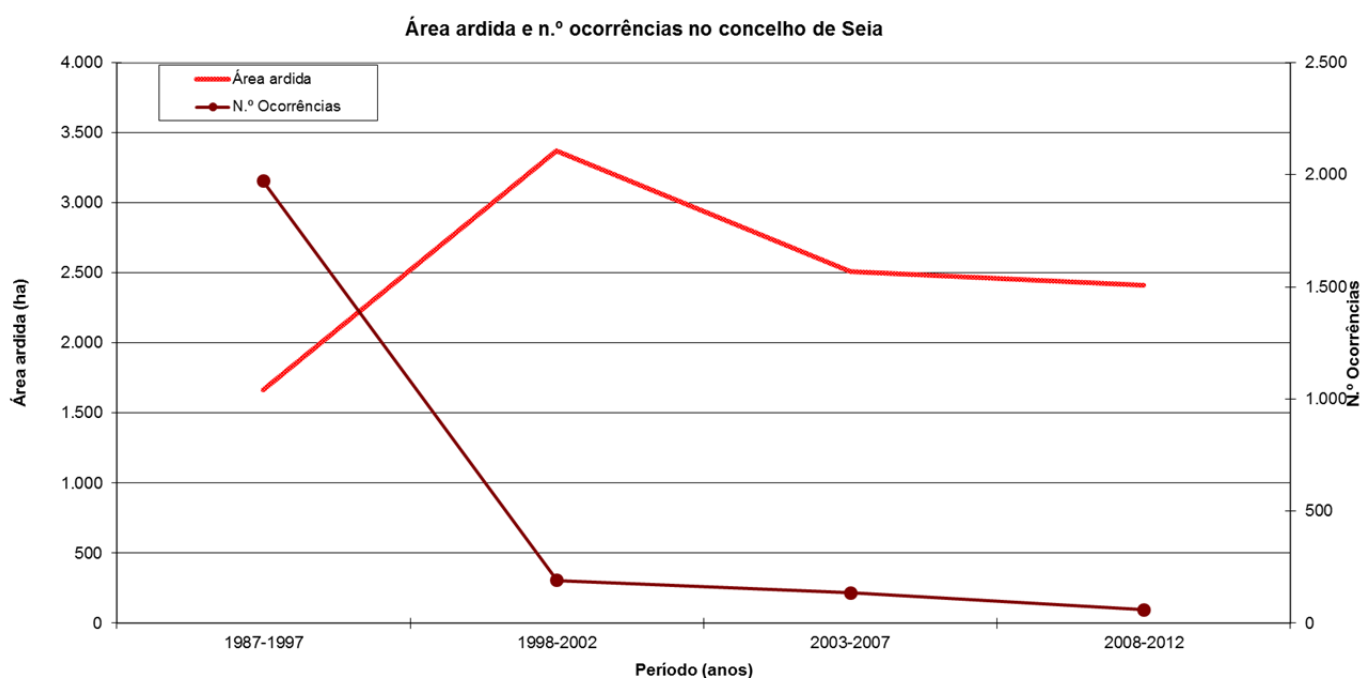
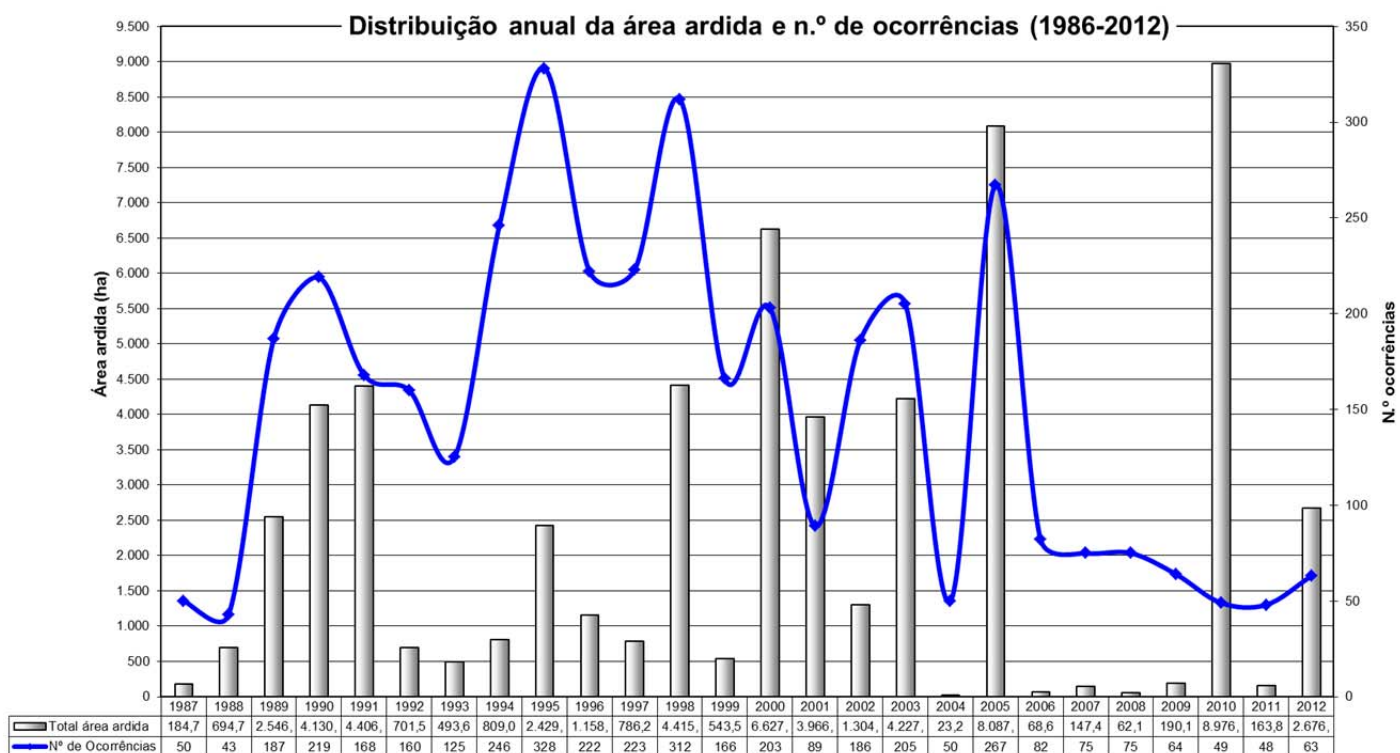
MAPA DAS ÁREAS ARDIDAS DO CONCELHO DE SEIA (2000 - 2012)

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Março de 2014
MAPA N.º 16

Fonte(s):
IGP (2013), CMS 2014, ICNF (2013)

O histórico dos incêndios nos últimos anos no concelho de Seia é deveras alarmante e facilmente perceptível pela carta das áreas ardidas acima apresentada. Existem diversas áreas florestais que arderam mais de uma vez na última década, especialmente nas freguesias localizadas nos extremos Sul e Norte do concelho.



Na verdade, nos anos seguintes a 1974, com o final do regime político que até aí existia, vários fatores de origem social originaram um grande aumento no número de ocorrências e na área ardida em todo o País, e o concelho de Seia não foi exceção. A área ardida anualmente, que entre 1987 e 1997 foi em média de 1.667,4 hectares, aumentou quase exponencialmente nos anos seguintes, tendo atingido o seu máximo no quinquénio 1998 – 2002, com 3.371,5 hectares de área média ardida anualmente.

Nos últimos anos, verificou-se uma diminuição da área ardida no concelho, fruto, por um lado à maior capacidade de resposta que foi conferida a todo o dispositivo de prevenção, deteção e combate a incêndios e em particular aos meios de vigilância e ataque inicial, e por outro às condições climáticas que se fizeram sentir nos últimos períodos estivais, nos quais as temperaturas foram mais amenas e se verificaram alguns períodos de precipitação que permitiram a manutenção de níveis mais elevados de humidade nos combustíveis. Persistem, ainda assim, anos com elevadas áreas ardidas, como 2010 e 2012, apesar do número de ocorrências se manter relativamente baixo, considerando a média.

O número de ocorrências tem vindo a apresentar um comportamento ainda mais favorável, tendo tido uma diminuição muito acentuada até 2000 e, a partir daí, sofreu um decréscimo gradual, passando das cerca de 191 ocorrências anuais do quinquénio 1998-2002, para as 60 ocorrências no quinquénio 2008-2012. Esta realidade deve-se em larga medida à ação das entidades com competências na sensibilização e fiscalização, designadamente a GNR, ICNF e o Município de Seia.

A análise da distribuição anual da área ardida e do n.º de ocorrências no período de 1986 a 2012, permite concluir que, apesar de existirem diversos motivos pelos quais se originou uma diminuição do número de ocorrências, designadamente a intensificação das ações de vigilância e fiscalização, a restrição ou proibição do uso do fogo no período crítico para a queima de sobrantes e a proibição do uso de foguetes, a área ardida mantém valores muito elevados. Deve-se principalmente ao êxodo das populações das freguesias mais distantes da sede do concelho (especialmente da população mais jovem e ativa) onde o uso agrícola do solo era, e ainda é, mais significativo, levando ao

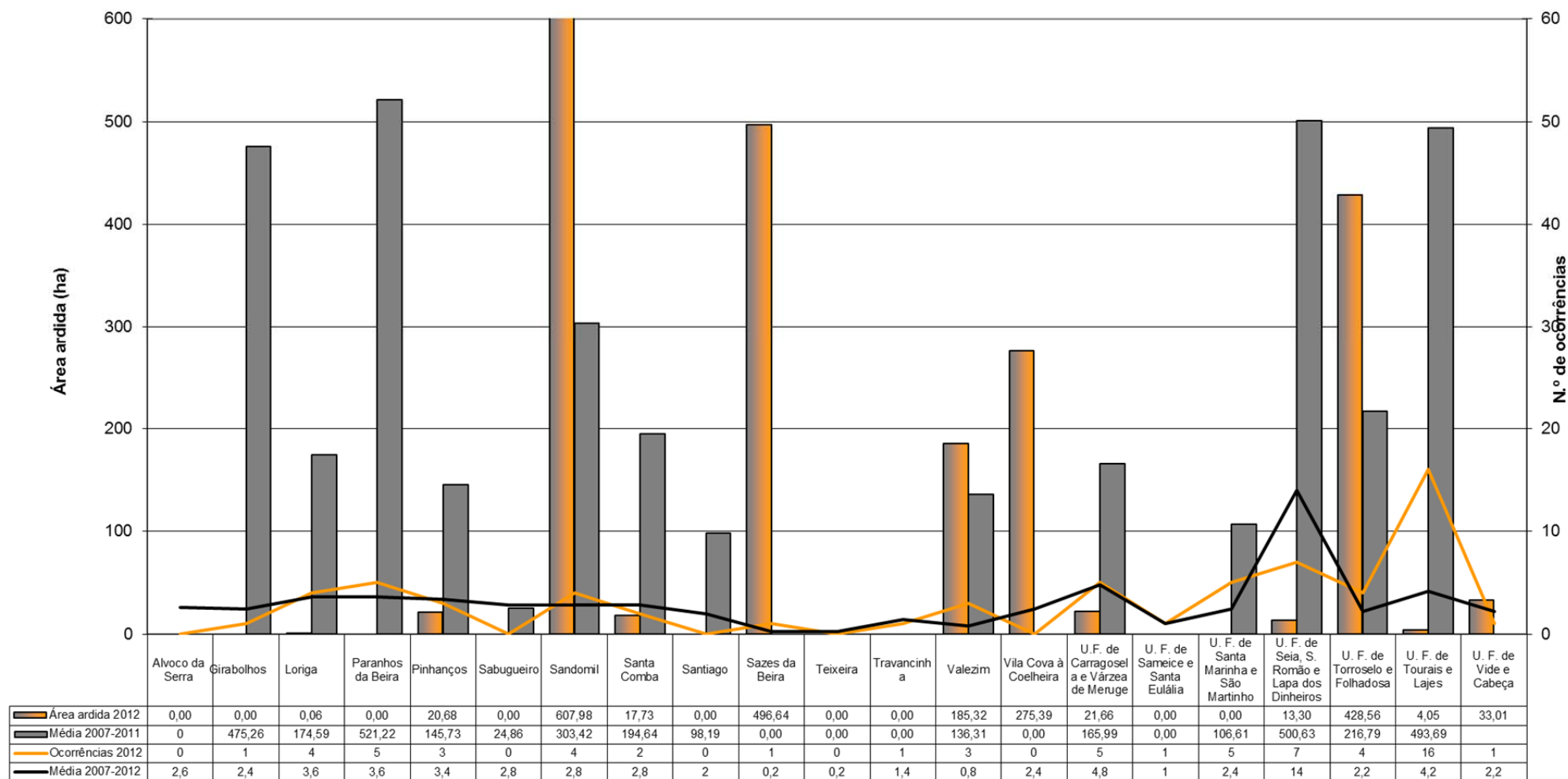
abandono de extensas áreas de campos agrícolas, que foram rapidamente ocupadas pelas espécies espontâneas, que em muitos casos apresentam elevadas cargas combustíveis e grande combustibilidade, em particular a urze, a giesta e a carqueja.

A distribuição da área ardida e do número de ocorrências pelas vinte e uma freguesias do concelho de Seia permite-nos confirmar uma realidade que havíamos já referido: o facto das freguesias do Sul do concelho apresentarem um número de ocorrências baixo, mas em contrapartida apresentarem grandes áreas ardidas como é o caso das freguesias de Sazes da Beira, Valezim e Vila Cova à Coelheira. Esta realidade explica-se pelo regime de ocupação do solo, já que dominam as grandes extensões contínuas de floresta e de incultos que, com o progressivo abandono da agricultura de montanha para subsistência, são cada vez menos compartimentadas por espaços agrícolas, olivais, árvores de fruto e outras culturas. É uma realidade que só se irá agravar nos próximos anos, visto que o abandono dos terrenos agrícolas é atualmente um processo contínuo e que alguns dos terrenos que foram abandonados há poucos anos, só agora desenvolveram coberto vegetal com carga combustível considerável, passível de facilitar ignições e alimentar fogos ativos e facilitar a sua progressão.

Nas freguesias do extremo Norte do concelho, a realidade algo diferente, sendo o número de ocorrências quase sempre elevado, mas a área ardida nem sempre o acompanha, apesar de, nos últimos anos, se terem verificado grandes áreas ardidas em Girabolhos, Paranhos da Beira e Tourais.

Nas freguesias mais urbanas, com maior densidade populacional, caso da União de Freguesias de Seia, São Romão e Lapa dos dinheiros, existe anualmente um elevado número de ocorrências, ao qual não corresponde, por norma, uma extensa área ardida, já que nestas freguesias estão situados os meios de supressão de duas das três corporações de bombeiros do concelho. Contudo, em 2010, o grande incêndio que teve início em Aldeia da Serra originou a grande área ardida que consta do gráfico acima.

Distribuição da área ardida e n.º de ocorrências em 2012 e média no quinquénio 2007-2011, por freguesia



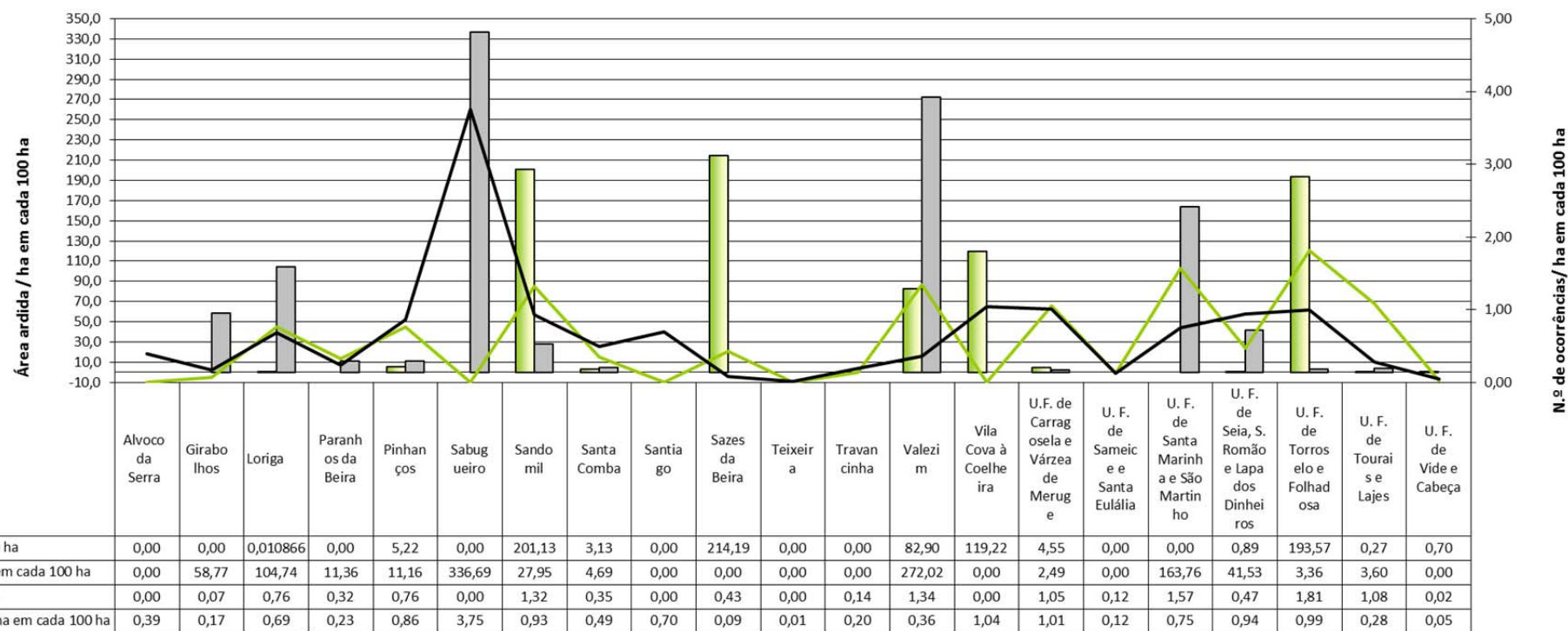
Apesar de, como iremos ver, a grande maioria das origens dos incêndios florestais ser indeterminada, é certo que se deve a fatores humanos, sejam eles por negligência ou dolo, pelo que é sobre estes que se tem de atuar, não só através da sensibilização, mas também na vigilância e fiscalização do uso do fogo para a gestão de sobrantes da agricultura e da exploração florestal, no uso do fogo para renovação de pastagens, na confeção de alimentos fora dos espaços devidamente infraestruturados para o efeito e no fogo-de-artifício.

Por outro lado, é de considerar o aumento do apoio aos agricultores e pastores na realização de queimas e queimada, sendo esse apoio preferencialmente realizado sem custos ou a custo reduzido.

Da análise da distribuição da área ardida e do número de ocorrências por cada cem hectares de espaços florestais, verificou-se em 2012 uma grande proporção de área florestal ardida nas freguesias de Sandomil, Sazes da Beira, Valezim, Vila Cova à Coelheira e U.F. de Torroselo e Folhadosa, relativamente à área ocupada por espaços florestais nas mesmas.

No que se refere ao número de ocorrências, as freguesias do Norte do concelho, como já focámos anteriormente, registam um grande número de ocorrências relativamente à área de espaço florestal que possuem, o que se encontra associado aos fatores anteriormente referidos, nomeadamente a elevada densidade populacional, e uma maior utilização do fogo para a gestão dos sobrantes agrícolas, já que estas freguesias apresentam uma extensa utilização agrícola dos solos.

Distribuição da área ardida e do n.º de ocorrências em 2012 e média no quinquénio 2007-2011, por espaços florestais em cada 100 hectares

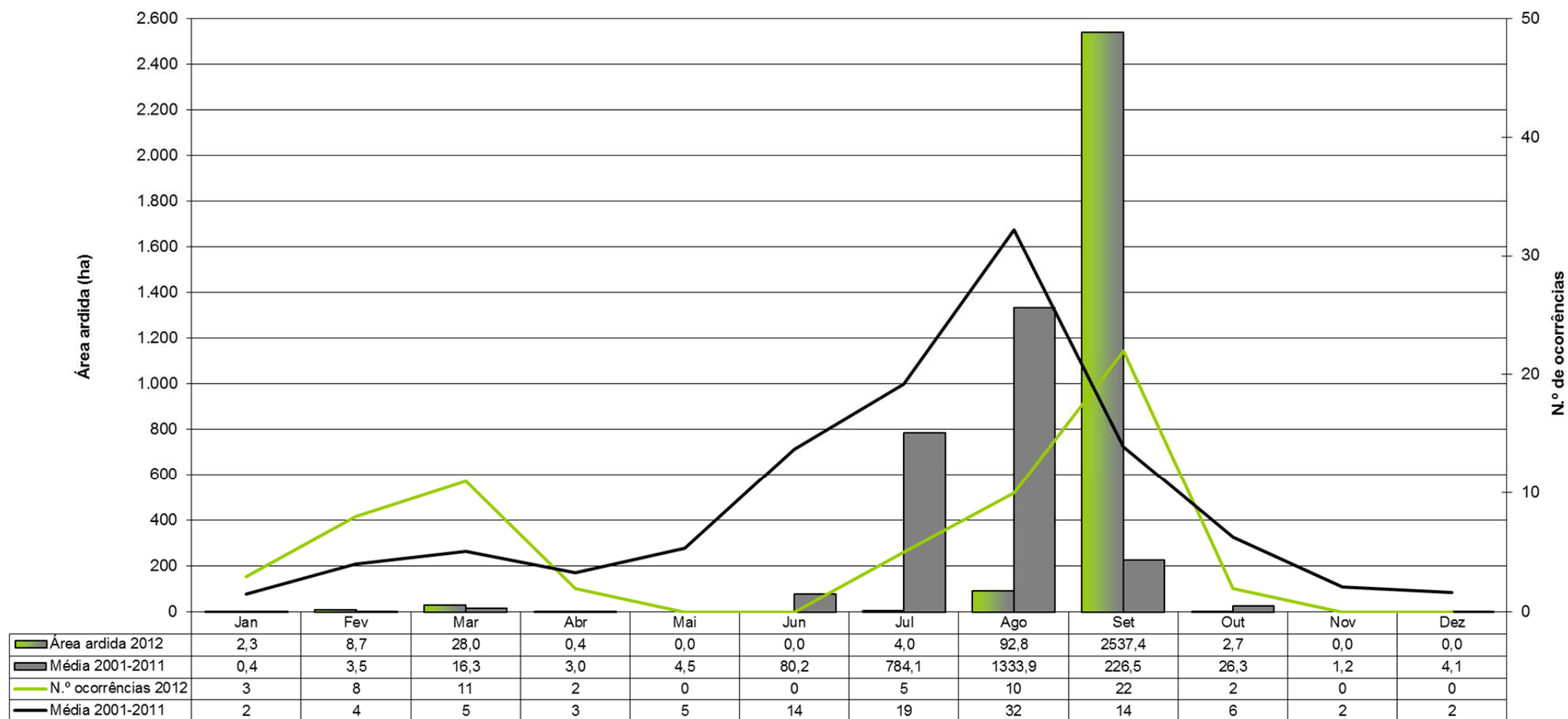


5.2 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO MENSAL

A distribuição mensal da área ardida e do número de ocorrências aponta para o período correspondente aos meses de Julho, Agosto e Setembro, como aquele em que, simultaneamente, ocorre a maior área ardida e o maior número de ocorrências no período 2001-2011. O mês de Agosto é o mais preocupante, com um elevado número médio de ocorrências (32) e uma grande área média ardida (1333.9 ha). É uma realidade já conhecida no concelho e que leva a que os meios de supressão e de pré-supressão apresentem grau de prontidão e alerta máximos neste período.

Existe um pico na área ardida e no número de ocorrências fora do período crítico que deve merecer especial atenção, é o pico verificado no mês de Março, quando as temperaturas primaveris começam a aumentar acompanhadas, por vezes, de períodos com pouca precipitação, o que leva à queda dos valores de humidade nos combustíveis florestais. Este pico deve-se, principalmente, à intensa atividade no arranque do ano agrícola, que obriga à eliminação de sobrantes (podas das oliveiras e da vinha e outros), o que é geralmente efetuado com a ajuda do fogo, e que origina frequentemente, quando as condições climatéricas são propícias, a deflagração de incêndios florestais.

Distribuição mensal da área ardida e n.º de ocorrências em 2012 e média 2001-2011



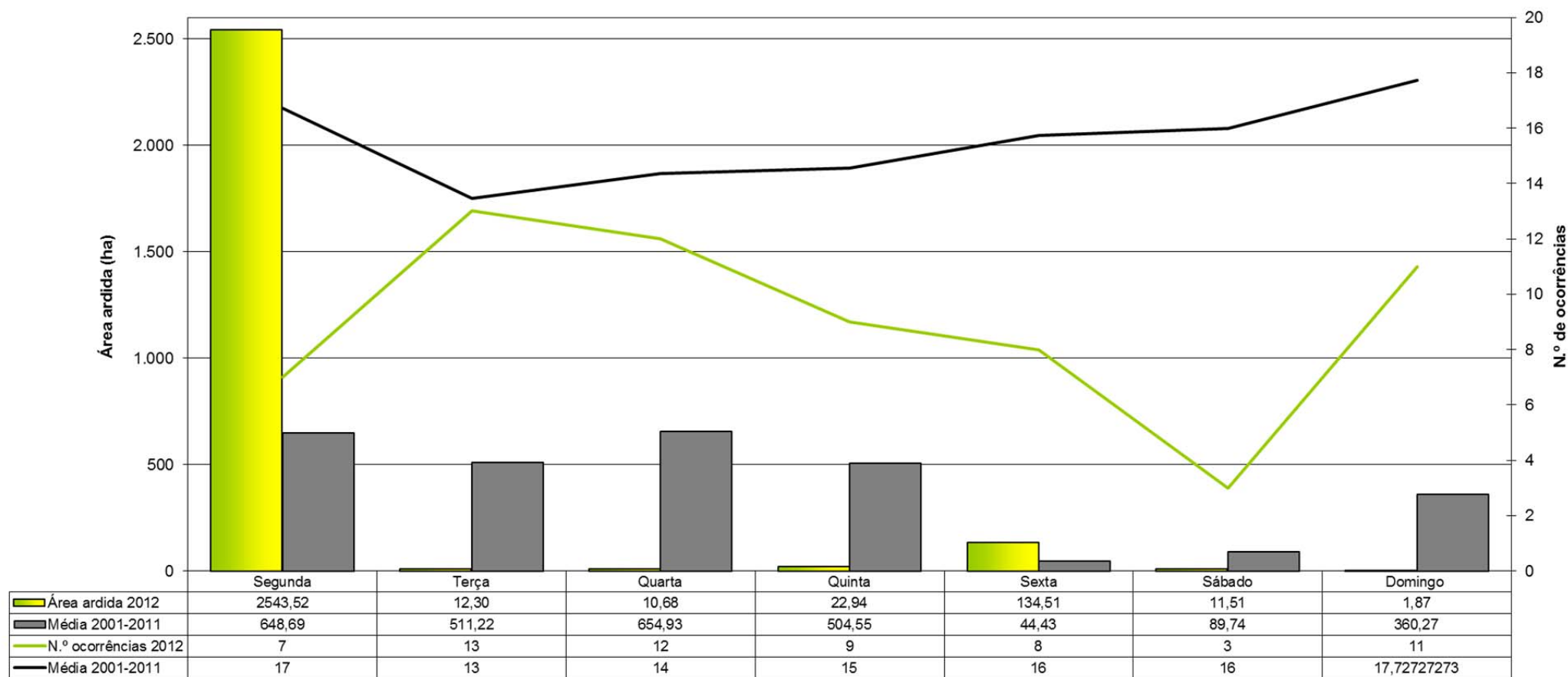
5.3 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL

A distribuição semanal da área ardida e do número de ocorrências revela que é no fim-de-semana que se verifica o maior número de ocorrências, pois é nessa altura que mais pessoas desfrutam dos espaços florestais para recreio, onde por vezes fazem uso do fogo, especialmente para confeção de alimentos, mas também é nessa altura que os proprietários que, durante a semana têm outra ocupação profissional, fazem alguma agricultura e gestão florestal, recorrendo a máquinas e, por vezes, ao fogo, o que é responsável por muitos incêndios.

Curiosamente, a área ardida não acompanha fielmente esta tendência, verificando-se um pico de área ardida, à segunda, o que poderá talvez ser explicado pela maior disponibilidade em meios humanos que os bombeiros dispõem ao fim de semana, por dependerem do voluntariado, o que faz com que, apesar do maior número de ocorrências se registre uma menor área ardida nestes dias, pois os incêndios são extintos mais rapidamente, originando menores áreas ardidas. Durante a semana, pelo contrário, existe uma menor disponibilidade em efetivos para o combate, pelo que algumas ocorrências originam incêndios de maiores dimensões e, logo, maiores áreas ardidas durante a semana.

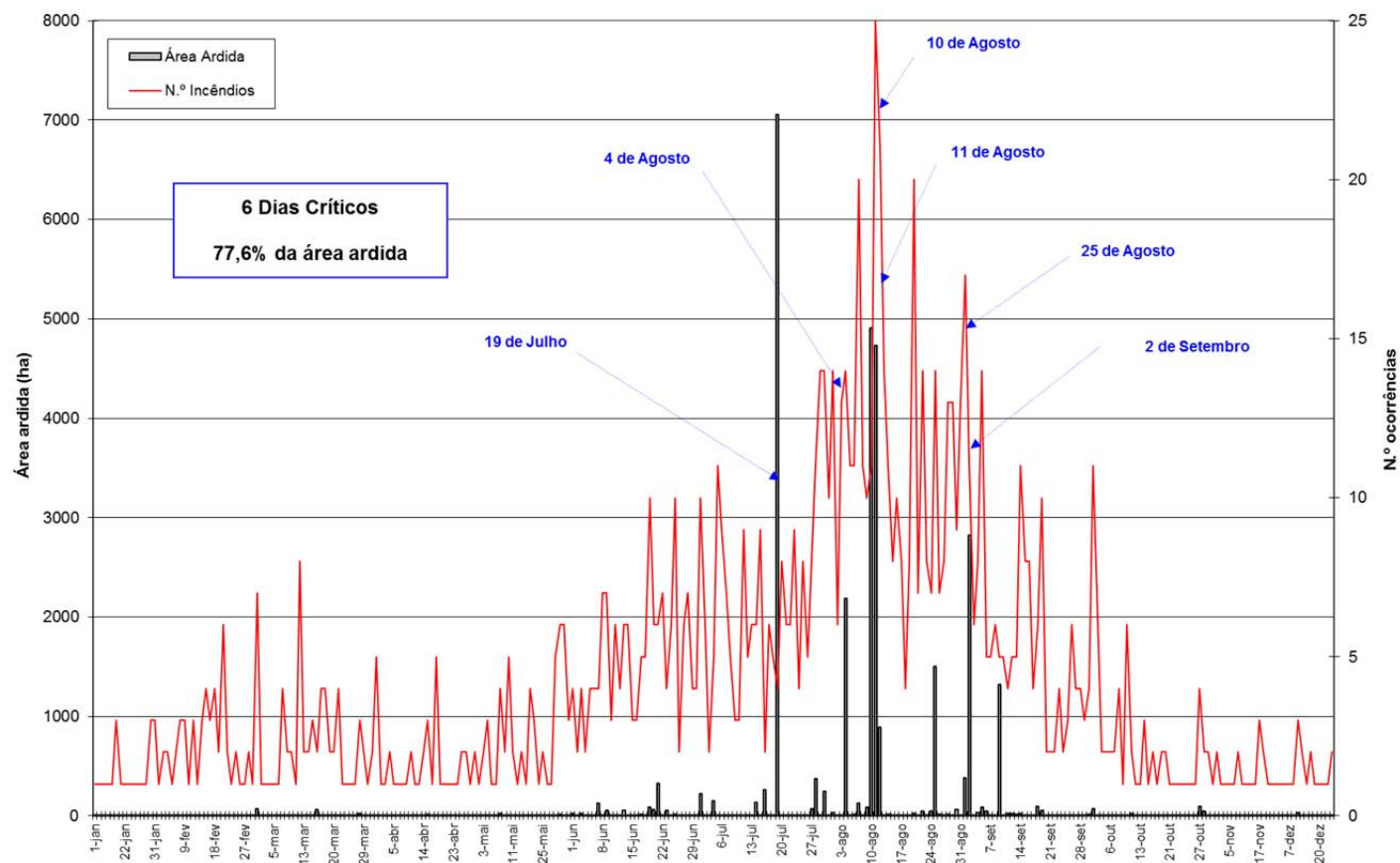
Em 2012, o número de ocorrências foram inferiores ao habitual. Relativamente à área ardida, verificou-se uma maior porção da área ardida durante a semana, especialmente à segunda-feira, o que poderá talvez dever-se aos motivos expostos no parágrafo anterior.

Distribuição semanal da área ardida e n.º de ocorrências em 2012 e média 2001-2011



5.4 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA

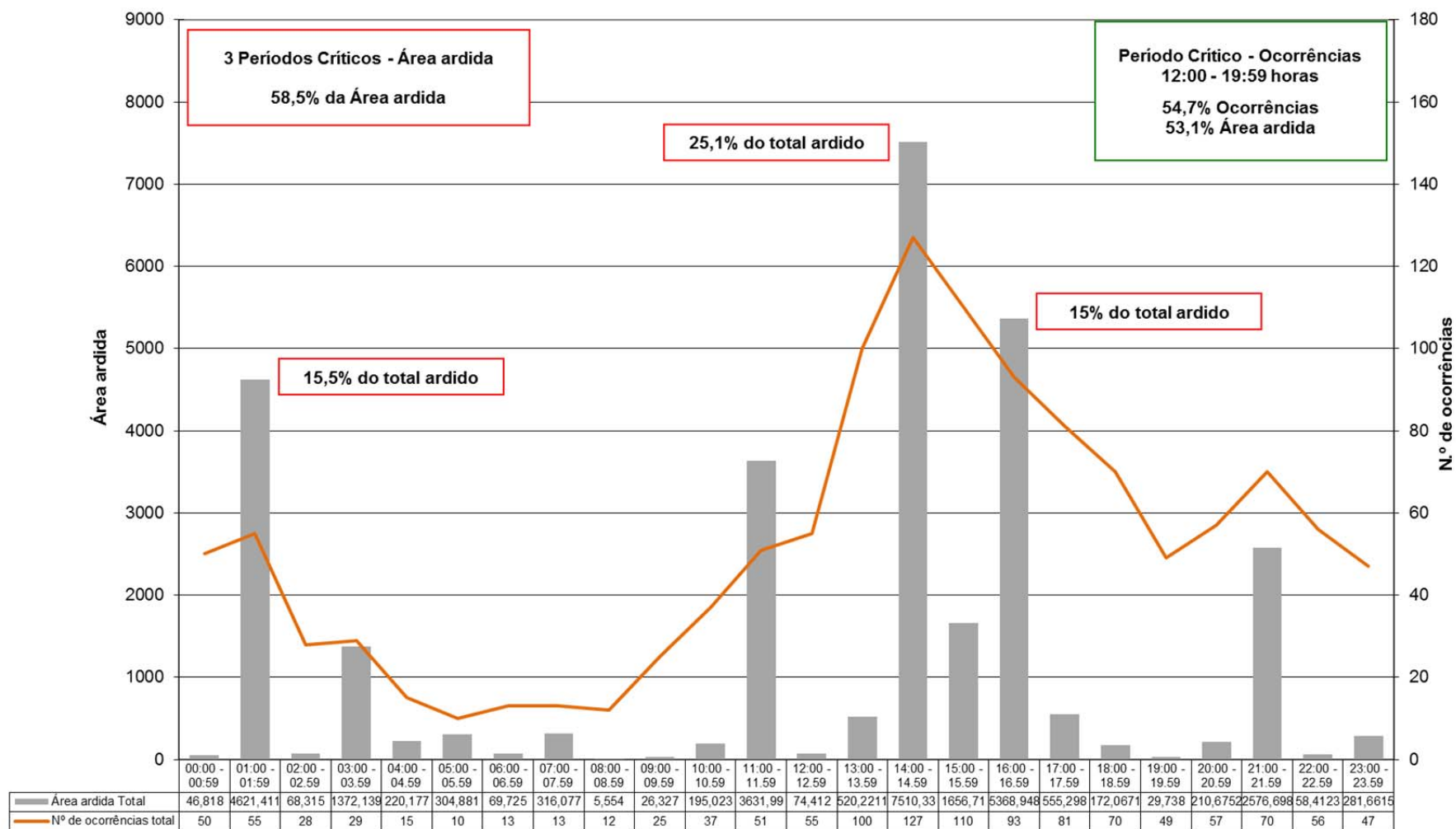
Valores diários acumulados de áreas ardidas e n.º de ocorrências 2001-2012



A distribuição diária da área ardida acumulada devolve-nos seis dias como os mais críticos nos últimos onze anos, todos nos meses mais críticos que referimos (Julho, Agosto e Setembro), correspondendo a este período de seis dias quase 78% de toda a área ardida. O número de ocorrências acumulado acompanha a tendência mensal já discutida.

5.5 – ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA

Distribuição horária da área ardida e n.º de ocorrências 2001-2012



A distribuição horária da área ardida e do número de ocorrências é de extrema utilidade na planificação das ações de pré-supressão, nomeadamente na vigilância, aumentando a capacidade e prontidão do dispositivo neste período.

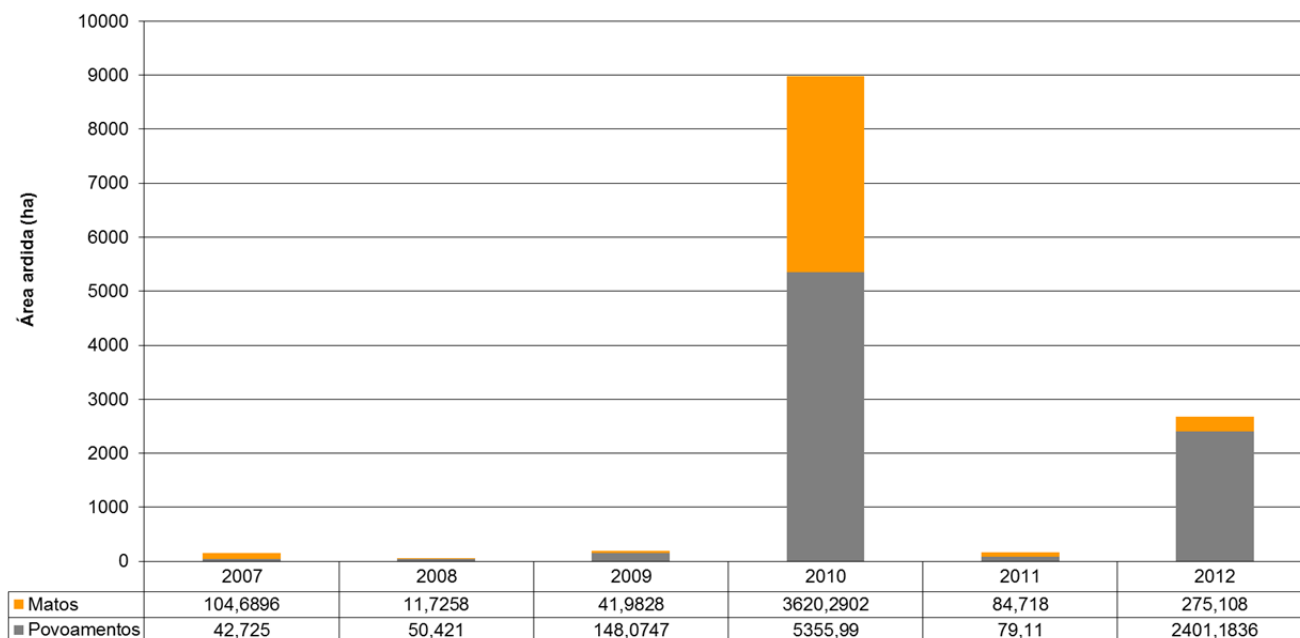
No caso do concelho de Seia, existe uma grande proximidade entre a dispersão horária do número de ocorrências e da área ardida, estando as mesmas concentradas em dois períodos da 01h00 e a 01h59 e entre as 14h00 e as 16h59.

O período mais crítico para as ocorrências de incêndios florestais no concelho é entre as 12h00 e as 19h59, onde se concentram 54,7% do número total de ocorrências.

Já para a área ardida, os períodos mais críticos são das 01h00 às 01h59 e das 12h00 às 19h59, aos quais corresponde mais de 53,1% de toda a área ardida.

5.6 – ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS

Distribuição da área ardida por tipo de coberto vegetal 2007-2012



A distribuição da área ardida por tipo de coberto vegetal nos espaços florestais revela um grande peso da componente povoamentos com 89,7%. O ano de 2010, foi o ano em que mais povoamentos arderam com cerca de 3620,29 ha.

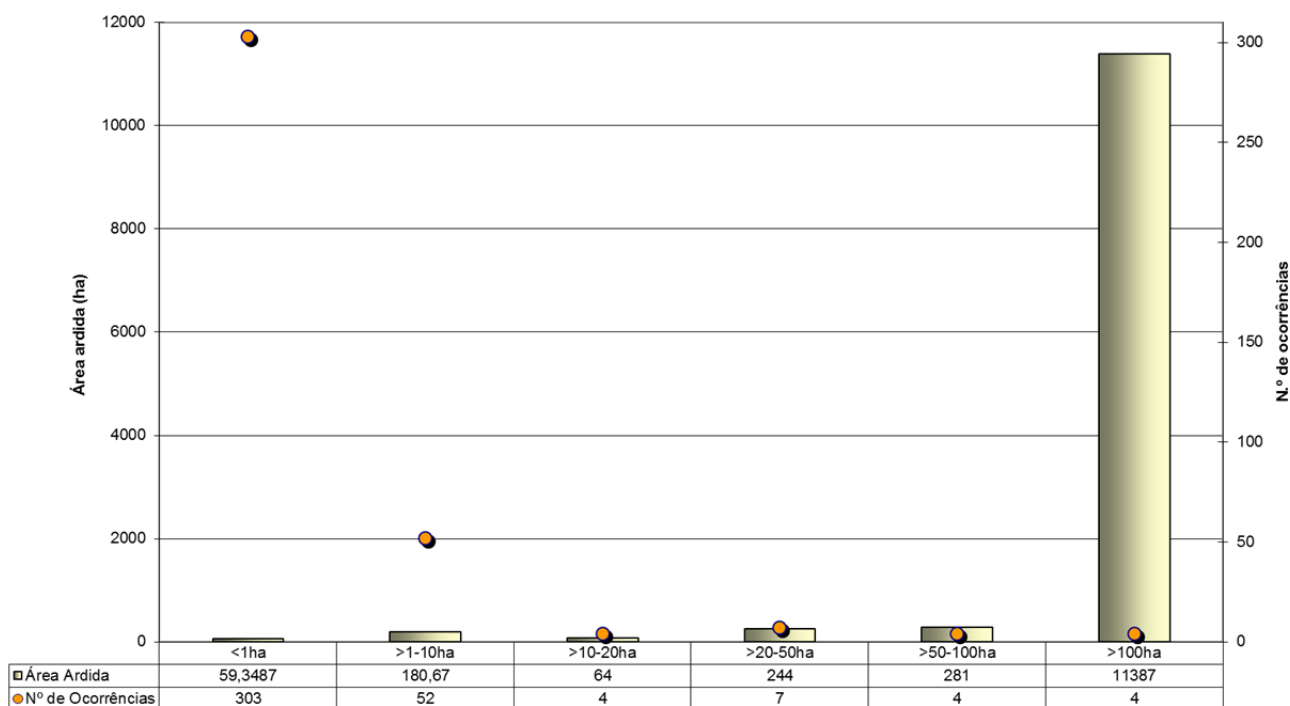
5.7 – ÁREA ARDIDA E NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO

A dispersão da área ardida e do número de ocorrências por classe de extensão revela o que temos vindo a referir: a maioria das ocorrências, que acontece nas freguesias mais a Norte, tem pequena dimensão, havendo um pequeno número de ocorrências que origina grande áreas ardidas, o que acontece onde se verifica uma maior continuidade dos espaços florestais, ou seja, no Sul do concelho.

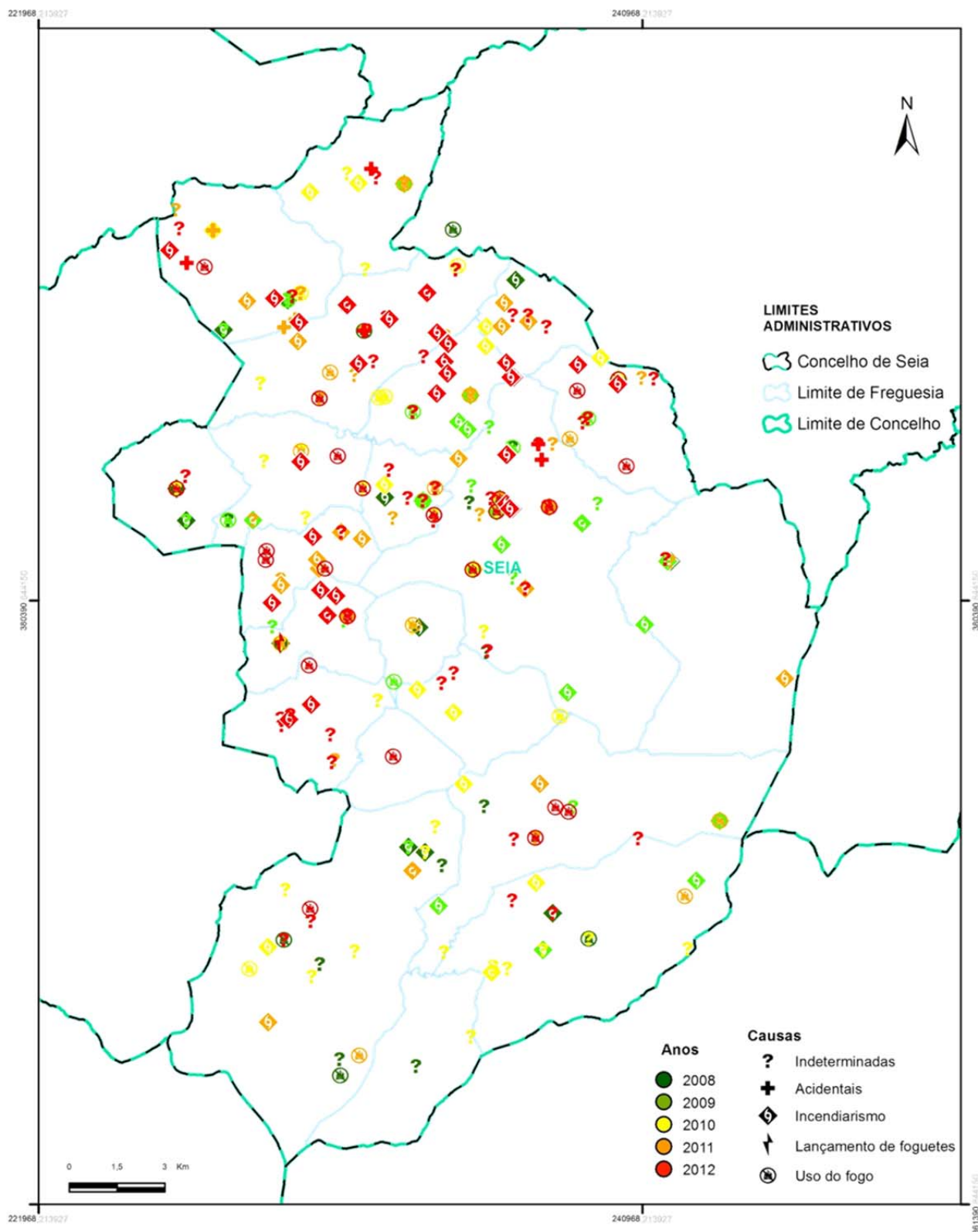
Houve 303 incêndios cujas áreas ardidas chegaram até 1ha, e apenas 4 ocorrências cujas áreas ardidas foram superiores a 100ha. Ou seja, verifica-se que 81% das ocorrências apresentam áreas ardidas baixas e 93% de áreas ardidas superiores a 100ha, apresentam um número de ocorrências muito baixo.

Este facto denota uma dificuldade de extinção dos incêndios, quando estes atingem grandes proporções, em especial devido à orografia do terreno, com declives muito acentuados, e à baixa densidade e mau estado de conservação da rede viária nas zonas de maior recorrência do fogo, ou seja, nas freguesias do Sul do concelho.

Distribuição da área ardida e n.º de ocorrências por classe de extensão 2007-2012



5.8- PONTOS DE INÍCIO E CAUSAS



MAPA DOS PONTOS DE INÍCIO E CAUSAS DOS INCÊNDIOS DO CONCELHO DE SEIA (2008 - 2012)

Projeção rectangular de Gauss
Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa
Coordenadas Hayford - Gauss

Elaboração: Março de 2014
MAPA N.º 17

Fonte(s):
IGP (2013), CMS 2014, DGRF (2007)

Na carta dos pontos de início e causas dos incêndios, é óbvia a maior concentração das ocorrências na porção Norte do concelho, sendo também evidente que a vasta maioria dos incêndios têm causas indeterminadas, apesar de, como sabemos, serem motivados pelo homem, quer por negligência, quer por incendiarismo.

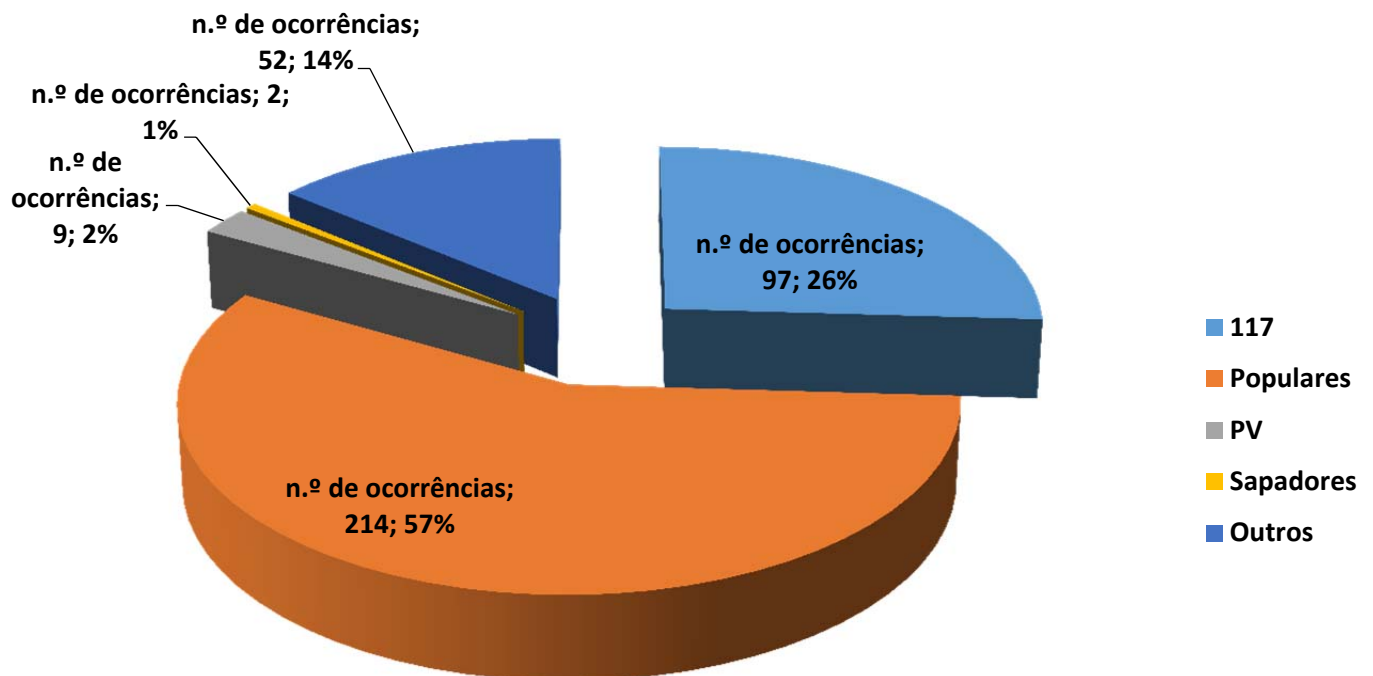
Freguesias	Causas	Total de Incêndios
Alvoco da Serra	Desconhecida	11
	Negligente	2
	Sub-total	13
Girabolhos	Desconhecida	6
	Intencional	6
	Negligente	1
	Sub-total	13
Loriga	Desconhecida	13
	Intencional	6
	Natural	1
	Negligente	2
	Sub-total	22
Paranhos da Beira	Desconhecida	7
	Intencional	10
	Negligente	6
	Sub-total	23
Pinhanços	Desconhecida	7
	Intencional	11
	Reacendimento	2
	Sub-total	20
Sabugueiro	Desconhecida	9
	Intencional	4
	Natural	1
	Sub-total	14
Sandomil	Desconhecida	15
	Intencional	3
	Sub-total	18
Santa Comba	Desconhecida	5
	Intencional	8
	Negligente	3
	Sub-total	16
Santiago	Desconhecida	4
	Intencional	5
	Negligente	1
	Sub-total	10

Freguesias	Causas	Total de Incêndios
Sazes da Beira	Desconhecida	1
	Negligente	1
	Sub-total	2
Teixeira	Desconhecida	1
	Sub-total	1
Travancinha	Desconhecida	7
	Intencional	1
	Sub-total	8
Valezim	Desconhecida	2
	Intencional	2
	Reacendimento	3
	Sub-total	7
Vila Cova à Coelheira	Desconhecida	4
	Intencional	5
	Natural	2
	Negligente	1
	Sub-total	12
U.F. de Carragosela e Várzea de Meruge	Desconhecida	8
	Intencional	16
	Natural	1
	Negligente	4
	Sub-total	29
U. F. de Sameice e Santa Eulália	Desconhecida	3
	Intencional	4
	Negligente	1
	Sub-total	8
U. F. de Santa Marinha e São Martinho	Desconhecida	10
	Intencional	6
	Negligente	1
	Sub-total	17
U. F. de Seia, S. Romão e Lapa dos Dinheiros	Desconhecida	36
	Intencional	35
	Natural	2
	Negligente	4
	Sub-total	77
U. F. de Torroselo e Folhadosa	Desconhecida	6
	Intencional	7
	Natural	1
	Reacendimento	1
	Sub-total	15
U. F. de Tourais e Lajes	Desconhecida	10
	Intencional	18

Freguesias	Causas	Total de Incêndios
	Negligente	6
	Reacendimento	3
	Sub-total	37
U. F. de Vide e Cabeça	Desconhecida	7
	Intencional	4
	Negligente	1
	Sub-total	12
Concelho de Seia	Desconhecida	171
	Intencional	151
	Natural	9
	Negligente	34
	Reacendimento	9
	Total	374

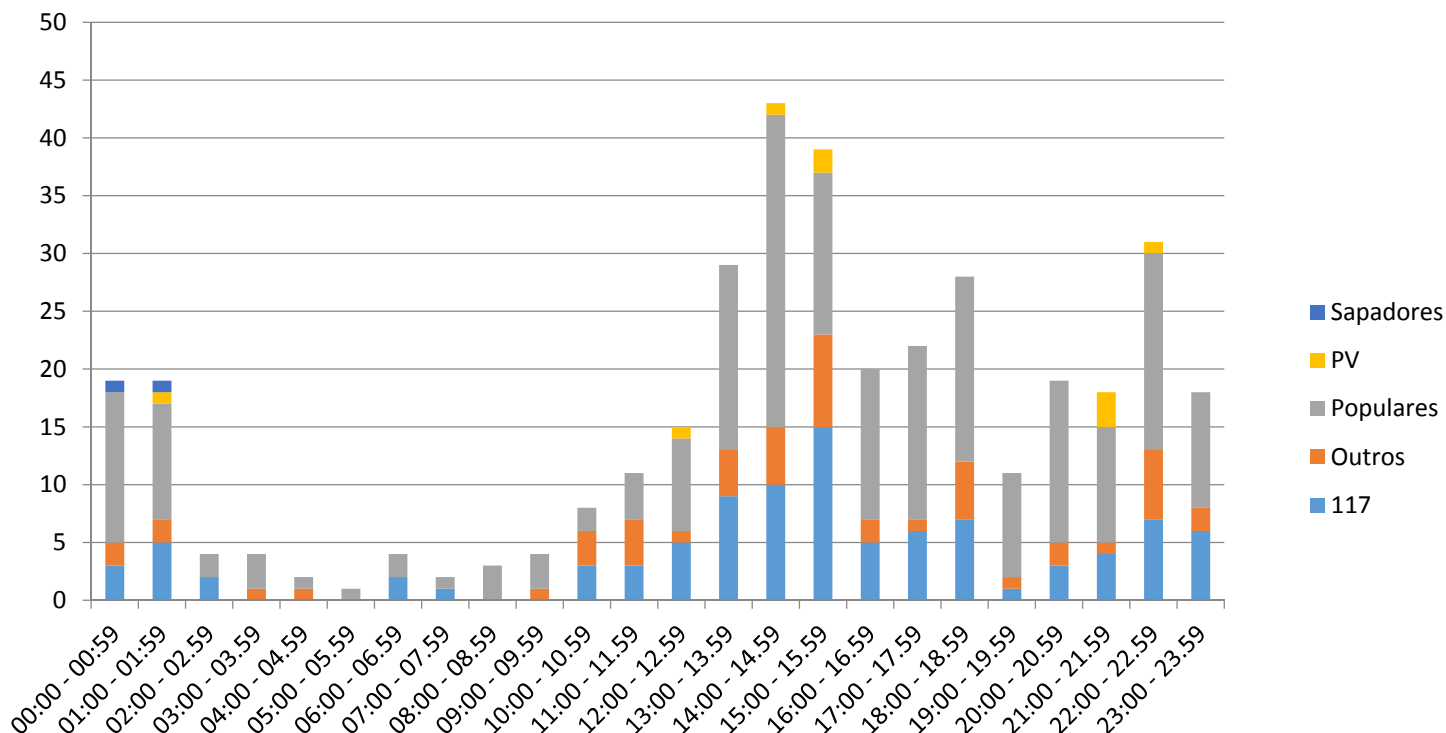
No que respeita às causas dos incêndios, a grande maioria resulta de mão criminosa. Ainda assim a negligência por parte da população no uso do fogo originou 34 incêndios no concelho de Seia. Esta negligência é ainda mais recorrente em áreas onde se pratica agricultura e pastorícia. A queima de sobrantes ou de pastos, origina por vezes incêndios. Apenas 9 incêndios tiveram origem em causas naturais, designadamente devido às trovoadas, cujas descargas elétricas originam focos de incêndio.

5.9 – FONTES DE ALERTA



Distribuição do n.º de ocorrências por fonte de alerta 2007-2012

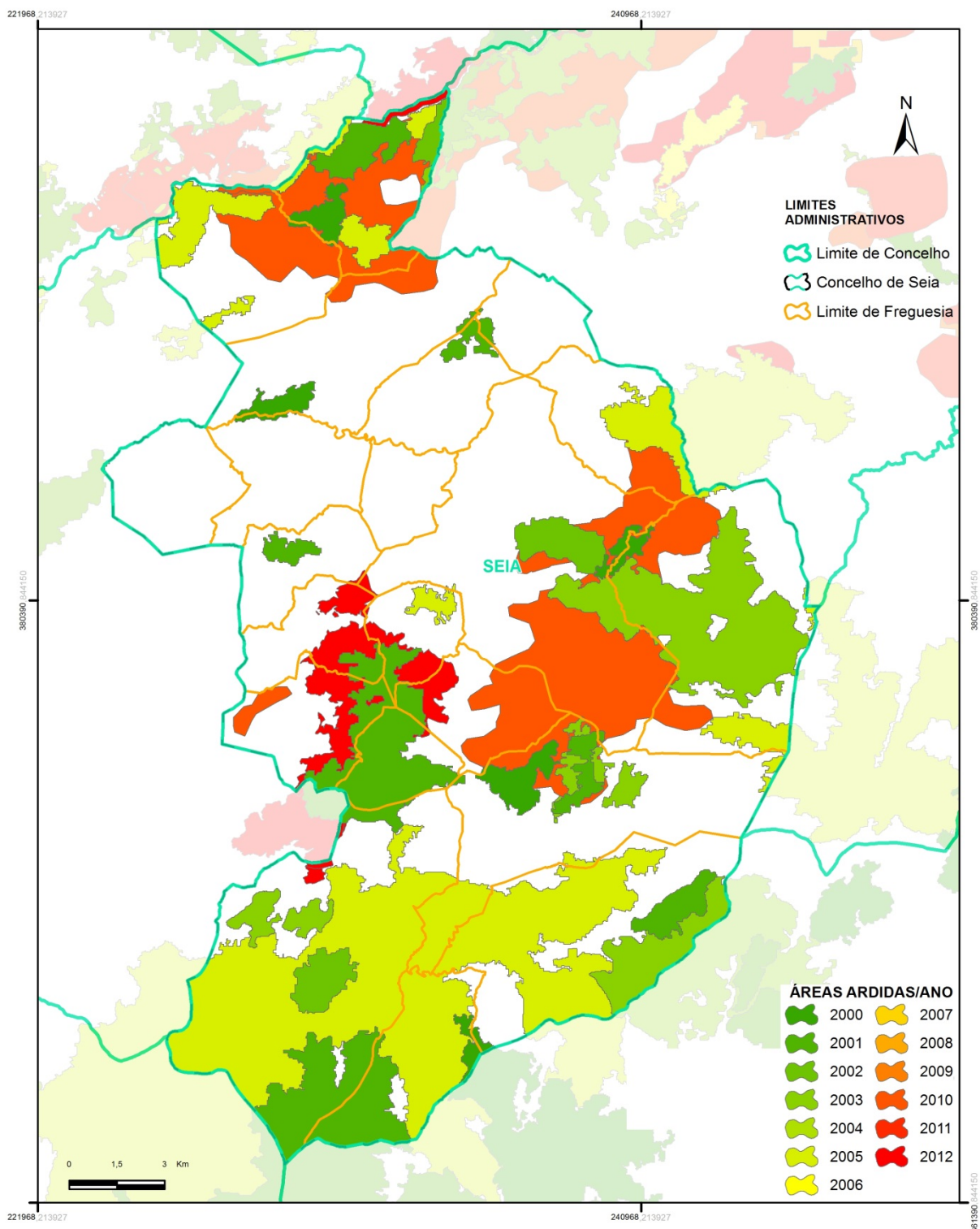
A distribuição do número de ocorrências por fonte de alerta no concelho aponta para os populares, fundamentais na vigilância e deteção de incêndios, como a principal origem dos alertas, seguido do número verde (117), também por ser grátis, mostra-se de grande valor para o alerta de incêndios florestais, tendo sido responsável por 97 alertas, assim como os alertas com origem nos Centros Distritais de Operações de Socorro, centros nevrálgicos de concentração da informação relativa à deteção de incêndios.

Distribuição do n.º de ocorrências por fonte e hora de alerta 2007-2012

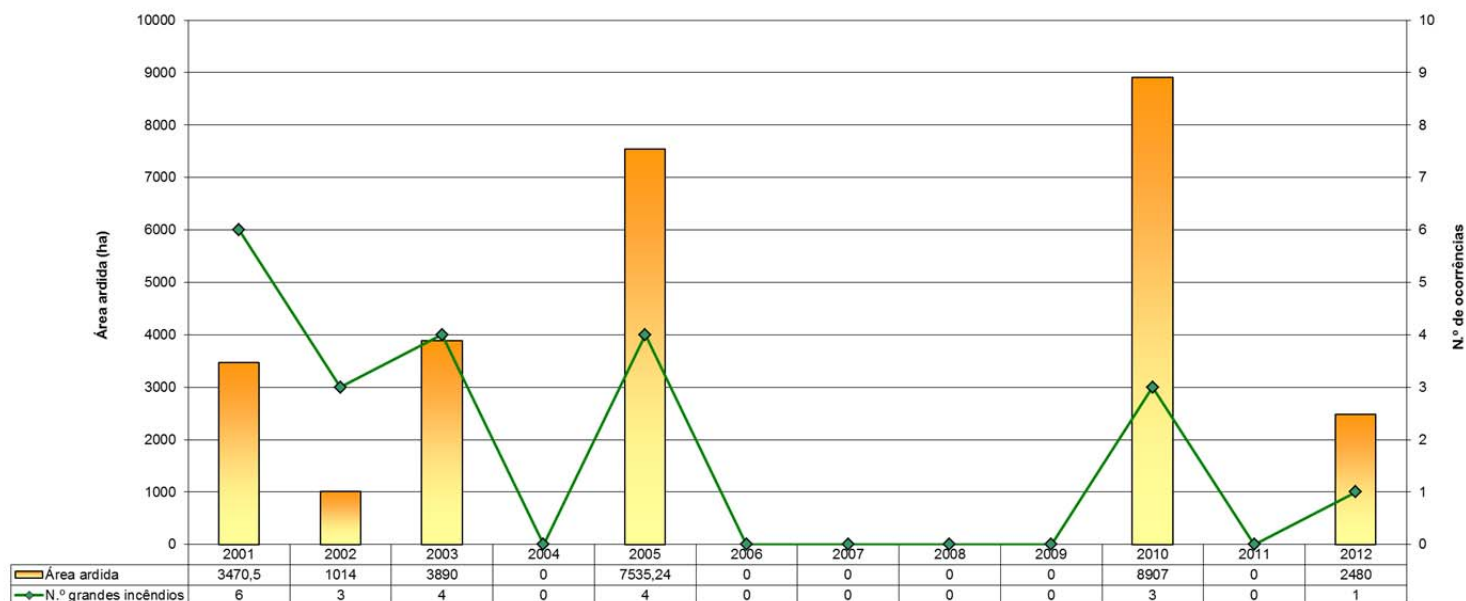
O gráfico de distribuição horária das fontes de alerta de ocorrências de incêndio segue o que referimos até aqui, com os populares a serem uma importante fonte de alerta e o maior número de alertas a serem desencadeados durante a tarde, especialmente no início da mesma, mas prolongando-se até cerca das 02h00, a partir do qual o período de atividade humana é menor, e portanto a probabilidade de deteção é menor.

5.10 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO ANUAL

O mapa das áreas ardidas nos grandes incêndios no concelho de Seia é igualmente desanimadora para as freguesias mais distanciadas da sede do concelho, especialmente as a Este e a Sul, verificando-se também a recorrência de grande incêndios em áreas que já tinham sido percorridas anteriormente pelos mesmos, assim que a vegetação volta a crescer, normalmente volvidos seis a dez anos.



 seia	MAPA DAS ÁREAS ARDIDAS DOS GRANDES INCÊNDIOS DO CONCELHO DE SEIA (2009 - 2012)		
	Projeção rectangular de Gauss Elipsóide de Hayford, Datum Lisboa Coordenadas Hayford - Gauss	Elaboração: Março de 2014 MAPA N.º 18	Fonte(s): IGP (2013), CMS 2014, ICNF (2013)

Distribuição anual da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios 2001 - 2012

A distribuição anual da área ardida e do número de ocorrências dos grandes incêndios no período 2001 a 2012 denota uma recorrência a cada três a quatro anos, tendo os anos de 2001, 2003, 2005 e 2010 registado o maior número de grandes incêndios. Já no que refere à área ardida, foram os anos de 2005 e, especialmente, 2010 que apresentaram os incêndios mais devastadores, com 7.535 e 8.907 hectares de área ardida, respetivamente.

Ano	Área Ardida (ha)			Total	%
	100-500	500-1000	>1000		
2001	4	0	2	6	30
2002	3	0	0	3	15
2003	1	1	1	3	15
2004	0	0	0	0	0
2005	3	0	1	4	20
2006	0	0	0	0	0
2007	0	0	0	0	0
2008	0	0	0	0	0
2009	0	0	0	0	0
2010	1	0	2	3	15
2011	0	0	0	0	0
2012	0	0	1	1	5
Total	12	2	7	20	

Olhando para o histórico dos grandes incêndios no concelho de Seia, nos últimos 12 anos, podemos observar que foi nos anos de 2001 e 2005 onde ocorreu o maior número de incêndios (10), correspondendo a 30% e 20% respetivamente.

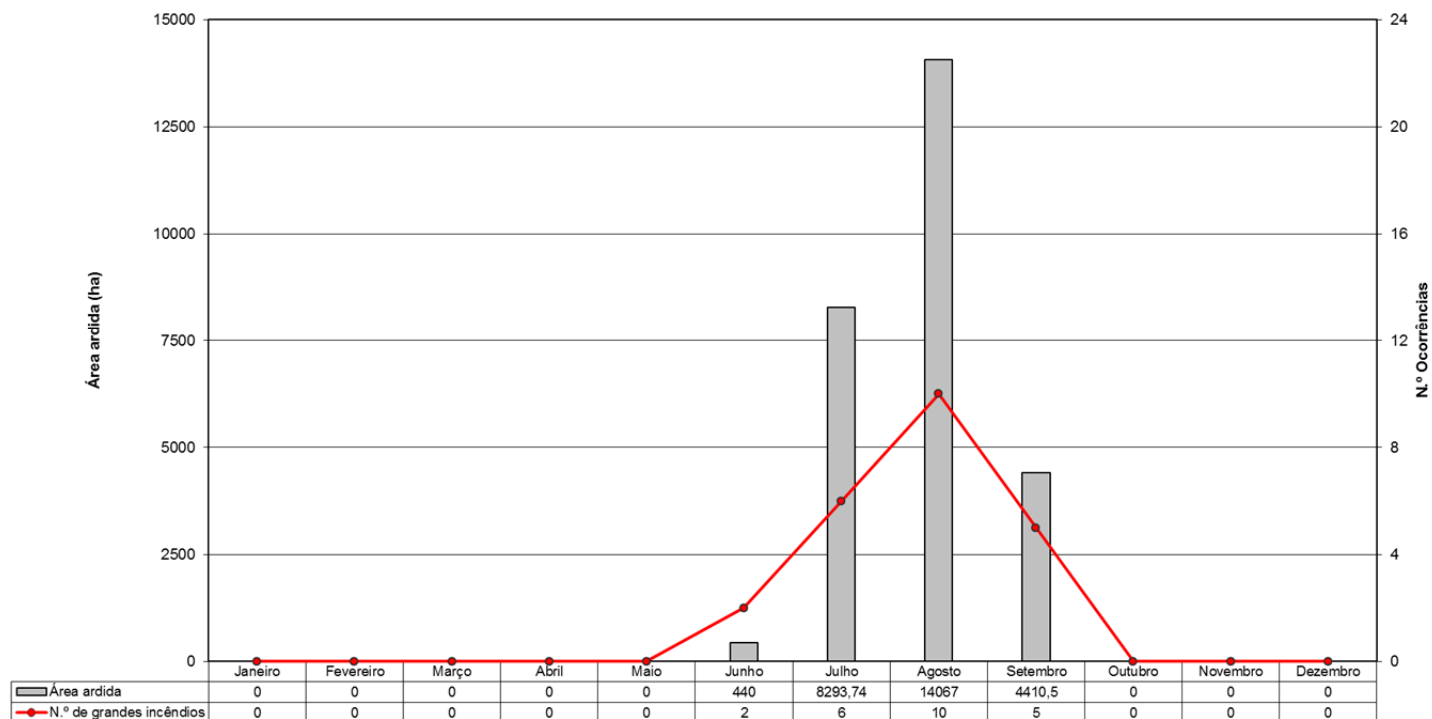
O número de grandes incêndios, com áreas ardidas compreendidas entre os 100 e os 500 hectares, é variável ao longo dos anos, atingiu o seu pico máximo em 2001 com 4 grandes incêndios. Os incêndios desta magnitude representam a grande maioria dos incêndios ocorridos.

No que diz respeito aos incêndios com área ardida compreendida entre os 500 e os 1000 ha, pode-se constatar que apenas num ano ocorreu 1 incêndio dessa magnitude.

Em relação aos incêndios com área ardida superior a 1000 ha, pode-se constatar que houve dois anos com dois grandes incêndios, em 2001 e 2010.

5.11 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO MENSAL

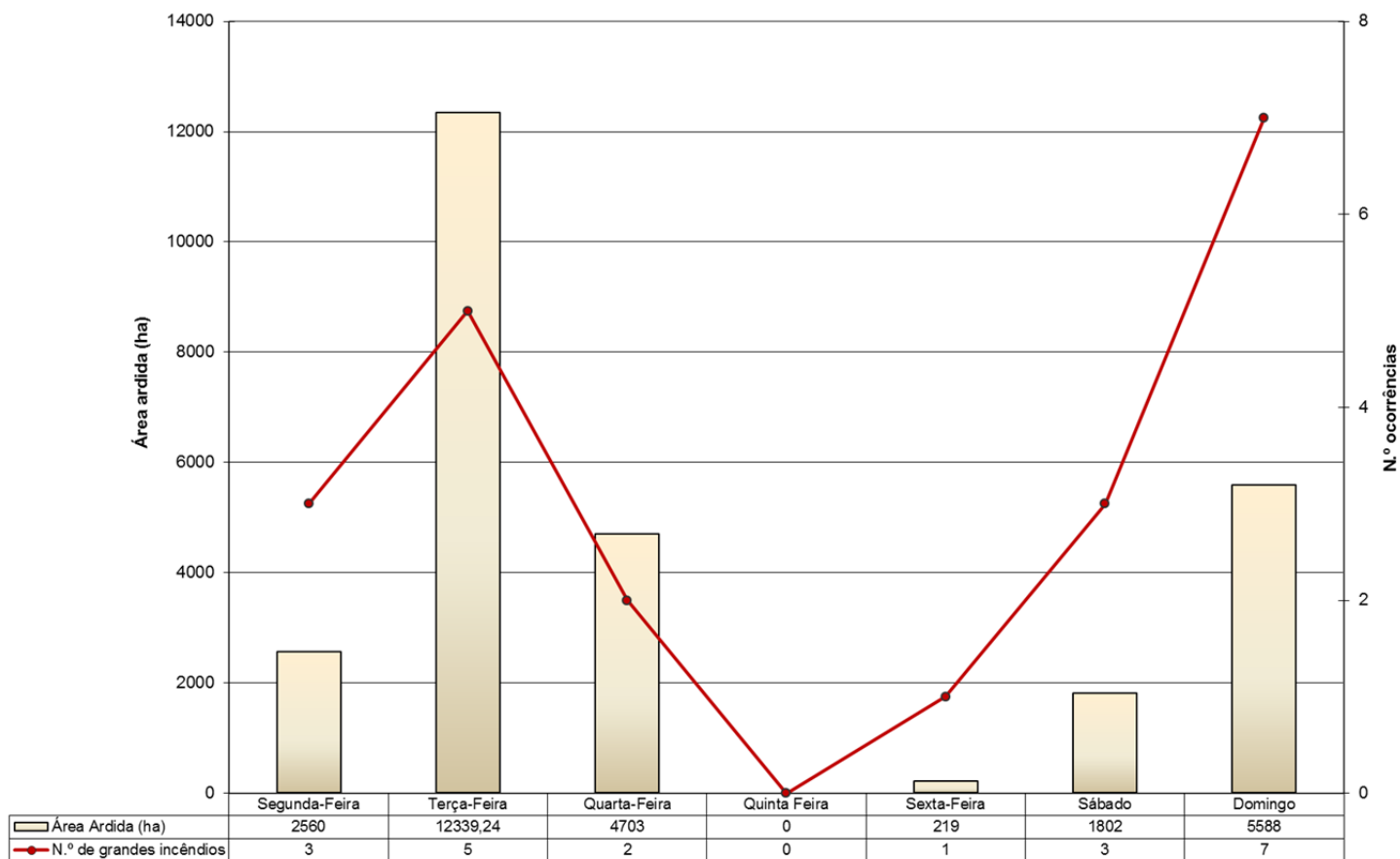
Distribuição mensal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios 2001-2012



A distribuição mensal da área ardida e do número de ocorrências nos grandes incêndios acompanha a distribuição dos valores para a totalidade dos incêndios, ou seja, com máximos das ocorrências e áreas ardidas nos meses de Julho, Agosto e Setembro.

5.12 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO SEMANAL

Distribuição semanal da área ardida e nº de ocorrências dos grandes incêndios 2001-2012

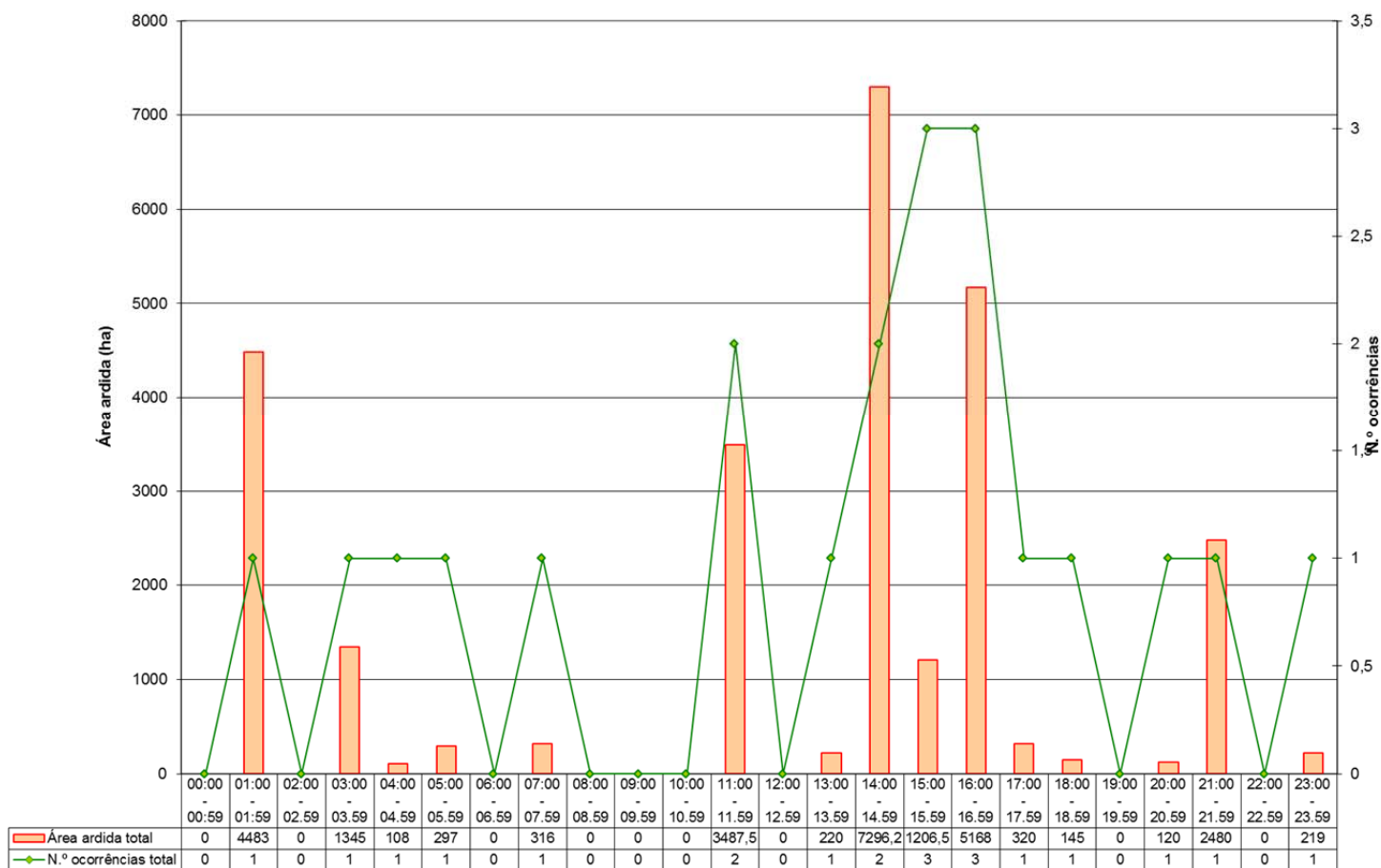


Já a distribuição dos grandes incêndios pelos dias da semana revela um comportamento diferente do apresentado pela generalidade dos incêndios, pelo menos no que concerne à área ardida, já que os valores ardidos à terça e quarta-feira são superiores aos do fim de semana, isto apesar do número de ocorrências ser menor. Pensamos que isto se deve, pelo menos em parte, à menor disponibilidade em meios humanos para a supressão durante a semana, relativamente ao fim de semana.

O número de ocorrências de grandes incêndios é coerente com o descrito para a generalidade dos incêndios ocorridos no concelho, sendo mais frequentes as ocorrências dos grandes incêndios ao fim de semana apesar de, como vimos, implicarem menores áreas ardidas.

5.13 – GRANDES INCÊNDIOS (>100 HA) – DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA

Distribuição horária da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios 2001-2012



A distribuição horária e área ardida em grandes incêndios é similar à manifestada pela maioria dos incêndios ocorridos no concelho, tendo ocorrido o maior número de grandes incêndios entre as 14h00 e as 16h59, cerca de 38% do total das ocorrências. Já para a área ardida nos grandes incêndios, permanecem os máximos das 14h00 às 14h59 e das 16h00 às 16h59.

6 – ANEXO – CARTOGRAFIA DE ENQUADRAMENTO